



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

Sara Daniela Valinhas Rodrigues

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA  
DE ENSINO SUPERVISIONADA**  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e  
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Os Provérbios como recurso cultural e educativo: projeto oficial  
no 1o ciclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação do  
Doutor Gonçalo Maia Marques

Maio de 2016



## AGRADECIMENTOS

Ao longo de toda a minha vida, nunca caminhei sozinha, nunca lutei sozinha, nunca caí sozinha e, muito menos, alcancei objetivos sozinha. Com os desafios que a vida impõe, fui descobrindo quem tinha do meu lado, mas não se pense que só de pessoas boas se faz aprendizagem, não. No entanto, este espaço eu vou dedicá-lo aos bons, aos que sempre acreditaram, honestamente que este dia ia chegar.

Antes de mais, obrigado a todos aqueles que, já depois de partirem, continuam a olhar por mim. Embora eu fosse muito pequena para vos ter falado dos meus sonhos, sei que estão por aqui à minha volta, a registar todos os meus pedidos (Avós).

À família, que abdicaram da minha presença para me deixarem voar e crescer, já para não falar de todos os sacrifícios, todas as horas em que custou mais um bocadinho, o meu objetivo foi sempre compensar cada um desses momentos de fraqueza (Pais, irmã, avós).

À minha maior fã e amiga, que independentemente de tanto chocarmos e nos desafiarmos, não há nada que apague os anos de cumplicidade que nos unem. Já para não falar que a primeira palavra encorajadora foi sempre a tua (Madrinha).

À minha confidente mais especial, porque fomos o suporte e a salvação uma da outra. Conhecemos o melhor e o pior uma da outra e sei que em cada momento da minha vida, as minhas emoções (boas ou más) são as tuas, isso será sempre impagável (Joana Filipa Ferreira).

Ao meu amigo, companheiro, amante e, sempre, sempre encorajador namorado. Graças a ti, alcancei com outro ânimo este objetivo. Alimentas-me a alma, acalmas-me o espírito e espicaças-me a coragem, como só tu sabes fazê-lo.

Ao meu par de estágio, que antes disso, sempre foi aquela amiga que esteja eu onde estiver sei que posso sempre ligar. Apesar da pessoa ocupada que és, encontrarás um jeito de me encontrar.

Aos professores, que nos acompanharam neste percurso académico, desde a licenciatura. Uma palavra de apreço, porque sem dúvida que não seria metade da profissional

que sou se não fossem eles. Obrigado por me ensinarem que um professor nasce e cresce aprendendo e desafiando-se.

Ao meu querido orientador, Gonçalo Marques, um especial obrigado para si. Foi incansável no apoio, na motivação, na aprendizagem. O seu amor a todas as causas fazem-me sempre acreditar num mundo bem melhor do que este.

Obrigado pela generosidade, às duas professoras cooperantes com quem me cruzei neste percurso académico do mestrado, não há palavras para o trabalho, que as duas desenvolveram connosco, pelo apoio e pelos ensinamentos.

Por fim, obrigado Senhor e Senhora Mãe, por me terem feito mais crente de Vós, por me fazerem olhar mais a Vossa grandiosidade e generosidade.

Obrigado à vida, por me ter oferecido tão maravilhosas e desafiadoras batalhas!

Espero mais, sempre mais...

## RESUMO

O presente relatório retrata um trabalho de investigação decorreu numa turma do 2º ano de escolaridade, com 22 alunos, numa escola do concelho de Viana do Castelo, no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionado II (PES II), durante o período referente ao terceiro semestre do plano curricular do curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico.

Um trabalho que se caracteriza pela sua inovação no quadro dos estudos na área da educação, mais ligado ao Estudo do Meio Social, e pela exposição do carácter cultural e educativo dos provérbios.

O estudo teve como objetivo compreender de que forma os provérbios podiam ser um apoio na aprendizagem de competências transversais às diversas áreas de aprendizagem. Por forma a orientar o problema, foram estipuladas as seguintes questões orientadoras: 1) Serão os provérbios um bom meio de transmissão de competências transversais às diversas áreas de aprendizagem? 1.1) Podemos considerar o provérbio um bom recurso de apoio à aprendizagem de competências sociais? 2) Qual o papel da família na aprendizagem e compreensão de provérbios?

Adotou-se para a realização deste trabalho de investigação uma metodologia qualitativa. Executando um estudo exploratório e recorrendo à técnica metodológica de Isabel Barca, aula-oficina. A recolha de dados centrou-se na observação naturalista e participante, efetuando registos audiovisuais, recolhendo documentos dos alunos e realizando questionários.

Após uma análise descritiva dos dados, foi possível concluir que os provérbios favorecem a aprendizagem de competências transversais e sociais. E que a família tem um papel fundamental nesta aprendizagem, embora não faça uso desse mesmo potencial.

Numa postura mais reflexiva, faz-se em última instância, uma retrospectiva de todo o percurso académico na PES I e II, contemplando as aprendizagens didáticas alcançadas e as experiências mais significativas.

**Palavras-chave:** provérbios; competências; transversalidade; família; educação



## **ABSTRACT**

The present report describes a research work which took place in a class of the 2nd year of schooling, with 22 students at a school in the municipality of Viana do Castelo, in the framework of the curricular unit of Practical Supervised Teaching II (SEP II), during the period for the third semester of the curriculum of the Master course in Pre-school Education and Education of the 1ºCiclo of Basic Education.

A work that stands out for its innovation in the framework of studies in the area of education, the more connected to the Study of the Social Environment, and by exposing the cultural and educational of the proverbs.

The study aimed to understand how the proverbs could be a support in the learning of transversal competences in the different areas of learning. To guide the problem, have been laid on the following issues guidelines: 1) Will be the proverbs a good means of transmission of transversal competences in the different areas of learning? 1.1) we Can consider the proverb a good resource to support learning of social skills? 2) What is the role of the family in the learning and understanding of proverbs?

Adopted for the realization of this research a qualitative methodology. Running a study is exploratory, and by using the technical methodology of Isabel Barca, lecture-workshop. The data collection has focused on observation of naturalistic and participant, making audiovisual recordings, collecting documents from students, and conducting questionnaires.

After a descriptive analysis of the data, it was possible to conclude that proverbs encourage the learning of transversal competences and social. And that the family has a fundamental role in this learning, although it does not make use of that potential.

In a posture more reflective, is in the last instance, a review of all the academic route in SEP I and II, covering the learning, teaching met, and the experiences more meaningful.

**Key words:** proverbs; competences; transversality; family; education





## INDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO .....	iii
ABSTRACT .....	v
INDICE DE FIGURAS .....	ix
INDICE DE ESQUEMAS.....	xi
INDICE DE TABELAS .....	xi
INDICE DE GRÁFICOS.....	xi
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xiii
NOTA INTRODUTÓRIA.....	2
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II (PES II) .....	4
Caraterização do Contexto Educativo .....	6
Caraterização do meio local .....	6
Caraterização da Escola e da Sala .....	6
Caraterização do grupo .....	10
Áreas de Intervenção .....	11
CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO .....	14
ORIENTAÇÃO PARA O PROBLEMA .....	16
PROBLEMA E QUESTÕES ORIENTADORAS .....	18
REVISÃO DE LITERATURA .....	20
O MEIO SOCIAL NO PROGRAMA DE ESTUDO DO MEIO, NO 2º ANO DE ESCOLARIDADE, NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO .....	20
PROVÉRBIO: ORIGEM E CONCEITOS .....	26
MEIO SOCIAL VS PROVÉRBIOS: UM OLHAR DE HOJE.....	32
O PROFESSOR COMO TRANSMISSOR DE VALORES.....	38
ESTUDOS EMPÍRICOS .....	44
METODOLOGIA.....	48
OPÇÕES METODOLÓGICAS .....	48
PARTICIPANTES .....	52
RECOLHA DE DADOS .....	52
OBSERVAÇÃO .....	53
MÉTODOS AUDIOVISUAIS .....	53
REGISTOS ALUNOS E FAMÍLIA .....	54
QUESTIONÁRIOS.....	54
INTERVENÇÃO EDUCATIVA .....	56

Tarefas da intervenção educativa .....	57
APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	60
RECOLHA DE PROVÉRBIOS (10.11.2015).....	60
QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS (23.11.2015).....	63
PARTILHA DE CONHECIMENTOS SOBRE OS PROVÉRBIOS (24.11.2015) .....	65
GRÃO A GRÃO CONSTRUÍMOS CASTELOS (27.11.2015) .....	68
AMIGO VERDADEIRO VALE MAIS DO QUE DINHEIRO (7.12.2015) .....	71
GINCANA DOS PROVÉRBIOS (18 A 31.12.2015) .....	72
MIMAR PROVÉRBIOS (18.1.2016) .....	81
AMOR COM AMOR SE PAGA (18.1.2016) .....	82
OS NOSSOS PROVÉRBIOS (LENÇOS DOS PROVÉRBIOS) (20.1.2016) .....	82
CONCLUSÕES.....	85
LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	91
RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES .....	91
CAPÍTULO III – REFLEXÃO FINAL.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	101
ANEXOS .....	107
ANEXO 1 – PLANIFICAÇÃO DE REFERÊNCIA.....	109
ANEXO 2 – CONSENTIMENTO INFORMADO .....	119
ANEXO 3 – EVIDÊNCIAS (RECOLHA DE PROVÉRBIOS) .....	121
ANEXO 4 – MODELO DO QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS .....	125
ANEXO 5 – EVIDÊNCIAS (IDEIAS PRÉVIAS - GRÃO A GRÃO ENCHE A GALINHA O PAPO).....	127
ANEXO 6 – POWERPOINT de APRESENTAÇÃO.....	131
ANEXO 7 – GRÃO A GRÃO CONSTRUÍMOS CASTELOS (HISTÓRIA DA VITÓRIA).....	131
ANEXO 8 – EVIDÊNCIAS (CONCLUSÕES - GRÃO A GRÃO ENCHE A GALINHA O PAPO) .....	132
ANEXO 9 – EVIDÊNCIAS (DESENHOS FINAIS - GRÃO A GRÃO ENCHE A GALINHA O PAPO)..	135
ANEXO 10 – CÓDIGO MISTÉRIO (MODELO) .....	141
ANEXO 11 – EVIDÊNCIAS (IDEIAS PRÉVIAS: AMIGO VERDADEIRO VALE MAIS DO QUE DINHEIRO) .....	143
ANEXO 12 – EVIDÊNCIAS (CONCLUSÕES: AMIGO VERDADEIRO VALE MAIS DO QUE DINHEIRO) .....	145
ANEXO 13 – GINCANA DOS PROVÉRBIOS (MODELO) .....	149
ANEXO 14 – EVIDÊNCIAS (DESAFIO FINAL DA GINCANA DOS PROVÉRBIOS).....	153
ANEXO 15 – QUESTIONÁRIO À FAMÍLIA (MODELO) .....	159
ANEXO 16 – EVIDÊNCIAS (AMOR COM AMOR SE PAGA) .....	161
ANEXO 17 – LENÇOS DOS PROVÉRBIOS .....	167

## INDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Localização no mapa do distrito de Viana do Castelo.....	6
<b>Figura 2</b> - Carga horária semanal do 1º e 2º ano do 1º ciclo do ensino básico .....	23
<b>Figura 3</b> - Imagem ilustrativa da recolha de provérbios .....	60
<b>Figura 4</b> - Figura ilustrativa da questão 1 do questionário dos alunos .....	63
<b>Figura 5</b> - Figura ilustrativa da questão 2 do questionário dos alunos .....	64
<b>Figura 6</b> - Figura ilustrativa da questão 3 do questionário dos alunos .....	64
<b>Figura 7</b> - Figura ilustrativa da história da Vitória (autoria de Sara Rodrigues) .....	68
<b>Figura 8</b> - Figura da apresentação da tarefa grão a grão construímos castelos .....	69
<b>Figura 9</b> - Figura presente na apresentação do grão a grão construímos castelos .....	69
<b>Figura 10</b> - Figura de apresentação do grão a grão enche a galinha o papo .....	70
<b>Figura 11</b> - Esquema do código mistério.....	71
<b>Figura 12</b> - Capa da gincana dos provérbios .....	72
<b>Figura 13</b> - 1º desafio da gincana dos provérbios.....	73
<b>Figura 14</b> - 2º desafio da gincana dos provérbios.....	74
<b>Figura 15</b> - 3º desafio da gincana dos provérbios.....	74
<b>Figura 16</b> - 4º desafio da gincana dos provérbios.....	75
<b>Figura 17</b> - 5º desafio da gincana dos provérbios.....	75
<b>Figura 18</b> - 6º desafio da gincana dos provérbios.....	76
<b>Figura 19</b> - 7º desafio da gincana dos provérbios.....	76
<b>Figura 20</b> - Desafios finais da gincana dos provérbios .....	77
<b>Figura 21</b> - Certificado de participação no desafio final dos provérbios (modelo).....	77
<b>Figura 22</b> - Evidência (Os nossos provérbios) .....	82
<b>Figura 23</b> - Exemplo de um protótipo de um lenço dos provérbios .....	83
<b>Figura 24</b> - Confeção dos Lenços dos Provérbios.....	83



## INDICE DE ESQUEMAS

<b>Esquema 1</b> - Componentes essenciais dos provérbios .....	29
<b>Esquema 2</b> - Quatro pilares da educação .....	39
<b>Esquema 3</b> - Teoria de desenvolvimento de Kohlberg .....	40
<b>Esquema 4</b> - Aula-oficina Isabel Barca (2004).....	49
<b>Esquema 5</b> - Intervenção Educativa.....	56
<b>Esquema 6</b> - Crucigrama das tarefas da intervenção educativa .....	57

## INDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Domínios de intervenção educativa.....	7
<b>Tabela 2</b> - Composição do edifício .....	8
<b>Tabela 3</b> - Inventário material didático.....	9
<b>Tabela 4</b> - Blocos e temas de Estudo do Meio do 2º ano de escolaridade .....	22
<b>Tabela 5</b> - O conceito de provérbio.....	30
<b>Tabela 6</b> – Recolhas de provérbios pelos alunos .....	60
<b>Tabela 7</b> - Perspetivas de definição do 1º desafio da gincana dos provérbios.....	73
<b>Tabela 8</b> - Tabela de conclusões .....	87

## INDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Representação gráfica das respostas à questão 1 do questionário dos alunos.....	63
<b>Gráfico 2</b> - Representação gráfica das respostas à questão 2 do questionário dos alunos.....	64
<b>Gráfico 3</b> - Representação gráfica das respostas à questão 3 do questionário dos alunos.....	64
<b>Gráfico 4</b> - Gráficos das respostas.....	80



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

PES I e II – Prática de Ensino Supervisionada I e II

AEC – Atividade extracurricular

PE – Professora Estagiária

PEI – Professora Estagiária-Investigadora

PTT – Professora Titular de Turma

PEM – Programa de Estudo do Meio

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais





## NOTA INTRODUTÓRIA

O presente relatório apresenta uma investigação levada a cabo no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionado II (PES II), do curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico. O contexto escolar, onde decorre a investigação, pertence ao concelho de Viana do Castelo e é constituído por uma turma do 2º ano de escolaridade, com 22 alunos de idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos.

A investigação procurou perceber, fundamentalmente, a dimensão do conhecimento dos alunos em volta da temática dos provérbios. Os provérbios são património imaterial da sociedade, sendo que têm vindo a ser esquecidos e desvalorizados na educação. São frases idiomáticas que contemplam um conteúdo moral e cívico e que, de forma desafiadora, transmitem valores importantes para a educação de qualquer ser humano.

Os provérbios caracterizam-se pela sua atemporalidade e a não pertença a um autor ou povo concreto. Eles surgiram há milhares de anos atrás e carregam ensinamentos que não se alteram com o tempo. Aspectos como o amor, amizade, gratidão, responsabilidade, fraternidade, educação são algumas das dimensões que os provérbios pretendem transmitir.

Acredita-se que o facto de os alunos não dominarem conhecimentos acerca deste tema, possa suscitar um mistério e desafio à sua descoberta mais alargada, embora o carácter imaturo dos alunos em questão possa dificultar a sua compreensão.

O estudo realizado procura encontrar respostas para as seguintes questões: Serão os provérbios um bom meio de transmissão de competências transversais a todas as áreas de aprendizagem? Podemos considerar o provérbio um bom recurso de apoio à aprendizagem de competências sociais? E qual o papel da família na aprendizagem e compreensão de provérbios?

Através de uma metodologia qualitativa, para responder ao problema levantado: Que papel desempenham os provérbios na aprendizagem de conteúdos educativos transversais no 1º ciclo?

É apresentado, neste relatório, todo o processo de investigação por capítulos.

No Capítulo I são apresentados dados relativos ao local onde decorreu a intervenção educativa, tendo em conta que esses dados não incorrem numa identificação direta do local, permitindo a confidencialidade do estudo. Os dados apresentados remetem para o meio local, o meio escolar e o grupo com que se realizaram as intervenções.

O Capítulo II é constituído pelas etapas de realização da investigação. Começa por apresentar a pertinência do estudo, o problema e as questões orientadoras da investigação, a revisão de literatura que fundamenta o processo investigativo, as opções metodológicas

adotadas, a apresentação dos dados recolhidos e da sua análise e as respetivas conclusões às questões levantadas.

Por último, no capítulo III, é apresentada uma reflexão relativa a toda a experiência vivenciada na PES, I e II, cujo objetivo é referir a pertinência da oportunidade que temos em vivenciar a prática na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico.

## **CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II (PES II)**

O presente capítulo pretende caracterizar e contextualizar o contexto educativo onde decorreu a PES II. A caracterização será feita tendo em conta os aspetos socioeconómicos da população e da turma onde foi intervencionado o estudo. De entre as características da turma, serão tidos em conta aspetos do seu comportamento e do seu processo de aprendizagem.



## CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

### CARATERIZAÇÃO DO MEIO LOCAL

O contexto educativo, onde decorreu a PES II, pertence a uma união de freguesias do concelho de Viana do Castelo. Este concelho é a capital do distrito de Viana do Castelo, pertencente à região Norte, mais propriamente à sub-região (NUTIII), Minho-Lima.

Está, geograficamente, situada no litoral do país, fazendo fronteira com os concelhos de Barcelos, Esposende, Caminha e Ponte de Lima. A sua área territorial ronda os 319km<sup>2</sup> com cerca de 91000 habitantes (INE, 2011). Após a reorganização administrativa, Viana do Castelo é constituída por 27 uniões de freguesia que agregam 40 freguesias.

Trata-se de um meio semiurbano, cujo património cultural se assemelha a tantos outros meios típicos da região minhota: igrejas, pontes medievais, cruzeiros, largos, ribeirinhas, praias fluviais e o artesanato. O artesanato são os artefactos em madeira e os bordados.

Este meio local caracteriza-se pelos seguintes setores laborais: serralharia, metalomecânica, transformação de madeira, indústria têxtil, construção civil, comércio e uma rede de serviços (sociais, saúde, educação, comunicação, segurança e transportes).

### CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA SALA

#### A Escola

O presente estudo foi realizado nas instalações de um centro escolar, pertencente ao Agrupamento de Escolas, cujo projeto educativo tem como plano central “a promoção de competências e saberes, educar para a cidadania”.

O agrupamento de escolas possui 6 estabelecimentos de ensino do pré-escolar ao ensino secundário. Por se situar a mais de 10 km do centro de Viana do Castelo, os alunos deste agrupamento pertencem a 5 freguesias vizinhas, bem como do concelho vizinho.



Fonte:

[http://www.whatamieating.com/viana\\_do\\_castelo.html](http://www.whatamieating.com/viana_do_castelo.html)

**Figura 1** - Localização no mapa do distrito de Viana do Castelo

Com base nos dados fornecidos pelo projeto educativo do Agrupamento, em 2012, o 1º ciclo possuía 18 turmas e cerca de 351 alunos.

O projeto educativo tem como meta “aumentar a qualidade do sucesso dos alunos do Agrupamento, ao nível académico, pessoal e cívico”, tendo por base os seguintes domínios de intervenção, que apresento em tabela:

**Tabela 1** - Domínios de intervenção educativa

<b>A – Sucesso Educativo e Desenvolvimento Integral dos alunos</b>
1. Sucesso Académico
2. Desenvolvimento Pessoal e Social
<b>B – Organização Curricular e Pedagógica</b>
1. Planificação da Ação Educativa
2. Desenvolvimento da Ação Educativa
3. Avaliação das Aprendizagens
4. Escola como lugar de aprendizagem da restante comunidade educativa
<b>C – Organização e Gestão</b>
1. Infraestruturas e Equipamentos
2. Gestão de Recursos Humanos
3. Gestão de Recursos Materiais e Financeiros
4. Autoavaliação
<b>D – Relação Escola - Comunidade</b>
1. Família
2. Instituições Públicas e/ou Privadas
3. Identidade do Agrupamento

Fonte: Projeto Educativo de Escola

**O corpo docente** é composto por uma educadora de infância; oito professores titulares, um professor de educação especial, dois professores de apoio educativo. Não estão contabilizados os professores das AEC (Atividades Extracurriculares) porque a quando da recolha de informação, as colocações ainda não estavam definitivas.

Frequentam este centro escolar cerca de 185 alunos no ensino pré-escolar e no 1º ciclo, correspondendo a uma turma de pré-escolar, duas turmas de 1º ano, uma turma de 2º ano, 1 turma de 2º/3º ano, duas turmas de 3º ano e duas turmas de 4º ano.

Relativamente ao corpo não docente, a escola conta com os serviços de 3 auxiliares de ação educativa contratadas pelo Ministério da Educação, 1 contratada pela câmara municipal. Na cozinha o serviço é prestado por 2 cozinheiras da câmara municipal com o apoio de 4 tarefeiras.

**O edifício** apresenta um estilo moderno, com linhas quadradas e grandes dimensões. Apresento em tabela a sua composição interior e exterior:

**Tabela 2 - Composição do edifício**

No interior	No exterior
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 Salas de aula;</li> <li>• 1 Sala de ensino pré-escolar;</li> <li>• Casas de banho (diferentes para alunos e professores);</li> <li>• 1 Sala de arrumação de material para atividades de expressão físico motora;</li> <li>• 1 Sala de arrumação de material didático;               <ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 Biblioteca;</li> <li>• 1 Sala de Informática;</li> <li>• 1 Sala de professores,</li> <li>• 1 Cantina;</li> </ul> </li> <li>• 1 Pavilhão gimnodesportivo (com dois balneários);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Um parque infantil;</li> <li>• Um campo de jogos;</li> <li>• Um espaço extenso de jardim para brincadeiras, com dois espaços cobertos;</li> </ul>

**Fonte:** elaboração própria baseado em documentação fornecida pela instituição

A escola encontrasse devidamente equipada em termos de material, desde material didático, laboratório, expressão físico-motora e informático, na tabela podemos ver, de forma generalizada o material existente:

**Tabela 3** - Inventário material didático

<b>Material Didático</b>	<b>Material de Laboratório</b>	<b>Material para Expressão Físico-motora</b>	<b>Material Informático</b>
Ábacos; Ampulhetas; Balanças; Baldes com blocos lógicos e blocos padrão; Caixas medidoras; Sólidos Geométricos; Compassos de quadro; Cuisinaire; Dados; Fitas métricas; Geoplanos; Jogos didáticos; Letras magnéticas; Material Multibase; Pentaminós; Poliedros; Relógios; Tangrans; Entre outros;	Alicate; Almofariz; Balança; Caleidoscópio; Candeeiro; Cronómetro; Espelho; Estufas; Fio de cobre com crocodilos; Frasco contagotas; Funis; Goblés; Interruptor; Lupas; Luvas; Microscópio; Pinças; Provetas; Simulador do ciclo da água; Tabuleiros; Termómetros; Tinas de vidro; Tronco (órgãos); Varetas	Arcos; bases; bastões; bolas variadas; colchões; coletes; sinalizadores; cordas; alvos; raquetes; rede de voleibol	Computadores; Projetores; Impressoras; Colunas; Microfones; Mesas de mistura;

**Fonte:** elaboração própria baseado em documentação fornecida pela instituição

Em 2008, foi realizado pela Inspeção Geral de Educação, pertencente ao Ministério da Educação, uma avaliação externa ao Agrupamento. Nesta avaliação foram considerados os seguintes parâmetros: resultados, prestação de serviço educativo, organização e gestão escolar, liderança, capacidade de autorregulação e melhoria do agrupamento. A equipa de avaliadores concluiu que o agrupamento possuía condições para ser considerado **Bom**.

**A Sala da Turma** situava-se no andar de cima do edifício. Possui uma ótima iluminação natural e janelas que permitem uma boa circulação do ar.

Relativamente a mobiliário contém mesas e cadeiras, um quadro branco, quadros de cortiça, armários, uma banca com torneira que se encontra funcional, cabides e uma secretária de professor.



A disposição das mesas na sala é diferente de outras que conheci. A secretária do professor não está à frente, mas de lado. Os alunos estão dispostos em filas de mesas juntas, sendo que 3 estão separados do restante grupo, por motivos de comportamento.

Os dias, para os alunos desta sala, organizam-se com rotinas típicas do 1º ciclo do ensino básico. Iniciam-se com a distribuição dos cadernos diários, a escrita da data, o nome e o abecedário e distribuição dos leites achocolatados. Nas deslocações de saída para os intervalos e entradas para a sala, os alunos organizam-se em filas indianas, por ordem alfabética, com o delegado à frente e o subdelegado atrás. Este é um método utilizado pela escola por motivos de segurança. No caso de haver algum acidente na escola, os alunos já conhecem como se devem organizar para sair em segurança do interior do edifício.

## **CARATERIZAÇÃO DO GRUPO**

### Caraterísticas Socioeconómicas

A turma é composta por 22 alunos do 2º ano de escolaridade, 10 meninas e 12 meninos, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos de idade.

As famílias são, na sua grande maioria, mononucleares (tradicionalistas). Um dos alunos é órfão de mãe, vive com o pai.

Relativamente a fatores socioeconómicos, 68% da turma não possui subsídio da segurança social, os restantes 32% tem escalão A ou B.

Apenas 3 alunos tem os seus pais desempregados. Os pais que se encontram em situação profissional ativa pertencem ao sector secundário e terciário.

As habilitações literárias dos pais dos alunos são variadas, desde o 1º ciclo à licenciatura. Quatro dos pais são licenciados e a maioria tem, pelo menos, o 3º ciclo de ensino básico.

Pode considerar-se que os alunos da turma não pertencem a um meio desfavorecido, apesar de apresentarem algumas dificuldades económicas, não se evidenciam casos extremos de pobreza. Alguns alunos apresentam problemas de saúde, tais como: hiperatividade diagnosticada e medicada, apraxia oculomotora e epilepsia (mesma aluna) e gaguez.

### Caraterísticas Educativas

De um modo geral, a turma caracteriza-se pela sua organização e acolhimento. É composta por crianças motivadas que recebem estagiárias com vontade de aprender com elas.

Este grupo caracteriza-se por uma forte heterogeneidade, relativamente a níveis de aprendizagem, áreas de preferência, níveis de empenho e de comportamento.

Cerca de metade da turma apresenta um aproveitamento muito bom em todas as áreas, outra metade encontra-se num nível de aproveitamento suficiente na área do Português e da Matemática.

Apesar de ser uma turma disposta a atividades ligadas às expressões, em atividades realizadas nessa área podem observar-se baixos níveis de desenvolvimento, desde a expressão plástica à expressão motora.

Relativamente às competências na área da Matemática, alguns alunos revelam dificuldades no raciocínio matemático e na comunicação matemática. Efetuam cálculos pela contagem dos dedos, havendo situações em que evidenciaram dificuldades no sentido de número.

A relação que estabelecem com a leitura e a escrita foi um dos aspetos notados no desenvolvimento dos alunos por não possuírem hábitos de leitura regulares, o que faz com que o seu vocabulário e o seu léxico seja mais pobre.

Uma das alunas da turma possui necessidades educativas especiais, tendo ficado retida no 1º ano. Uma vez por semana tem acompanhamento escolar com uma professora de apoio.

Outro dos problemas, que prejudica mais as aprendizagens, é o comportamento de alguns alunos. São problemas relacionados com atenção e saber estar, alguns casos de má educação para com docentes e não docentes.

## **ÁREAS DE INTERVENÇÃO**

Após as semanas destinadas à observação, foi possível diagnosticar as áreas de aprendizagem passivas de melhoramento. Foram três semanas nas quais era necessário tomar conhecimento dos níveis de aprendizagem, desenvolvimento, de trabalho e de comportamento dos alunos da turma.

No decorrer dessas semanas, as professoras-estagiárias (PE) estabeleceram um contacto mais direto com os alunos, o que possibilitou fazer uma análise mais aprofundada, com o apoio da professora titular da turma (PTT), das áreas a intervir de forma mais apropriada.

A intervenção educativa realizou-se durante várias semanas, duas delas foram intensivas (de segunda a sexta-feira), as restantes de segunda a quarta-feira. Os conteúdos, a lecionar em cada uma das semanas, eram estipulados pela PTT.

Com base nesses conteúdos, as PE planeavam e organizavam a semana de intervenção, que era revista e aprovada pela PTT e pelos professores supervisores das diferentes áreas de aprendizagem, constituindo assim um trabalho a várias mãos, colaborativo.

Nesse planeamento eram tidos em conta, sempre, os aspetos diagnosticados como de intervenção necessária. Acordando, entre o par e a PTT, que as aulas iriam ser o mais dinâmicas e práticas possíveis, realizando um subtil desprendimento do manual. Apresentamos, no anexo 1, uma planificação de referência de todas as aulas implementadas.

A interdisciplinaridade dos conteúdos foi a chave para a gestão das atividades. Era impreterível fazer todo o possível por fazer relacionar os conteúdos com todas as áreas do saber, com vista a desfazer o conceito de aulas por áreas.

Na área do Português, os conteúdos lecionados foram relativos aos tipos de texto (instrucional, carta/convite, descritivo) e gramática (género, sinónimos/antónimos, acentuação, família de palavras). Ainda que em todas as planificações tivéssemos tido em conta momentos de leitura e de escrita, essas duas competências precisam de ser trabalhadas com bastante frequência. Os alunos devem ser convidados e incentivados a ler mais. A lerem tudo aquilo que quiserem. É com hábitos de leitura mais fortes que o campo lexical dos alunos aumenta e poderá diminuir a dificuldade na escrita, bem como os erros dados.

Foi esse o caminho que o par de estágio escolheu, criar mais momentos de escrita e de leitura, diferentes dos habituais.

A Matemática foi uma área que, ao contrário do que se vê na maioria das turmas, não causou conflitos. Foram introduzidos conteúdos como adição, subtração, números pares e ímpares, multiplicação e tabuada.

Os alunos foram confrontados frequentemente com abordagens, à Matemática, diferentes das que estavam habituados. A dinâmica criada em volta da matemática, motivadora da partilha das formas de pensar, dos raciocínios de cada um, foi desenvolvendo nos alunos um à-vontade maior na comunicação matemática. Espontaneamente, anunciavam que queriam partilhar a sua forma de raciocínio, os meios que utilizaram para chegar a determinada resolução.

Ainda na área da Matemática, o par de estágio incutiu nas suas aulas atividades lúdicas que permitiam aos alunos utilizar o pensamento (cálculo mental) para responder a determinada questão/cálculo apresentado. O recurso ao algoritmo foi exponencialmente diminuído.

Relativamente, à área do Estudo do Meio, alguns alunos (ainda na fase da observação) tinham demonstrado dificuldade na localização espaciotemporal, o que nos preocupou. Para esse aspeto foi apresentado e jogado um jogo com os alunos que clarificou as dúvidas nesta matéria. Os conteúdos apresentados, nesta área, foram os sentidos, a validade dos alimentos, as profissões, as instituições e serviços, os meios de comunicação pessoal e social.

As Expressões foram trabalhadas, transversalmente, com as outras áreas.

Na Expressão Físico Motora as atividades foram sempre planejadas com o objetivo de desenvolver as habilidades motoras, nunca esquecendo a envolvimento na temática da semana. As restantes expressões surgiam relacionadas com os conteúdos das diferentes áreas.

A Expressão Plástica esteve presente em diversas atividades como a construção do cartucho de São Martinho, o telefone dos segredos, os Lenços dos Provérbios e em alguns dos desafios do Senhor Misterioso (recurso didático para uso autónomo dos alunos). A atividade de mimar provérbios permitiu os desenvolvimentos de algumas competências de expressão dramática.

Os Provérbios foram um aspeto trabalhado em todas as semanas da minha intervenção. Foi abordado de forma transdisciplinar, não estava diretamente ligado a nenhuma área específica. Embora se possa familiarizar com o meio social e o português, ela relacionou-se também com a matemática e as expressões.

Com o projeto de investigação do meu par de estágio, os alunos puderam aprender um novo e desafiante conceito – Empreendedorismo. Este foi um conceito de grande impacto e difícil compreensão por parte dos alunos, as atividades criadas para este tema foram bastante pertinentes e promoveram uma relação positiva entre os alunos e a *“palavra esquisita que nós dizíamos”* (aluno MR).

## **CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO**

Neste capítulo são indicados os argumentos que corroboram a escolha e pertinência do estudo, o problema e questões orientadoras que se pretende responder, bem como a metodologia e análise de dados, levada a cabo durante o estudo. Por fim, são apresentadas as conclusões retiradas para responder ao problema levantado.



## ORIENTAÇÃO PARA O PROBLEMA

É cada vez mais urgente a preocupação na relação entre a escola, os valores e a família. São três elos indispensáveis à boa formação social de um indivíduo.

Começamos por perspetivar o fosso que se cria entre a escola e a transmissão de valores. No seu artigo, Menin (2002, p. 93), cita Cabanas (1996) definindo os valores como “metas ou fins para as ações humanas”, ou seja, os valores são os nossos modelos e o norte das nossas ações para com a sociedade.

Não podemos acreditar no papel redutor da escola como transmissora de competências académicas, desligadas das competências sociais. Quando se fala no superior interesse da criança, neste caso dos alunos, fala-se na promoção de um desenvolvimento global do ser humano e do cidadão. Assim, não sou apologista de um ensino doutrinado de valores através dos momentos marcados e agendados para falar de solidariedade, generosidade, respeito, justiça ou lealdade.

Se acreditarmos num ensino transversal podemos ensinar ou fortalecer valores numa qualquer aula, de uma qualquer temática. Esta transmissão pode até fazer parte da rotina e da dinâmica de um professor e de uma turma.

Ao falar-se de escola, considerando toda a comunidade escolar, e valores não nos podemos desprender de algo que está conectado a cada criança – a família. A psicologia e a sociologia apontam que é a família que espelha a realidade de uma criança, é ela que a molda e a ergue numa sociedade através da primeira fase da socialização.

Mas a socialização é um processo que não cessa, está em constante mutação devido aos diversos contextos eminentes na vida de um ser humano. Porque é que a família não se envolve mais com os contextos da vida do seu educando?

Procurei criar uma ligação interessante e harmoniosa entre esses três elos. Escolhi um património cultural muito especial, os provérbios. Como descreve Meira (2011, p. 69), na sua dissertação, “os provérbios representam a expressão do conhecimento e da experiência popular”, passada de geração em geração, que permite a transmissão de uma mensagem. Eles são do conhecimento de qualquer classe social, desde os mais letrados aos mais leigos, daí que seja possível promover a transmissão deste tipo de conhecimento entre pais, avós (família) e filhos (alunos). O professor tem um papel de potenciador e motivador para este mundo metafórico e atemporal.

Foi o esquecimento e a desvalorização dada a este património que me despertou a curiosidade para o seu impacto em sala de aula. Os provérbios não são propriedade de uma só nação, eles povoam toda a humanidade, o que pode diferenciá-los são as suas interpretações

(Meira, 2011, p.69). É essa pluralidade de interpretações que enriquece o trabalho dos provérbios com os alunos no início da sua formação.

Foi o caráter desafiador da decifração dos provérbios que motivou a sua utilização para se falarem e refletirem sobre os valores fundamentais para a vida em sociedade.

Os alunos do 2º ano de escolaridade, com quem se realizou o estudo, demonstrou desde o início características de relacionamento interpessoal muito pouco desenvolvidos. Muita imaturidade e muito conflito, entre todos, levou a que o trabalho das competências sociais e dos valores do respeito e da amizade tivesse de ter um papel fundamental no currículo destes alunos.

Ao considerar-se o provérbio uma forma de transmissão de conhecimento atemporal, que passa de geração em geração, tornou-se pertinente a sua abordagem em sala de aula, proporcionando momentos didático de valor moral e social para os alunos e suas famílias.



## PROBLEMA E QUESTÕES ORIENTADORAS

Com base no explanado anteriormente importa determinar um ponto de partida para a investigação. A investigação poderia debruçar-se sobre o que sabem os alunos do 2º ano de escolaridade sobre os provérbios. Mas parece mais pertinente, estudar o seu papel na aprendizagem de conteúdos educativos transversais às diversas áreas de aprendizagem, considerando-se conteúdo educativo transversal como qualquer aprendizagem que contribua para a formação e desenvolvimento integral do aluno.

As propostas realizadas pretenderam criar uma interdisciplinaridade e uma transversalidade entre as diferentes áreas curriculares e os provérbios. Pode relacionar-se provérbios e a sua exploração com a área do Português, da Matemática e das Expressões, tendo em conta que o estudo do meio social é área implícita no carácter educativo do provérbio.

Delinearam-se, assim, os passos para uma intervenção educativa a fim de dar resposta ao problema levantado, formulando-se algumas questões.

1. Serão os provérbios um bom meio de transmissão de competências transversais às diversas áreas de aprendizagem?
  - 1.1 Podemos considerar o provérbio um bom recurso de apoio à aprendizagem de competências sociais?
2. Qual o papel da família na aprendizagem e compreensão de provérbios?

Foram apresentados de formas diversas, diferentes provérbios, com significações diferentes que desafiavam sempre os alunos a analisá-los e interpretá-los. Tarefa que se sabe difícil, não esquecendo que os participantes tem 7 e 8 anos de idade e uma maturidade muito pouco desenvolvida. A reflexão de cada provérbio, em grande grupo, suscita a partilha de experiências.

A intervenção da família surge do ponto de vista social, perceber-se de que forma este património está presente nas famílias dos alunos. Acima de tudo como e com que frequência transmitem aos seus educandos esse património.



## **REVISÃO DE LITERATURA**

É na revisão de literatura que o investigador compila as informações e conhecimentos recolhidos na bibliografia referente ao tema do problema de investigação. Como refere Coutinho (2014), “o investigador nunca parte do zero” (p. 59) sendo este estudo teórico uma ponte para uma “melhor compreensão do fenómeno social” (p. 59) que se encontra em análise.

Assim, esta secção apresenta, primeiramente, o enquadramento e relevância do estudo do meio social no programa do 1º ciclo do ensino básico. Em segundo lugar, é explorado o conceito “provérbio” relativamente à sua génese e posteriormente à sua importância social e cultural. É realizada, também, uma reflexão fundamentada sobre o professor como transmissor de valores em sala de aula.

Para finalizar, são apresentados alguns estudos realizados em torno da temática provérbios, mas noutras vertentes de ensino.

### **O MEIO SOCIAL NO PROGRAMA DE ESTUDO DO MEIO, NO 2º ANO DE ESCOLARIDADE, NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

#### **O Estudo do Meio no 2º ano de escolaridade: abordagem ao meio social**

O Estudo do Meio é uma das áreas curriculares contempladas no programa do 1º ciclo do ensino básico, para a qual se homologou um programa curricular, criado em 1991.

O programa de Estudo do Meio (PEM) caracteriza-se pela exploração curricular dos conteúdos relativos aos meios mais próximos da criança para aqueles que lhe são menos familiares, a nível temporal (do presente para o passado) e a nível espacial (do próximo para o longínquo), conceito curricular definido por Roldão (1994, p. 13-15) como “expanding horizons curriculum”.<sup>1</sup> Pretende-se, nesta área curricular, que a criança adquira conhecimentos relativos ao seu meio local, permitindo que a criança fundamente, em primeiro lugar, os seus sentidos de pertença e de conhecimento pessoal e social, conferindo à criança a capacidade de se reconhecer como parte integrante de múltiplos grupos sociais (família, escola, cidade, nação, continente, mundo). (Roldão, 1995, p. 31-32)

Mateus (2008), no seu estudo “Estudo do Meio Social como processo educativo de desenvolvimento local”, faz uma abordagem à perspetiva de Roldão (1995, p. 16-19)

---

<sup>1</sup> Estrutura curricular por alargamento progressivo [tradução in Mateus (2008, p. 54)]

relativamente à redução do Estudo do Meio ao meio “local, no observável, no quotidiano” que pode “não desenvolver a capacidade de imaginação, de reflexão e de abstração do imediato”. A mesma autora remete para a própria designação da área curricular ser “Estudo do Meio” e não “estudo do meio local”.

Nesse mesmo estudo, a autora apresenta a filosofia de Roldão (1995, p. 31-32) relativamente às aprendizagens no Estudo do Meio, que segundo ela, preconizam “um desenvolvimento integral da pessoa nas suas múltiplas dimensões”, incluindo a consciência de cidadania. Constituindo esse desenvolvimento das competências para a cidadania o papel determinante da área do Estudo do Meio. A autora aprofunda apresentando as três vertentes em que se desenvolvem estas competências: o “conhecimento/compreensão da realidade social” permitindo um posicionamento crítico e reflexivo perante a sociedade, “promoção de atitudes” de respeito, partilha, convivência social e democrática, “prática de metodologias de aprendizagem” baseadas na entajuda e cooperação.

O estudo do meio é uma das áreas de conteúdo do 1º ciclo do ensino básico, na qual são abordadas diversas áreas do saber que, em virtude dessa diversidade, são divididas em duas categorias: meio físico e meio social.

O PEM do 1º ciclo (1991) está organizado por blocos, que contemplam várias temáticas a abordar para cada ano de escolaridade, que Roldão (1995, p. 9-10) acredita ser um aspeto facilitador da articulação de conteúdos de forma horizontal e vertical. A “articulação horizontal dos conteúdos” ou “abordagem interdisciplinar dos conteúdos temáticos” tem por base a combinação de diversos temas de diferentes blocos do mesmo ano de escolaridade, esta articulação pode ser feita através de várias estratégias como projetos integradores, narrativas, investigações. A “articulação vertical de conteúdos” relaciona-se com a “aprendizagem em espiral” de Bruner (Mateus, 2008, p. 76) em que um mesmo conteúdo é abordado, ao longo dos quatro anos de escolaridade, de forma mais aprofundada.

Em suma, um ensino que se estabeleça numa “progressão vertical na integração horizontal”, adaptado à realidade dos alunos para os quais são transmitidos os saberes.

Na tabela apresento os blocos presentes no PEM e os temas referentes ao 2º ano de escolaridade.

**Tabela 4** - Blocos e temas de Estudo do Meio do 2º ano de escolaridade

<i>Bloco</i>	<i>Temas referentes ao 2º ano</i>
1 – À descoberta de si mesmo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O passado mais longínquo da criança;</li> <li>• As suas perspetivas para um futuro mais longínquo;</li> <li>• O seu corpo;</li> <li>• A saúde do seu corpo;</li> <li>• A segurança do seu corpo;</li> </ul>
2 – À descoberta dos outros e das instituições	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O passado próximo familiar;</li> <li>• A vida em sociedade;</li> <li>• Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade;</li> <li>• Instituições e serviços existentes na comunidade;</li> </ul>
3 – À descoberta do ambiente natural	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os seres vivos do seu ambiente;</li> <li>• Os aspetos físicos do meio local;</li> <li>• Conhecer aspetos físicos e seres vivos de outras regiões ou países (sob demonstração de interesse por parte dos alunos)</li> </ul>
4 – À descoberta das inter-relações entre espaços	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os seus itinerários;</li> <li>• Os meios de comunicação;</li> </ul>
5 – À descoberta dos materiais e objetos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar experiências com alguns materiais e objetos de uso corrente;</li> <li>• Realizar experiências com ar;</li> <li>• Manusear objetos em situações concretas;</li> </ul>
6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade	Não há abordagem a este bloco no 2º ano de escolaridade

**Fonte:** PEM do 1º Ciclo do Ensino Básico – Ministério da Educação, 1991, p. 105-127

Esta é a organização apresentada pelo programa, embora as abordagens ao programa possam ser feitas de forma aberta e flexível, como revelam os princípios orientadores do PEM do 1º ciclo. Um ensino interdisciplinar e transversal é considerado privilegiado, sendo o Estudo do Meio a área de conteúdo que favorece por excelência essa mesma inter-relação e transversalidade entre as diversas áreas de conteúdo.

Durante o seu crescimento a criança vai absorvendo vivências em contacto com o meio que a rodeia, essas vivências vão criando conhecimento e suscitando dúvidas sobre vários aspetos da vida natural e social, é papel da escola e do professor permitir aos alunos partilhar e questionar essas experiências e saberes. Também se pode nesta área de conteúdo desenvolver

atitudes de autonomia da sua aprendizagem, possibilitando as propostas de atividades cujo objetivo é “descobrir, investigar, experimentar e aprender”.

Para o presente estudo, importa destacar as abordagens ao meio social, no 2º ano de escolaridade, que se aliam aos blocos 1 e 2. Nestes blocos e respetivos temas, os alunos são desafiados a descobrir e refletir sobre a sua posição para com a sociedade, ou seja, como atua perante ela e como ela o influencia. No bloco 1, as temáticas englobam o meio próximo e pessoal da criança, como a sua identidade, as suas raízes e a sua história pessoal permitindo que no bloco 2, os alunos se alarguem ao seu meio local e as suas relações com os outros.

São abordados, no bloco 2, os valores e as atitudes a adotar na vivência em sociedade, identificando a escola e outras instituições como locais privilegiados. As noções de tempo continuam a ser trabalhadas, alargando-se ao meio local próximo e mais longínquo. O que permite abordar marcos e vestígios referentes à história da localidade, bem como da cultura em que se inserem. Neste contexto são apresentadas e descobertas tradições e patrimónios imateriais, como os provérbios. É esperado que este tipo de abordagem permita o “desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização”. (ME, 1991, p. 110)

### O papel do Estudo do Meio no currículo do 1º ciclo do ensino básico

Ao longo dos anos e dos diferentes governos que estiveram em vigor no país, foram muitas as mudanças no sistema educativo. Roldão (2004, p. 194), em intervenção num seminário do Conselho Nacional de Educação, refere o sistema da “norma contra norma” que foi criando condições para a tensão, a descrença no ensino e o desinvestimento dos professores.

Por via da pressão colocada pelas avaliações e pelos programas, o ambiente educativo torna-se prejudicial para as aprendizagens significativas.

Devido à redução da carga horária do Estudo do Meio para 3 horas semanais (figura 2) e o aumento da carga horária do Português e da Matemática (7 horas semanais para cada uma), sentiu-se um desajuste na atribuição de relevância das aprendizagens nesta área do saber.

É desconcertante esta realidade, que está profundamente visível nos contextos pelos

Ensino básico	
1.º ciclo	
1.º e 2.º anos	
Componentes do currículo	Carga horária semanal
Português .....	Mínimo de 7 horas.
Matemática .....	Mínimo de 7 horas.
Estudo do Meio .....	Mínimo de 3 horas.
Expressões Artísticas e Físico-Motoras .....	Mínimo de 3 horas.
Apoio ao Estudo (a) .....	Mínimo de 1,5 horas.
Oferta Complementar (b) .....	1 hora.
Tempo a cumprir .....	Entre 22,5 e 25 horas.
Atividades de Enriquecimento Curricular (c) .....	Entre 5 e 7,5 horas.
Educação Moral e Religiosa (d) .....	1 hora.

Fonte: <http://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo>

Figura 2 - Carga horária semanal do 1º e 2º ano do 1º ciclo do ensino básico

quais passamos ao longo das nossas práticas. É preciso que se compreenda que o Estudo do Meio, como abordam Graça Carvalho e M<sup>a</sup> Luísa Freitas (2010), não é apenas uma área de conteúdos ligados à história, geografia e ciência, no Estudo do Meio também se fala do desenvolvimento de capacidades, aptidões, habilidades e competências, que integram conhecimentos, procedimentos e atitudes. O Estudo do Meio é a área que faz uma abordagem diferenciada, não se limita a abordar o domínio cognitivo mas também o afetivo. Perfazendo um conjunto de competências transversais que, “devem atravessar a escola e o currículo (por isso são competências transversais), estando implicadas ao nível do saber, do saber-fazer, do saber ser e do poder ser, sendo essenciais para o processo de construção da pessoa” (Raposo, 2004, p. 3).

Há algo no ensino do Estudo do Meio que se devia alargar a todo o ensino básico, como propõe Luísa Alonso (2004, p. 147), que é a prioridade dos conteúdos procedimentais e atitudinais a fim de colmatar a “falta de relevância das aprendizagens para a vida”. Esta prioridade dada aos conteúdos procedimentais e atitudinais são a base para a construção dos quatro pilares da educação promulgados no relatório da UNESCO (Delors, et al., 1996, p. 77): aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; aprender a ser.

Somos confrontados, no contacto com diferentes contextos educativos, com uma mudança comportamental e educativa por parte das nossas crianças. Fazendo com que se faça sentir um desfasamento entre os valores transmitidos pela escola e pela família. No entanto, a Escola tem o papel de educar e se não o faz cumprir, a sociedade tende a desvalorizá-la e desresponsabilizá-la socialmente como instituição (Paixão, 2004, p. 210).





## PROVÉRBIO: ORIGEM E CONCEITOS

A palavra provérbio tem origem no latim *proverbium* (*pro* + *verbum*), como refere Pereira (2000, p. 30) citado por Hermínia Sol (2009, p. 106), indicava algo “para servir” ou “para refletir”. O que se coaduna com o significado dado pela infopedia, dicionário da Porto Editora, que apresenta provérbio como “sentença moral ou conselho da sabedoria popular”.

Embora nesta revisão apenas se considere o vocábulo “provérbio”, importa referir que nas diversas definições de provérbio, as quais se pode ter acesso em alguns sítios da internet, são associados outros conceitos, tais como adágio, anexim, rifão, ditado, aforismo.

### Origem

“tão velho quanto o mundo e ao mesmo tempo tão novo quanto os conhecimentos de nossos dias”

Weitzel (1995, p. 119) citado por Meira (2011, p. 66)

Não é possível determinar quando foi a primeira vez que se utilizou um provérbio, porque o seu carácter atemporal e os seus desconhecidos autores não permitem registar esses dados. É possível associar alguns provérbios a algumas épocas e classes da história, mas não atribuir-lhes uma cara, um nome e uma data específica.

Xatara e Succi (2008, p. 37) apresentam uma citação de Albuquerque (1989, p. 35), onde é possível observar a origem remota dos provérbios:

Os “sebayts” (ensinamentos), equivalentes aos provérbios atuais são citados desde o terceiro milénio a.C. Entre os hebreus e os aramaicos o provérbio representava a palavra de um sábio. No século VI a.C. aparecem as *Palavras de Ahiqar* e os *Provérbios de Salomão*. Entre os gregos “gnômê” (pensamento) e “paroemia” (instrução) cobrem as noções de provérbio, sentença, máxima, adágio, preceito etc., aparecendo em obras de Platão, Aristóteles e Ésquilo (...)

Também Meira (2011, p. 65) cita Mimoso (2008, p. 158), no seu artigo, a fim de os situar historicamente:

Na Suméria, foram achadas 700 placas e fragmentos de provérbios que atestam a sua importância e o seu aproveitamento literário. Não se pode esquecer também o largo uso que a Bíblia deles faz. Na Grécia, Aristóteles, Demócrito e Sofócles a eles recorreram bastas vezes e em Roma foram Catão, Cícero e Séneca e os seus principais cultores.

Estes excertos permitem-nos concluir que os provérbios se caracterizam por uma antiguidade interessantíssima, na medida em que se relacionam com os primeiros sábios e mestres do saber, relacionando-se desde sempre com desígnios de sapiência, pensamento, instrução e cultura.

Amaral (1976, p. 215), citado por Meira (2011, p. 62), na sua obra aponta que em França, no século XII, se faziam coleções de “respits” ou reprouviers”, segundo Leroux de Lincy. Xatara (2002, p. 13) refere na sua obra que no século XII surgiram obras onde constavam referências proverbiais e que a mais antiga coleção de provérbios pertence ao inglês John Heywood, de 1562.

Apenas no século XIII foi atribuído o nome de “proverbes”, por influência de Salomão e dos latinos. Desde essa altura que a bibliografia de provérbios foi crescendo, de forma colossal, até aos dias de hoje.

Os provérbios são apropriações civilizacionais, o que faz com que tenham uma natureza universal, como explicita Sol (2009, p. 108), “todas as culturas têm padrões morais e como tal recorrem em boa parte aos provérbios para os transmitirem”. Pode, então, dizer-se que os provérbios são um património intemporal e universal. Mas o que faz com que eles se infiltrem na nossa memória? Meira (2011, p. 66), com base no dicionário Aurélio, caracteriza-os pelo seu carácter “espírituoso – chistoso, ladino, atilado, pitoresco, surpreendente e expressivo – que os provérbios nos atraem, infiltrando-se em nossa memória”.

O aumento do número de autores de coletâneas e classificação dos provérbios deu origem, por volta, do século XVII à paremiologia, segundo Houaiss (2001). Esta é uma área de estudo que se debruça sobre as coletâneas e classificações de provérbios, embora Amadeu Amaral (1976) se refira também ao “estudo das formas de expressão coletivas e tradicionais incorporadas na linguagem quotidiana”.

Xatara e Succi (2008, p. 37) apresentam no seu artigo, uma referência à origem teológica da palavra “provérbio”. Alguns autores acreditam que deriva de “*pro* (em vez de, no lugar de) + *verbo* (palavra de Deus) ” = no lugar da palavra de Deus, podendo subentender-se aqui uma associação ao carácter moralizador que nos fala Marinovic (2008, p. 13) no seu artigo (apresentado à frente neste capítulo).

## Conceitos

Um provérbio, também designado por parémia, é uma “unidade fraseológica e léxica fixa, consagrada pelo povo, e que transmite experiências vividas de forma sucinta e fáceis de memorizar” (Marinovic, 2012, citando Xatara e Succi, 2008, p. 35). De toda a literatura que pude consultar, posso considerar que esta definição de provérbio foi a mais completa que encontrei, aborda aspetos como a sua composição lexical e as suas características culturais. Apesar dessa completude, poderia ainda acrescentar-lhe que os provérbios são um património que atravessa gerações por transmissão oral.

O provérbio é um género textual de caráter moralizador, não sendo nunca neutro diz Marinovic (2012, p. 13) encerra em si “algum ensinamento, norma comportamental, conselho, advertência, proibição ou constatação que serve de argumento ou confirmação de uma verdade”.

Hermínia Sol (2009, p. 107) cita Lopes (1992, p. 9-10), que define provérbio como sendo:

um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado. Através dos provérbios exprime-se uma determinada visão do mundo, sob a forma de supostas verdades, omnitemporais que configuram regularidades induzidas por generalização empírica, consensualmente aceites pela comunidade, e veiculam-se normas de conduta socialmente consideradas exemplares.

Este género textual, próximo da poesia pelas suas características fonéticas de rima e ritmo, possui uma complexidade semântica, metafórica e simbólica. Nele enquadram-se vários conhecimentos linguísticos e históricos. Marinovic (2012, p. 14) reflete que essa singularidade e musicalidade, tornam os provérbios um património de fácil memorização e transmissão, de geração em geração, na linguagem quotidiana e que se adequa a todas as faixas etárias.

Do ponto de vista da sua estrutura sintática e gramatical, o provérbio é uma frase (simples ou composta, coordenada ou subordinada) que transmite uma ideia. As formas verbais encontram-se, geralmente, no modo imperativo visto que pretendem aconselhar, sugerir, ordenar, pedir. Os tempos verbais usados são o presente e o futuro do indicativo no sentido do primeiro indicar uma ação que confirmará uma verdade, o segundo “serve para indicar a sequência lógica daquilo que acontecerá ou não se se obedecer ao verbo da primeira parte do provérbio”. (Marinovic, 2012, p. 14)

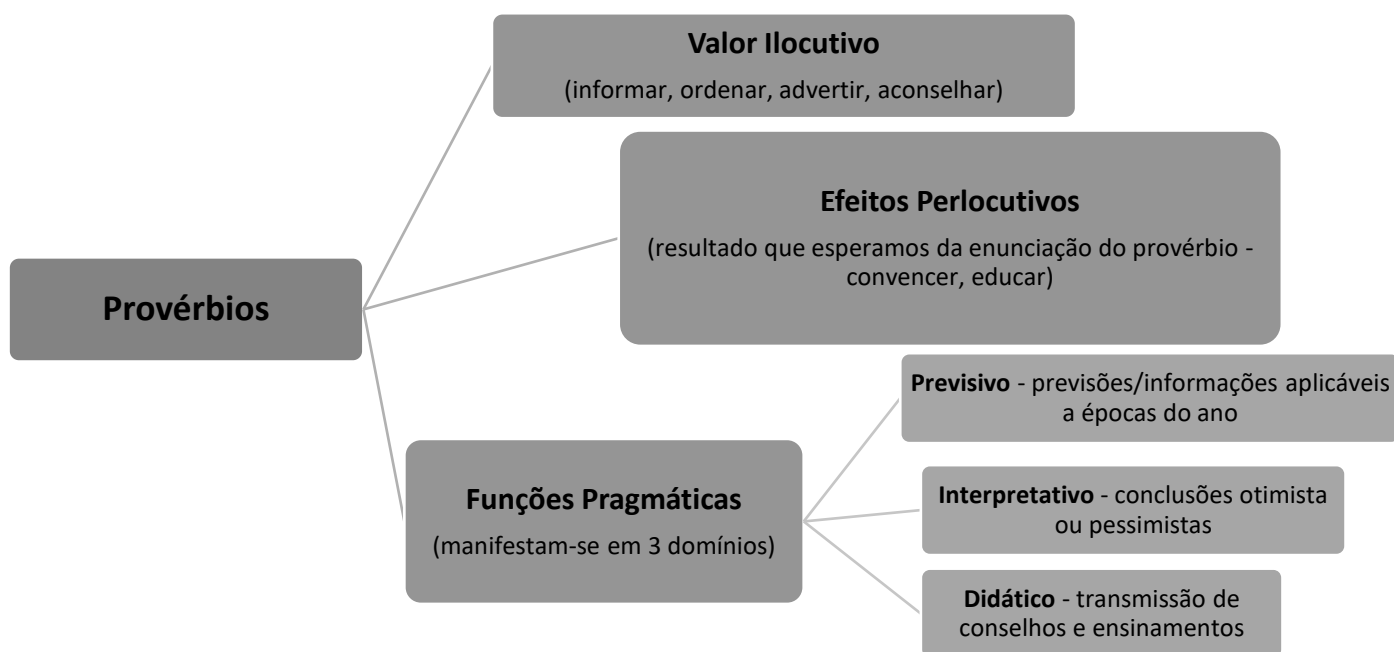
No seu artigo, Xatara & Succi (2012), apresentam diferentes recursos estilísticos que se fazem representar em alguns provérbios: rima, aliteração, assonância, elipse de artigo, repetição de palavras, hipérbole, antítese, dialogismo, paranomásia, trocadilho e, a mais frequente e evidente, metáfora.

Considera-se, de acordo com Chacoto (1994) e Funk & Funk (2006), que um provérbio vive tanto quanto necessário for para a sua comunidade (Reis, 2014, p. 23). Por isso se verificou, ao longo dos tempos, que os provérbios foram sofrendo alterações semânticas e sintáticas. Estas alterações consideram-se adaptações ou substituições de alguns membros do provérbio, por forma a mantê-lo vivo e adequar-se às necessidades dos falantes das comunidades. (Funk & Funk, 2006, p. 117)

Na sua dissertação, Sónia Reis (2014, p. 20) referindo-se ao trabalho de Lopes (1992, p. 23) que analisa a “semântica do provérbio enquanto texto mínimo autónomo”, ou seja, os provérbios “têm um valor semântico autónomo em termos comunicativos” por serem enunciados completos em semântica e sintaxe.

De seguida, é apresentado um esquema, construído com base no estudo realizado por Hermínia Sol (2009, p. 107), que representa três componentes essenciais dos provérbios – valor, efeito e função:

**Esquema 1** - Componentes essenciais dos provérbios



Fonte: adaptado de Sol (2009, p. 107)

No seguimento daquilo que se tem apresentado, devo concordar com o que afirma e reitera Meira (2011, p. 67) “os provérbios não se configuram como estruturas tão simples como muitos mencionam”. Apoiando-se em Bittencourt (2005), refere que “na realidade, [a memorização de um provérbio] envolve uma operação cognitiva complexa, que [...] pode determinar certa obscuridade de sentido”, para sustentar a tese de que os provérbios exigem um esforço cognitivo para se fazerem entender.

Para concluir, apresento uma tabela de síntese sobre o provérbio, que Meira (2011, p. 69) elaborou com o apoio da docente Dra. Regina L. Péret Dell’Isola do curso de Gêneros e Tipos Textuais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Tabela 5 - O conceito de provérbio**

<b>Qual é o conceito desse gênero?</b>	Pode-se dizer que os provérbios representam a expressão do conhecimento e da experiência popular traduzida em poucas palavras. Geralmente, apresentam-se de maneira rimada e ritmada, muitas vezes, na forma de uma metáfora. Além disso, transmitem conhecimentos comuns sobre a vida e estão relacionados a aspetos universais dela, o que os reveste de um caráter atemporal.
<b>Quem o produz?</b>	Não há uma pessoa específica para produzi-los. Os provérbios foram se constituindo ao longo dos anos, muitos deles foram criados na Antiguidade. Logo, são produzidos por uma dada sociedade, representando uma determinada cultura.
<b>Qual o propósito?</b>	Um dos seus principais intuitos é fixar na memória coletiva a experiência social humana, além de sintetizar uma mensagem e empregar, por vezes, metaforicamente uma ideia.
<b>Onde circula?</b>	Em textos diversos: contos populares, romances, artigos de revistas e jornais, na internet, nas conversas cotidianas, etc.
<b>Quando?</b>	Os provérbios estão sempre presentes, não há como determinar uma periodicidade para eles.
<b>Quem lê?</b>	Todas as faixas etárias têm acesso aos provérbios. Assim, crianças, jovens, adultos e idosos os leem.
<b>Por que ler?</b>	Para se divertir, para conhecer uma determinada cultura e até mesmo para utilizá-los como conselhos por estarem relacionados à sabedoria popular.
<b>Possível influência de leitura</b>	Pode levar a pessoa a considerá-lo como um conselho, como um ensinamento para ser utilizado no dia-a-dia.

<b>Reação em resposta à leitura textual</b>	Aceitar o provérbio como um conselho ou simplesmente como uma “máxima”, sem encará-lo como algo a ser seguido.
<b>Estrutura textual prototípica</b>	O provérbio é fácil de decorar e transmitir em função de seu formato simples, curto e direto. Apresenta-se na linguagem verbal. Diz respeito a assuntos variados e faz parte da cultura popular da humanidade.
<b>Mecanismos linguísticos</b>	Uma das características linguísticas que chama atenção é a presença das metáforas. Ademais, no que concerne à estruturação fônica, os provérbios apresentam uma entonação, métrica e ritmo próprios, fazem uso frequente de aliterações, assonâncias e rimas. A métrica, a rima e a cadência fônica auxiliam na memorização da mensagem. Há um predomínio da linguagem coloquial.

**Fonte:** retirado de Meira (2011, p. 69)

## **MEIO SOCIAL VS PROVÉRBIOS: UM OLHAR DE HOJE**

Neste tópico pretende-se estabelecer um paralelo entre a sociedade e o papel dos provérbios na mesma. Temos vindo a observar um conjunto de mudanças conceituais relativamente a tudo o que são valores na sociedade e notamos isso nos nossos alunos. Caindo no cliché “as crianças já não são como as de antigamente”, devemos então perguntar “os provérbios têm a mesma importância na sociedade nos dias decorrentes da globalização?”.

### **O MEIO SOCIAL DO SÉCULO XXI**

Importa começar por contextualizar as evoluções do meio. Os avanços tecnológicos foram, ao longo dos tempos, possibilitando alterações em diversas áreas: científica, económica, política e social.

Alarcão (2001), na sua monografia, aborda introdutoriamente os avanços científicos. Primeiro, na saúde, onde se promove um aumento da esperança média de vida, devido às condições de prolongamento da vida que se foram criando. Este aumento do período útil de vida levou ao aumento da população não produtiva, tornou a população mais envelhecida que, por conseguinte, prejudicou a economia.

Para quase tudo se podem apontar aspetos positivos e negativos, a globalização não é exceção. A comunicação facilitada, o acesso à informação, uma rede que conecta todos os meios são aspetos positivos dessa globalização, a mesma que impulsionou negócios obscuros e levou à falência económica de várias empresas que não possuem acesso à informatização.

Isabel Alarcão (2011) estabelece uma relação entre a literacia da informática e a exclusão social explicando que, gradualmente, se foi atribuindo poder a quem tivesse o poder informático e informativo.

Manuel Castells (2005) alerta para uma “crise [do] patriarcalismo e da família tradicional” (p. 27), levando a que as crianças e os jovens passem hoje mais tempo na escola do que em família. Por isso, a escola deve ter o papel de desenvolver substancialmente as competências básicas da criança para a vida na sociedade.

Por forma a fazer face a todas as permutações impulsionadas pelo crescimento tecnológico, as sociedades devem reajustar-se. Reajustar as políticas, sejam elas sociais ou económicas. Para Castells (2005, p. 27-28), a política educacional é central e também deve

acompanhar as mudanças geracionais. Mas não se refere a uma educação qualquer, mas uma educação focada na aprendizagem de todos os domínios da vida social e profissional, por esse motivo ela deve ser aliada das transformações.

### **TRIANGULAÇÃO: SOCIEDADE – ESCOLA – FAMÍLIA**

Temos uma sociedade “incerta”, uma família “incerta” e indivíduos “incertos”. A escola foi pensada e formada para outros tempos: para uma sociedade regulamentada, uma família estruturalmente estável e indivíduos relativamente bem socializados.

(Fernandes, 2007, p. 262)

Começamos por situar a instituição escola na sociedade, tendo em conta que no decorrer das diversas transformações em curso, sejam as transformações políticas, económicas, morais ou sociais, a escola deverá permanecer no centro da sociedade. Ela deve moldar-se e adequar-se aos novos padrões e permitir às crianças uma adaptação ao mundo.

Ferreira e Souza (2010) apresentam que as mudanças provocadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação impõem um desafio aos professores: “entender como estas mudanças afetam a escola e modificam seu papel na sala de aula”, determinando como elas modificam a “função da escola e do professor na sociedade” (p. 165).

Santos e Geremias (2001) demonstram o equilíbrio entre a conservação e a mudança. Embora ocorram mudanças na sociedade, que devem ser aceites e incorporadas, há aspetos sociais que devem ser conservados, citando Gomes (Santos e Geremias, 2001, p. 4):

O delicado equilíbrio da convivência nas sociedades que conhecemos ao longo da história requer tanto a conservação quanto a mudança, e o mesmo ocorre com o frágil equilíbrio da estrutura social da escola como grupo complexo, bem como as relações entre esta e a sociedade.

Sendo que o papel da escola não se resume ao ensino das letras, dos números, dos reis e dos distritos, como apresenta Fernandes (2007), a educação também é “uma questão de transmissão de um património comum, de inculcação de uma cultura. Esta cultura oferece valores e regras de conduta” (p. 260). Há uma duplicidade de relações entre a escola e a sociedade. A escola enquadra-se na sociedade e esta vive no interior da escola. O que justifica que se trabalhem os valores e os padrões morais de cidadania no seio da comunidade escolar.

Mas a escola como instituição não vê bons tempos e boas marés no cumprimento da sua missão. Fernandes (2007) fala sobre um enredo numa sociedade que pode justificar



estas questões não abonatórias da prática docente. A sociedade encontrasse preocupada com o futuro e perde a “consciência da importância do passado para se entender o presente” (p. 254). Fazendo com que as famílias e as escolas se esqueçam de fomentar a inserção na cultura de um povo e seus valores.

Para adensar essa temática o autor refere, na sua pesquisa, as alterações nos padrões familiares e a violência familiar na vida das crianças, alertando para o facto de que se para uma criança a violência é aceitável em família, será aceitável em qualquer outro contexto, incluindo a escola. Estes dados servem para nos lembrar que se não se criam padrões de respeito pelas figuras de autoridade no seio do lar, não se podem esperar padrões de respeito para com as figuras de autoridade escolar, porque “os jovens são sempre uma função do estado geral da sociedade e do ambiente familiar em que nascem e são socializados.” (Fernandes, 2007, p. 256)

Marques (1998, p. 32) aborda este assunto referindo que a família perdeu a sua influência no desenvolvimento social e moral das crianças e jovens. Ressalvando que os professores e a sua influência acompanhou esse decréscimo.

Podemos, neste contexto, relembrar que a relação escola-família já foi de parceria, em que os pais depositavam nos professores confiança necessária na educação. Concebendo uma relação complementar. Nos dias de hoje, cenários desses são raros. Os pais exercem, atualmente, o papel de advogados dos filhos perante o professor. Estas hostilidades entre duas figuras de autoridade tão marcantes da vida das crianças, não facilita o respeito pelo professor.

Alguns autores apontam para uma crise na educação, para a qual Tedesco (1998, p. 15) apresenta a sua definição:

A crise, em consequência, já não provém da forma deficiente de como a educação cumpre os objetivos sociais que lhe são atribuídos, mas, o que é ainda mais grave, do fato de não sabermos que finalidades ela deve cumprir e para onde deve efetivamente orientar suas ações.

Fica apenas a esperança que a “geração do medo” (o medo de educar pelos valores e pela cidadania) se desvaneça. Que estas mudanças estejam a chocar as pessoas de tal forma que, ao longo dos anos, haja uma alteração de comportamento. Que, nós professores, sejamos capazes de mostrar à sociedade que somos a esperança da mudança e não os culpados da desgraça. A escola deve reapropriar-se do seu papel de formar cidadãos cultos e felizes.

## PROVÉRBIOS – O QUE TRAZEM DE NOVO PARA A EDUCAÇÃO?

A formação de cidadãos autônomos, conscientes, informados e solidários requer uma escola onde possa-se recriar a cultura, não uma academia para aprendizagens mecânicas ou aquisições irrelevantes, mas uma escola viva e comprometida com a análise e a reconstrução das contingências sociais, onde os estudantes e os docentes aprendem os aspectos mais diversos da experiência humana. (GÓMEZ, 2001, p. 264).

Numa sociedade parcialmente esquecida da sua cultura, caem também no esquecimento os patrimônios imateriais, como os provérbios, que já não se transmitem de geração em geração. Vão simplesmente vivendo de forma fugaz nas oralidades, mas não lhes é atribuído o sentido que sempre teve.

Talvez faça falta a convivência geracional: avós, filhos e netos, que já não vivem nos mesmos contextos. Antigamente, as crianças passavam muito tempo com os avós, porque viviam nas mesmas áreas de residência. Hoje as famílias agregam-se aos grandes centros urbanos, impossibilitando algum do relacionamento proximal entre avós e netos. A dinâmica familiar e profissional dos indivíduos também adquiriu outros moldes, que prejudicam as relações familiares (até mesmo com os próprios filhos), em detrimento de uma carreira profissional.

Mas a falha não está só nas famílias, a escola também demonstra um déficit relevante na transmissão de valores, Paim e Nodari (2012), abordam a “valorização dos temas transversais” (p. 13), procurando compreender que a educação escolar não passa só pelo “desenvolvimento de habilidades e competências técnicas” (p. 13), mas complementar-se com a conduta humana, valores, relações interpessoais. Mas o objetivo não é doutrinar valores, é saber defini-los pragmaticamente e colocá-los em prática.

Os provérbios podem constituir uma forma de “[...] organizar e dar sentido a esses saberes informais, relacionando-os com o conhecimento escolar, que ainda por cima costuma ser bastante menos atrativo” (POZO, 2002, p.35).

É neste contexto que entram os provérbios. Eles podem constituir “o desafio, o novo, a curiosidade” que “mobiliza o desejo de aprender” (Ferreira & Souza, 2010, p. 172) para a aprendizagem significativa das competências transversais. O facto de eles não serem consagrados nos programas das diversas áreas curriculares, constitui uma “grave lacuna no ensino-aprendizagem da língua, em geral, e da cultura, em particular” (Martins, 2010, p. 95). O autor corrobora que os provérbios são um belo instrumento de estudo da língua e da cultura oral e tradicional da comunidade, tornando-se assim passível de ser impulsionadora de debates e momentos de comunicação significativa em sala de aula.

Curiosamente, Xatara & Succi (2008, p. 37) constataram que os provérbios demonstram que o humano em nada mudou no que toca a sentimentos, conflitos, guerras e uniões, através da intemporalidade e das temáticas dos provérbios. Provando que são pequenos pedaços de mistério, que carregam consigo grandes conselhos e ensinamentos morais, adaptando-se sempre à sociedade e às suas transformações, visto que há coisas que não mudam na humanidade.



## **O PROFESSOR COMO TRANSMISSOR DE VALORES**

“A docência é desafiadora em todos os sentidos” (Ferreira e Souza, 2010, p. 165)

É esse caráter desafiador que deve mover um docente, neste ambiente hostil em que vive a educação, nos nossos dias. A docência tem sido alvo de vários ataques à metodologia, à pedagogia, à logística, aos apoios e à saúde mental. É nesta adversidade que mora o espírito indomável de um professor, que tem por objetivo melhorar a vida dos seus alunos, fazendo-os crescer.

Um professor deve, perante a mudança/transformação da sociedade, fazer com que os alunos se lembrem e pratiquem os valores essenciais à vida em sociedade, para que a cidadania não se perca por completo, e quando a tempestade passar se possa ver esperança nos jovens. Numa sociedade de mudança, não se devem alterar os verdadeiros valores fundamentais, para isso é que o professor deve promover um ambiente em sala de aula facilitador dessa mesma aprendizagem.

## **OS VALORES NA EDUCAÇÃO**

Pais (1999, p. 18) define o termo valor como “ (...) crenças que se traduzem por preferências em relação a determinados sistemas ou dispositivos comportamentais, mas essas preferências são, por sua vez, tradução empírica de valores” e aprofunda que os valores não devem ser “valores valendo” mas sim “valores sendo”. Traduzindo, os valores devem ser conhecidos na sua teoria e aplicados na prática, só assim se podem converter em “verdadeiros valores” (p. 20).

Gouveia (2003) apresenta os valores humanos básicos, que formam um conjunto de 24 valores básicos: “sobrevivência; sexual; prazer; estimulação; emoção; estabilidade pessoal; saúde; religiosidade; apoio social; ordem social; afetividade; convivência; êxito; prestígio; poder; maturidade; auto direção; privacidade; justiça social; honestidade; tradição; obediência; conhecimento e beleza” (p. 434-436). Estes 24 valores relacionam-se com os valores básicos apresentados por Marques (1998, p. 21), nos quais se alicerça a sociedade democrática: respeito pelo outro, a tolerância, a justiça, a liberdade, a responsabilidade, a solidariedade, a honestidade, a temperança e a perseverança.

Concordando com Virões (2013), os valores humanos são o filtro do quotidiano do indivíduo, sendo através deles que se situa perante as situações e que rege as suas atitudes, não

devendo ser de forma aleatória que se associam estes dois conceitos: atitudes e valores na educação.

Delors (1998) estabeleceu quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Na opinião do autor estes são os quatro pilares que dão resposta às diferentes missões da educação, constituindo aprendizagens fundamentais para o indivíduo ao longo da sua vida (p. 89-101).

Por forma a facilitar o seu entendimento, apresento um quadro que contempla os quatros pilares da educação e o seu foco de aprendizagem:

**Esquema 2 - Quatro pilares da educação**

<b>QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO</b>		
<b>Aprender a conhecer</b>	Os instrumentos da compreensão	<b>Aprender a Ser</b>
<b>Aprender a fazer</b>	Poder agir sobre o meio envolvente	
<b>Aprender a viver juntos</b>	Participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas	

Fonte: adaptado de Delors (1998, p, 89-101)

O aprender a conhecer pressupõe uma aprendizagem do próprio aprender, desenvolver a atenção, a memória e o pensamento. No aprender a fazer desenvolvem-se competências de comunicação, trabalho em grupo e gestão de conflitos. Aprender a viver juntos constitui um dos maiores desafios que se põe à sociedade, em geral, principalmente aos jovens e aos seus educadores. Os três pilares anteriormente destacados conluem no aprender a ser, visto que este visa o desenvolvimento total da pessoa.

Mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino.

(Delors, 1998, p. 100)

Todos os pilares devem ser entendidos como igualmente importantes para o ensino, segundo Delors (1998), esta perspectiva tem em vista que a educação seja “como uma experiência global a levar a cabo ao longo de toda a vida” (p. 90), formando o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade.

A educação é construída numa relação escola-família, o que atribuiu a estes dois ambientes o papel mobilizador do desenvolvimento moral e social das crianças e jovens. Privilegia-se que esse desenvolvimento comece desde muito cedo, porque nunca é cedo para se aprender a ser uma pessoa melhor. Marques (1997, p. 33) aponta algumas aprendizagens fundamentais nas competências sociais: aprender a cooperar, saber fazer parte de um grupo, assumir responsabilidades, saber esperar pela vez e saber negociar.

Na sua obra Marques (1998, p. 97-99) apresenta a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg. Kohlberg postula: “o conhecimento constrói-se a partir da interação do sujeito com o objeto, do organismo com o meio, não fazendo sentido algum a separação de um do outro”. Estabelecendo esse desenvolvimento moral em 6 estádios, subdivididos em 3 níveis (pré convencional, convencional, pós-convencional), como podemos observar no esquema seguinte:

**Esquema 3 - Teoria de desenvolvimento de Kohlberg**

<b>Nível Pré-convencional</b>	<b>Estádio 1</b>	A criança é absolutamente egocêntrica e categoriza o bem e o mal através da punição/castigo.
	<b>Estádio 2</b>	A criança reconhece que os outros também tem interesses, assumindo uma posição concreta individualista, por forma a adequar as regras aos seus interesses.
<b>Nível Convencional</b>	<b>Estádio 3</b>	O adolescente já reconhece “o outro”, preocupando-se com as suas necessidades, procurando viver de acordo com o que os outros esperam dele.
	<b>Estádio 4</b>	O adolescente já prevê o seu contributo a nível social.
<b>Nível Pós-convencional</b>	<b>Estádio 5</b>	O indivíduo procura agir de acordo com a legalidade e em prol do bem maior.
	<b>Estádio 6</b>	O indivíduo age com base nos princípios éticos: justiça, dignidade humana, direitos humanos e igualdade de direitos.

Fonte: adaptado Marques (1998, p. 98 e 99)

Podemos observar que Kohlberg avalia o desenvolvimento moral através da visão que a criança-adolescente-indivíduo faz da sua posição na sociedade e na sua relação com os outros.

Em suma, acredita-se que uma instituição educativa que não valoriza a existência de valores e princípios éticos universais contribuirá para a não preparação de jovens capazes de encarar a sociedade, as opiniões alheias, as diversas figuras de poder e autoridade. (Marques, 1998, p. 102)

## **O PAPEL DO PROFESSOR NA TRANSMISSÃO DE VALORES**

Marques (1997, p. 20) apresenta os diversos papéis que um educador pode assumir. Dependendo das suas atitudes perante a gestão da sala de aula, o educador pode ser maturacionista, comportamentalista ou interacionista.

O educador maturacionista gere a sua sala de aula dando à criança/jovem liberdade para determinar as atividades, a gestão do espaço, embora hajam momentos fixados por ele para algumas rotinas. O comportamentalista faz um ensino maioritariamente direto, rigorosamente planificado. Faz abordagens do mais simples ao mais complexo, contemplando aulas práticas e reforçando positivamente os progressos com recompensa ou elogio verbal.

O interacionista não impõe aprendizagens mas também não espera que a criança tome sempre iniciativa. Ele é detentor do poder de promover atividades e experiências que estimulem o crescimento e a maturidade, mas que permitam manipular e experimentar. Não é apenas um facilitador mas também um organizador e orientador. O erro é por ele encarado como a “maneira como a criança vê as coisas”, é função do educador detetar o porquê do erro e determinar uma forma de colmatar.

Kohlberg, na sua teoria, atribui ao professor o papel de facilitador do aluno no processo de desenvolvimento do raciocínio moral, auxiliando-o no “processo de reflexão, de elaboração de juízos e de deliberação”. (Marques, 1998, p. 102)

Por vezes não é fácil para o professor organizar uma aprendizagem relacionada com os valores, proporcionar vivências nesse sentido, devido às imposições político-pedagógicas da escola que nem sempre se coadunam com as crenças do professor. (Virões, 2013, p. 30)

Marques (1998, p. 23) aponta que o professor tem o dever de ajudar os alunos a desenvolver o seu poder de “compreensão, a sua imaginação e a sua conduta moral”. Através do “ exemplo, da explicação, da exortação, da experiência e das expectativas” e propondo aos alunos participações nos órgãos de gestão da escola, podem ser desenvolvidas competências de negociação e democracia (p. 103).



Para concluir, passo a citar Marques (1997, p. 21), “a criança precisa de mediação social. O educador é esse mediador”. Este argumento resume de forma clara e objetiva o papel do professor na transmissão de valores na sala de aula. Ele não deve ser um impositor de modelos éticos, nem incentivar ao antigo “salazarismo” de cantar o hino nacional e rezar no início do dia letivo. Ele deve mostrar, aos seus alunos, que os valores fazem parte de cada um e que nos devemos reger em conformidade com eles, para poder viver num mundo mais justo e melhor para todos.



## ESTUDOS EMPÍRICOS

Apresento, nesta secção, alguns estudos empíricos que abordam metodologias de trabalho com os provérbios diferentes daquela que é adotada neste estudo.

Mimoso (2008) levou a cabo um estudo que pretendia analisar o conteúdo dos provérbios, como sendo uma fonte de história para a educação. Os provérbios analisados atribuíam à educação grande importância, não pela quantidade de provérbios existentes mas pelas apreciações que fazem da mesma. Foram inventariados provérbios ligados à educação tendo por base o Dicionário de máximas, adágios e provérbios de J. Hespanha, que se encontra dividido por temáticas.

As temáticas que demonstraram poder relacionar-se melhor com a da educação foram: castigar, conselhos, errar, exemplo, experiência, falar, filhos, hábitos, ignorância, instrução, pedagogia, razão, sandice, velhice, vícios e virtude. Com base nesta categorização foram recolhidos 265 provérbios que diziam respeito à educação, posteriormente foram levantados outros perfazendo um total de 411, estas recolhas enviesadas impuseram uma nova organização por outros temas onde se encaixavam melhor os provérbios recolhidos: aprendizagem/discípulos, castigo, discriminação de género, experiência, exemplo, idade de aprendizagem, ignorância/ignorantes, livros/ler/escrever/estudo, mestre/sábio/ensino, motivação (necessidade), saber/ciência, saber estar (boa educação/saber calar/falar), saber fazer.

Desta reorganização pode constatar-se que o saber mais valorizado é o saber estar com 22,8% da ocorrência. O mestre continua a ser o centro do ensino possuindo 12,1% das ocorrências, bem como a ciência que incorre numa percentagem de 13,6%. A experiência e a leitura foram dois fatores bastante evidenciados com 7,5% e 7,7% das ocorrências, respetivamente. Os ignorantes possuem uma percentagem significativa (17,7%) de participação nos provérbios, por ridicularização da sua falta de vontade para aprender.

A autora refere outros aspetos, abordados nos provérbios recolhidos, como a motivação para aprender porque “a necessidade é mãe do engenho” e a idade de aprendizagem sendo que esta não se pode definir porque se pode “aprender até morrer”.

Este estudo permitiu à autora perceber que estes saberes atravessam gerações e não se limitam ao senso comum.

Amorim (s/d) realizou um estudo sobre a contribuição dos provérbios para a formação de “bons entendedores”, ou seja, alunos mais capazes na sua interpretação das leituras. A autora considera a leitura para lá de uma pura descodificação, ela apoia-se nas fundamentações

de vários autores que percebem a leitura não apenas como “o ato de ler” mas sim que “deve ser entendido como perceber o significado das coisas”. Assim apresenta uma citação de Koch (2012, p.35), para corroborar estas teses:

[...] a leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor, pois, se o autor apresenta um texto incompleto, por pressupor a inserção do que foi dito em esquemas cognitivos compartilhados, é preciso que o leitor o complete, por meio de uma série de contribuições.

A autora apresenta uma proposta para a resolução deste problema. Ela pretende levar os provérbios até à sala de aula, apresentando-os como expressões que fazem parte do quotidiano e assumidas como verdades. O estudo é aplicado numa turma de 6º ano com 17 de alunos com dificuldades de leitura, escrita, articulação de ideias e desinteresse pelas práticas tradicionais de ensino. O esquema de aplicação são 4 aulas de 45 minutos, elaborando uma avaliação contínua baseada na assiduidade e participação dos alunos, utilizando recursos didáticos informáticos e o quadro da sala.

A primeira aula (primeiro momento como designa a autora) baseou-se na apresentação de um fábulas de Esopo “O leão e os três touros”, cuja reflexão e debate levaram a concluir que se relacionava com o provérbio “A união faz a força”. Foi questionado aos alunos se já o conheciam e foi proposto aos alunos que efetuassem junto da família, em livro ou na internet uma recolha de provérbios. Esta tarefa assemelha-se também à primeira etapa deste estudo.

Com os provérbios recolhidos, na segunda aula, a autora pediu aos alunos que os apresentassem e para cada um deles foi analisado o vocabulário desconhecido, especulando-se pelo seu significado e só depois se procedeu à efetiva pesquisa no dicionário. Nesta aula também se passou pela interpretação de alguns provérbios, primeira foi feita uma tradução explícita “à letra” que possibilita aos alunos “entender a plurissignificação dos textos e conceitos como denotação e conotação” e depois uma tradução mais implícita de cada aluno para cada provérbio, algo que não sofreu correções ou questões, porque a autora acredita que aluno deve gradualmente moldar a sua capacidade interpretação.

Na terceira aula, a turma foi dividida em grupos de 2 ou 3 elementos. Os grupos receberam a canção de Chico Buarque, “Bom conselho”, na qual tinham de identificar os provérbios e atribuir significado geral à música. Posteriormente foram distribuídas partes de “antiprovérbios”, ou seja, provérbios descaracterizados como “Quem ri por último – não entendeu a piada.”. Os alunos tinham de juntar as partes e perceber que os provérbios não se encontravam na sua forma correta. Para concluir, a autora transmite aos seus alunos que os

provérbios “representam a sabedoria popular e contemplam “verdades” e valores universais”. Alerta, também, que para serem usados devem primeiro ser compreendidos.

A quarta e última aula desenvolveu-se em torno da leitura e interpretação de fábulas, às quais deviam fazer corresponder um provérbio com a mesma moral. Por fim, deveriam selecionar um provérbio de entre os que foram trabalhados e escrever uma fábula. Esses trabalhos foram depois expostos.

Nos resultados e conclusões, a autora apresenta-os como positivos e motivadores. Reflete que as aulas, para além de prazerosas, foram produtivas, captando o interesse até dos alunos mais desinteressados, obtendo uma participação total da turma. As contribuições para as atividades vinham dos alunos mais proficientes na língua mas também daqueles que possuem as suas fragilidades. Numa das suas intervenções, um aluno interpretou um provérbio de acordo com as suas vivências familiares, o que se adequa à tese do autor Bakhtin (2011, p. 265) de que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos; é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Todo o trabalho com os provérbios tornou os alunos mais autónomos na leitura e escrita, deixando o professor mais motivado e grato para trabalhar mais com os seus alunos.

Almeida (s/d) procurou determinar o papel dos provérbios na língua gestual, de modo a perceber as semelhanças e diferenças entre a interpretação de um provérbio na linguagem gestual e na linguagem oral. Considerando que todas as línguas possuem características culturais do povo que as utiliza, “do modo como veem o mundo que os rodeia e de como experienciam as vivências do seu quotidiano” a autora refere que essas interpretações podem influenciar as interpretações de expressões como os provérbios.

Neste estudo participaram doze pessoas surdas, recolhendo dados através de entrevista e questionário. A experiência de vida da autora também foram uma boa ferramenta de trabalho, por ter crescido na comunidade surda portuguesa, por ser filha de pais surdos.

No decorrer do seu estudo e após a recolha de dados, conclui-se que não existem “expressões equivalentes em LGP [língua gestual portuguesa] para provérbios da língua portuguesa”. Dando origem à questão: “existirão provérbios na LGP?”, para a qual a resposta foi: Apesar de o universo de inquiridos ser considerado pequeno para se considerarem relevantes as respostas, alguns dos inquiridos reconheceram provérbios da Língua Portuguesa, quando escritos, mas assumiram não os utilizar na sua comunicação, a maioria confessa não existirem provérbios na LGP. Na Língua Gestual Portuguesa existem várias expressões idiomáticas como “língua-de-trapos”, “tenho um ratinho no estomago”, entre outras.



## **METODOLOGIA**

Nesta secção do capítulo II são apresentadas todas as opções metodológicas selecionadas, os participantes com quem se realizou o estudo, os procedimentos, instrumentos e recolhas feitas durante toda a intervenção.

### **OPÇÕES METODOLÓGICAS**

Com o objetivo central de perceber o papel dos provérbios na aprendizagem de conteúdos educativos, esta investigação enquadra-se num paradigma interpretativo ou qualitativo, recentemente intitulado, construtivista. O facto de o intitularem de construtivista passa pelo facto de o objetivo de uma investigação de carácter qualitativo ou interpretativo ser o de construir conhecimento, a partir da compreensão e atribuição de significado numa interação com o sujeito da investigação num determinado contexto social (Coutinho, 2014).

A investigação apresentada decorre num contexto social, no qual a PEI (Professora-estagiária-investigadora) se encontra inserida, e no qual intervém ativamente e de forma naturalista. Tratando-se de uma metodologia qualitativa, “investigador e investigado interagem” (Coutinho, 2014, p. 18) e constroem de forma bilateral o conhecimento. O investigador descobre e dá significado às questões levantadas e o investigado constrói conhecimento através dos momentos de aprendizagem sob investigação. Neste caso em particular, o professor é investigador e o seu papel é disfarçadamente duplo.

Tratando-se de um trabalho aplicado segundo a metodologia qualitativa, a PEI faz uma observação naturalista e participante, porque faz uma “recolha dos dados no meio natural em que ocorrem” (Coutinho, 2014, p. 30) de forma ativa, dinamizando e concretizando os momentos educativos nos quais se recolhem dados, tendo em conta que esses momentos podem ser reajustados aos desenvolvimentos da investigação.

Coutinho (2014) apresenta a perspetiva fenomenológica de Edmund Husserl e Alfred Schutz em que os investigadores “procuram penetrar no mundo conceptual dos seus sujeitos com o objetivo de compreender qual o significado que constroem dos acontecimentos das suas vidas quotidianas sem a presunção de ideias pré-concebidas” (p. 17).

Adotou-se, para este trabalho de investigação, o método fenomenológico porque os provérbios e a interpretação que se faz de cada um é um trabalho subjetivo, porque cada sujeito constrói o seu significado de acordo com as suas experiências.

Perante uma abordagem qualitativa/interpretativa, são estudadas as influências sociais decorrentes da intervenção pedagógica e são atribuídos significados. Ou seja, a investigação

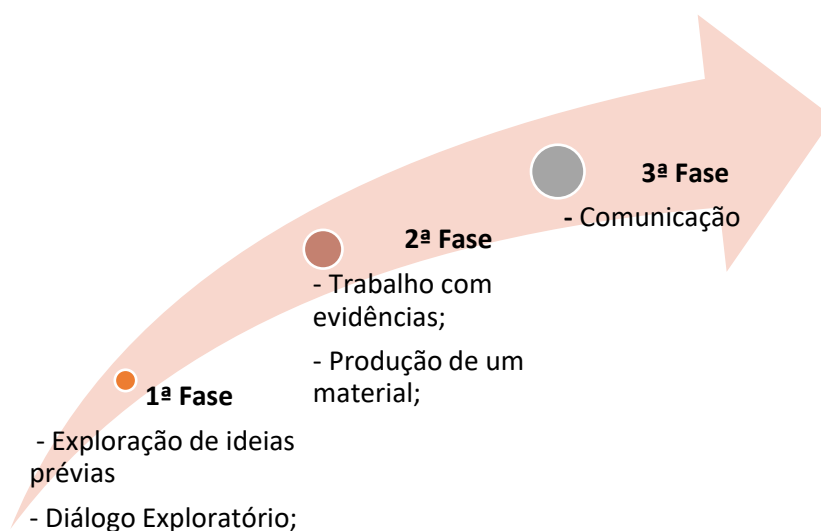
segue uma lógica indutiva sendo que “a teoria surge *a posteriori* dos factos e a partir da análise dos dados” (Coutinho, 2014, p. 29).

A recolha de dados foi feita através da observação naturalista e participante, um aspeto caracterizador da metodologia qualitativa, de registos escritos e audiovisuais, inquirição por questionário.

De modo a proporcionar uma investigação de diagnóstico propôs-se aos alunos que recolhessem alguns provérbios junto da família. Os resultados desta recolha serviram para estabelecer um ponto de partida para o estudo conferindo-lhe, inicialmente, um carácter exploratório.

Este projeto foi desenvolvido com base no construtivismo, uma filosofia pedagógica que acredita que as crianças são capazes de construir o seu próprio conhecimento. Na qual se constrói uma educação baseada num “processo de construção de conhecimento ao qual ocorrem, em condição de complementaridade, por um lado, os alunos e professores”. (Becker, 1992, p. 89) Valorizando-se essa autonomia na construção do conhecimento, tiveram-se em conta os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos provérbios, em geral, e de cada provérbio em particular. Podemos considerar que esta filosofia pedagógica estabelece uma ponte entre a metodologia qualitativa e o método de ensino da História proposto por Isabel Barca (2004) – aula-oficina.

**Esquema 4 - Aula-oficina Isabel Barca (2004)**



**Fonte:** adaptado de Barca (2004, p. 134-135)



A aula-oficina é um método de ensino desenvolvido por Barca (2004, p. 134), em que o aluno, detentor de ideias e experiências próprias, assume o papel de agente da sua formação. O professor neste método é um investigador que desafia os alunos com propostas e atividades, cujo produto resultante delas servirá de recurso de avaliação. O saber, considerado neste método, vai desde o senso comum à ciência. O objetivo primordial da aula-oficina é criar agentes sociais, que a sociologia define como o conjunto de atores sociais que influenciam o indivíduo nas suas interações sociais.

Na concretização de aula-oficina procede-se à avaliação sistemática dos produtos resultantes das propostas apresentadas. Na investigação apresentada, a PEI faz uma recolha inicial de ideias prévias acerca do provérbio e no final, da proposta didática, volta a efetuar a recolha e analisa a “mudança concetual”. (Barca, 2004, p. 141)

A aula-oficina começa por caracterizar este projeto de investigação na relação direta entre professor e investigador. Lima (s.d.), no seu trabalho sobre o professor-pesquisador, apresenta várias perspetivas sobre este tema. Há opiniões que esclarecem a incompatibilidade das duas profissões, em contrapartida, citando Santos (2004, p. 15), apresenta a teoria dos “defensores da pesquisa como elemento essencial no trabalho docente e, conseqüentemente, nesta visão, os cursos de formação docente devem voltar seus currículos para a preparação dos professores para o exercício dessa atividade.”



## **PARTICIPANTES**

O estudo apresentado foi realizado no âmbito das intervenções práticas da PES II, cujos objetivos contemplavam a realização de um relatório de investigação. A turma com quem se realizou o estudo era constituída por 22 alunos (doze alunos do sexo masculino e dez do sexo feminino) do 2º ano de escolaridade, de um centro escolar pertencente ao distrito de Viana do Castelo.

Todos os alunos foram participantes do estudo, embora numa intervenção ou noutra faltasse um aluno (por questões de saúde), mas nunca era o mesmo aluno. Todos os encarregados de educação permitiram a participação dos educandos no estudo, bem como o registo vídeo e áudio das aulas em que se implementava o estudo.

Os alunos formavam uma turma bastante ativa e participativa, com dificuldades em gestão de autonomia e comportamento, foram as características sociais que levaram em frente este projeto.

De modo a complementar o estudo, foi solicitada a participação dos familiares dos alunos, através da resposta a um questionário e na realização de uma gincana de provérbios em contexto familiar, na paragem letiva do Natal.

## **RECOLHA DE DADOS**

A recolha de dados representa, para uma investigação os ingredientes que darão origem à massa consistente – o estudo propriamente dito. Os dados são “simultaneamente as provas e as pistas” recolhidas no ambiente de estudo, que depois de organizados e analisados, orientam e delineiam a investigação. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 149)

Uma investigação de carácter qualitativo poderá ter lugar num contexto escolar a fim de promover a melhoria da qualidade de ensino, bem como da qualidade das aprendizagens, principalmente quando estas dinâmicas são parte integrante da formação dos futuros professores, tornando-os “observadores mais atentos do meio escolar”. (Bogdan & Biklen, 1994)

A diversidade de técnicas e instrumentos existentes para a recolha de dados, facilita uma recolha mais abrangente de dados para uma investigação que decorre dentro de um prazo relativamente curto. No caso desta investigação foram recolhidos dados através da observação, do registo em áudio e vídeo dos momentos de intervenção, documentos dos alunos e da família (as tarefas dos alunos em contexto de sala de aula e tarefas dos alunos com a família em contexto doméstico), inquéritos por questionário de alunos e familiares.

Estes dados foram recolhidos sob autorização prévia dos encarregados de educação, que de forma informada assinaram um documento construído para o efeito (anexo 2).

## **OBSERVAÇÃO**

A observação foi o procedimento de recolha de dados que determinou a rota do presente estudo. Através da observação consideraram-se os comportamentos e atitudes chave que fundamentaram a definição do problema.

Sendo este um trabalho de professor-investigador, a observação seria por defeito o primeiro instrumento a utilizar. Neste tipo de investigação em contexto escolar, o professor assume o papel de investigador com uma observação naturalista e participante (Coutinho, 2004). A duplicidade de papéis integrados, num só ator em sala de aula, permite que na dinâmica de uma aula se inicie uma recolha de dados para uma investigação.

Foram vários os momentos de observação direta com os alunos mas é através dela que se fazem as primeiras considerações do meio em que se realiza o estudo, se avaliam os participantes a integrar no estudo e se consolidam outros procedimentos a utilizar. A observação é a primeira instância do trabalho de campo.

Nas fases de análise dos provérbios, bem como das ideias prévias dos mesmos, através da observação, era possível perspetivar as impressões e conceções que iam expressando. A análise observadora dos recursos realizados pelos alunos e sua família foi também uma abordagem da observação muito utilizada neste projeto de investigação.

Foi possível observar uma adesão progressiva ao tema, em certos momentos, os alunos enunciavam provérbios adequados a situações que estariam a ser discutidas no contexto de sala de aula, o que permitia ir avaliando impacto da investigação.

## **MÉTODOS AUDIOVISUAIS**

Este é o procedimento que fornece os dados mais ricos e completos da investigação, visto que capta e regista todas as respostas, questões e expressões dos alunos no momento da interação.

Este registo tão completo não seria possível apenas pela observação ou registo em notas de campo, porque num momento de interação informal/conversa informal são múltiplas as intervenções ao minuto, que a simples memória não poderia reproduzir tão fielmente.

Os momentos de gravação não influenciaram as intervenções porque os alunos não se apercebiam do instrumento de gravação do áudio. Foram gravadas todas as interações do grupo-professora/investigadora, o que possibilita uma maior eficácia na análise de dados através da audição desses momentos.

Os registos fotográficos são para evidenciar e estudar os registos efetuados pelos alunos nos diferentes momentos do projeto de investigação.

## **REGISTOS ALUNOS E FAMÍLIA**

Estes registos constituem um conjunto de materiais que documentam, fisicamente, informações relevantes para o estudo do papel dos provérbios no processo de ensino-aprendizagem de alguns conteúdos educativos.

Os documentos recolhidos correspondem a tarefas realizadas na sua maioria pelos alunos em sala de aula, mas também registam a colaboração da família em contexto familiar.

Esta recolha contempla os registos de ideias prévias e conclusões relativamente aos provérbios abordados, tarefas subjacentes às diversas abordagens, a gincana dos provérbios e o respetivo projeto final e os lenços dos provérbios.

Estes documentos possuem uma marca muito própria de cada aluno e da colaboração das famílias, sendo um elemento preponderante na análise dos dados e nas conclusões a retirar.

## **QUESTIONÁRIOS**

A recolha de dados feita através de inquirição pode ser efetuada de duas formas diferentes: questionário e entrevista. As duas formas tem em comum o objetivo de “obtenção de respostas expressas pelos participantes” (Coutinho, 2014, p. 107).

O questionário e a entrevista assemelham-se pela colocação de questões pertinentes e necessárias ao estudo. Nos questionários não há uma interação direta entre entrevistado e entrevistador, assumindo a forma de formulário, pode ser entregue em mão e recolhido quando o inquirido termina ou ser enviado por correio (Coutinho, 2014, p. 107).

Quivy & Campenhoudt (1992, p. 190) apresenta, para este instrumento, a vantagem de obtenção de uma multiplicidade de dados que possibilitam numerosas análises. O autor alerta para que as questões sejam formuladas de forma clara e unívoca, de modo a que o inquirido tenha mais facilidade em compreender o objetivo da questão e a resposta seja mais fidedigna.

No estudo em questão foram aplicados dois questionários diferentes. Um foi aplicado, na fase inicial, aos alunos de modo a obter dados prévios relativos aos seus conhecimentos dos alunos acerca dos provérbios. Outro às famílias dos alunos, na fase final, para perceber em que medida os provérbios estão presentes no seu quotidiano familiar.

## INTERVENÇÃO EDUCATIVA

Para a recolha de dados, necessários para a investigação, foi necessário criar uma sequência de tarefas de intervenção.

Apresento um cronograma representativo que contém a calendarização das tarefas:

**Esquema 5 - Intervenção Educativa**

<b>INTERVENÇÃO</b>	<b>DATA DA INTERVENÇÃO</b>
Recolha de Provérbios	10 de novembro de 2015
Questionário aos alunos	23 de novembro de 2015
Partilha de conhecimentos sobre os provérbios	24 de novembro de 2015
Grão a Grão construímos castelos	27 de novembro de 2015
Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro	7 de dezembro de 2015
Gincana de provérbios	Paragem letiva de natal
Desafio final da gincana	6 de janeiro de 2016
Questionário à família	15 de janeiro de 2016
Mimar provérbios	15 de janeiro de 2016
Amor com amor se paga	18 de janeiro de 2016
Os nossos provérbios (Lenços dos Provérbios)	20 de janeiro de 2016

**Fonte:** Elaboração própria

As tarefas apresentadas tinham como principal objetivo a exploração pedagógica dos valores presentes nos provérbios. Optou-se por fazer uma abordagem aos conhecimentos prévios dos alunos relativamente aos provérbios apresentados. Após a exploração, era recolhido um registo onde os alunos apresentavam o que entenderam do provérbio explorado. Os provérbios selecionados transmitiram valores que se foram perdendo, em geral, na sociedade.

A intervenção da família foi muito importante para o processo de investigação por dois motivos, pôde ter-se acesso aos conhecimentos das famílias relativamente ao tema e a tarefa proposta motivou e fomentou momentos de partilha familiar durante a paragem letiva.

Tentou privilegiar-se interdisciplinaridade das tarefas por forma a tornar mais rico e potenciador todo o trabalho desenvolvido.

Segue-se uma apresentação das tarefas, referindo o seu objetivo e o modo como foi operacionalizada.

## TAREFAS DA INTERVENÇÃO EDUCATIVA

O crucigrama apresentado pretende esquematizar as tarefas da intervenção educativa, apresentando o tipo de tarefa, com que objetivo foi realizada, o material que se utilizou na sua realização e na recolha dos dados, bem como os participantes na atividade.

**Esquema 6 - Crucigrama das tarefas da intervenção educativa**

<b>TÍTULO DA TAREFA</b>	<b>TIPO DE TAREFA</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>MATERIAL</b>	<b>PARTICIPANTES</b>
<b>Recolha de provérbios</b>	Alunos recolhem provérbios junto da família	Ter acesso aos conhecimentos dos alunos e da família acerca do tema	Registos escritos	13 Alunos (cooperação dos familiares)
<b>Questionário aos alunos</b>	Alunos respondem a um questionário de três perguntas sobre os provérbios	Diagnosticar os conhecimentos dos alunos acerca do tema	Questionários escritos	22 Alunos
<b>Partilha de conhecimentos</b>	Análise e reflexão sobre alguns provérbios apresentados	Introduzir a temática – primeira abordagem	Quadro Registo Áudio	22 Alunos
<b>Grão a grão construímos castelos</b>	Exploração pedagógica do provérbio “grão a grão enche a galinha o papo” – abordagem às questões da poupança	Compreender o significado moral e cívico de um provérbio;	Material audiovisual Registo áudio Registo escrito	21 Alunos
<b>Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro</b>	Descoberta do provérbio por via de um código – exploração pedagógica do	Compreender o significado moral e cívico de um provérbio	Registos escritos Registos áudio	22 Alunos



	provérbio “amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro”			
<b>Gincana dos provérbios</b>	Tarefa proposta para a paragem letiva do Natal em que os alunos deviam completar provérbios com ajuda dos pais. Os provérbios a completar eram apresentados num livro construído para o efeito.	Conhecimentos morais e cívicos dos provérbios por parte da família acerca do tema	Livro construído para o efeito com registos dos alunos	16 Alunos em colaboração com as famílias
<b>Desafio final da gincana dos provérbios</b>	Os alunos apresentaram na aula o objeto que construíram com os seus pais no desafio final da gincana	Partilhar com a turma o objeto construído em família	Objetos construído em família	15 Alunos
<b>Questionário à família</b>	As famílias respondem a um questionário de sete questões relativas aos provérbios e à sua influência escolar e social	Recolher a opinião da família sobre os provérbios na vida da sociedade e dos seus educandos e sobre a gincana dos provérbios	Questionários respondidos pelas famílias	22 Alunos
<b>Mimar provérbios</b>	Os alunos mimam o significado dos provérbios, numa aula de expressão dramática	Avaliar a compreensão que os alunos fazem dos provérbios já abordados	Registo em vídeo	22 Alunos

<b>Amor com amor se paga</b>	Exploração pedagógica do provérbio “amor com amor se paga”	Compreender o significado moral e cívico de um provérbio	Registo escrito	22 Alunos
<b>Os nossos provérbios (Lenços dos Provérbios)</b>	Os alunos recordam todos os provérbios explorados anteriormente, mais propriamente os seus significados. Seleccionam, individualmente, o provérbio de eleição e representam-no num lenço, semelhante aos Lenços dos Namorados.	Avaliar o leque de provérbios marcantes para os alunos e seu significado	Registo escrito Registo áudio Protótipos/Lenços dos Provérbios	22 Alunos

Fonte: elaboração própria

## APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS

Pretende-se nesta fase da investigação apresentar os dados recolhidos nos diferentes momentos da investigação e, por conseguinte, analisar/refletir sobre aquilo que foi recolhido.

### RECOLHA DE PROVÉRBIOS (10.11.2015)

A recolha foi realizada na semana a seguir ao pedido. Nesta recolha participaram 14 alunos (anexo 3), a adesão a este tipo de tarefas é de difícil gestão, visto que não podemos ir a casa dos nossos alunos impulsionar a sua adesão e das suas famílias. No entanto foram recolhidos 98 frases idiomáticas, sendo que 15 se repetiam para diferentes alunos.

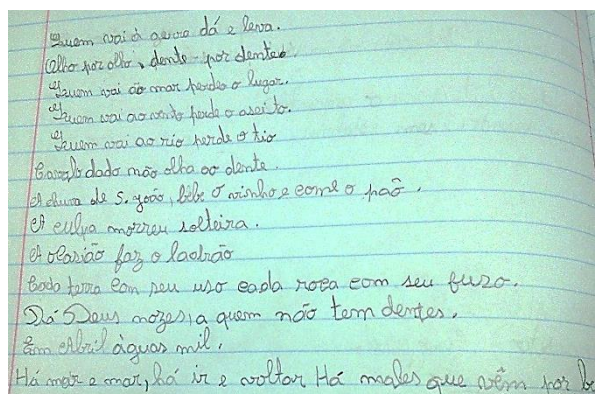


Figura 3 - Imagem ilustrativa da recolha de provérbios

Apresento numa tabela as frases idiomáticas (contemplando provérbios e ditos populares). Podemos identificar aquelas que se repetiram, através dos sombreados:

Tabela 6 – Recolhas de provérbios pelos alunos

Frase idiomática	Nº de vezes que é enunciado
Não dá quem tem, dá quem quer bem.	1
Casa de ferreiro espeto de pau.	1
Quem tem boca vai a Roma.	1
Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.	1
Galinha de campo não quer capoeira.	1
Ninguém se levanta sem primeiro cair.	1
Cada macaco no seu galho.	2
Devagar se vai ao longe.	2
Para ensinar é preciso aprender.	2
Parar é morrer.	2
Quem casa quer casa.	1
A laranja de manha é ouro, à tarde é prata e à noite mata.	1

Abril, abril está cheio a covil.	1
Abril, águas mil.	5
Grão a grão enche a galinha o papo.	4
Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	1
Vão os anéis mas ficam os dedos.	1
Maior frio e junho quente: bom pão, vinho valente.	1
Mais vale tarde do que nunca.	1
Santos da terra não fazem milagres.	1
Janeiro fora, cresce uma hora.	2
Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer.	1
Amigos, amigos negócios à parte.	1
Quem parte e reparte e fica com a pior parte ou é tolo ou não tem arte.	1
Quem te avisa teu amigo é.	1
Quem canta seus males espanta.	2
Quem teu amigo é, meu amigo é.	1
A fome é o melhor tempero.	1
A noite é boa conselheira.	1
A união faz a força.	1
Mais vale ir do que mandar.	1
Mais vale prevenir do que remediar.	1
Mais vale só que mal acompanhado.	1
Longe da vista, longe do coração.	1
Agosto que lhe dá no rosto.	1
A cada bacorinho vem o São Martinho.	1
Em dia de São Martinho atesta e abatoca o teu vinho.	1
Quem cedo madruga, Deus ajuda.	1
Quem feio ama, bonito lhe parece.	1
Quem ri por último ri melhor.	1
Ovelha que berra bocado que perde.	1
No dia de São Martinho vai à adega e prova o teu vinho.	2
Amor com amor se paga.	1
Quem tudo quer tudo perde.	2
Quem vai ao ar perde o lugar.	2
Fevereiro quente traz o diabo no ventre.	1
A lã nunca pesa à ovelha.	1
Quem vai à guerra, dá e leva.	2
Quem vai ao vento perde o acento.	3

Filhos criados trabalhos dobrados.	1
Um mal nunca vem só.	1
Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro.	1
Tempo é dinheiro.	1
Com papas e bolos se enganam os tolos.	1
Olho por olho, dente por dente.	1
Quem vai ao rio perde o tio.	1
A chuva de São João, bebe o vinho e come o pão.	1
A culpa morreu solteira.	2
A ocasião faz o ladrão.	1
Cada terra com seu uso cada roca com seu fuso.	1
Dá Deus nozes, a quem não tem dentes.	1
Há mar e mar, há ir e voltar.	1
Há males que vêm por bem.	1
Quem não tem cão caça com gato.	1
Quem tem medo compra um cão.	1
A cada boca uma sopa.	1
A fome faz o lobo sair do mato.	1
Na casa cheia, depressa se faz a ceia.	1
Onde há fumo, há fogo.	1
A cavalo dado não se olha ao dente.	2
Primeiro de agosto, primeiro de inverno.	1
Onde todos ajudam nada custa.	1
Aprender até morrer.	1
Quem arrota, bem almoça.	1
Quem semeia, colhe.	1
Nunca é tarde para aprender.	1

Fonte: elaboração própria com base nas recolhas dos alunos

Das recolhas efetuadas podemos refletir que os alunos e respetivos colaboradores na tarefa, não realizam adequadamente a distinção entre provérbio e dito popular, como por exemplo: “Abril, água mil” e “Laranja de manhã é ouro, à tarde é prata e à noite mata”. Não obstante é notável a variedade de provérbios recolhidos, sendo que alguns deles se repetem por diferentes alunos, que é o caso de “Grão a grão enche a galinha o papo” (apresentado por 4 alunos).

Apesar da participação dos alunos ter sido pouco generalizada, é notável e evidente a participação dos pais. A integração dos pais nos trabalhos de casa e nas tarefas escolares

engloba sempre uma taxa de sucesso mais evidente, os alunos podem e devem aprender com os pais.

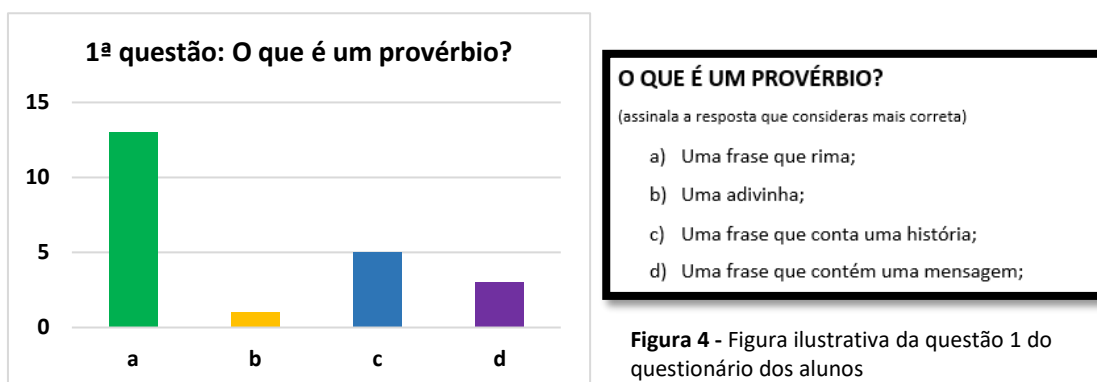
## QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS (23.11.2015)

Pretendia com a aplicação deste questionário obter informações/ideias prévias dos alunos acerca do tema provérbios, para assim consolidar e delinear melhor o meu trabalho de investigação, cujo modelo se apresenta em anexo (anexo 4). Como diriam Ferreira e Souza (2010) “para favorecer a obtenção do conhecimento, o educador mobiliza os saberes iniciais dos educandos, com a intenção de possibilitar o pensamento e a expressão do conhecimento existente no grupo porque isso interfere na aquisição de novos conhecimentos” (p. 172)

A participação na resposta ao questionário foi total, 22 alunos.

Para cada pergunta apresento os moldes em que ela deveria ser respondida e o número de respostas obtidas em cada alínea, analisando e refletindo sobre cada uma das perguntas.

Para a primeira pergunta “**O que é um provérbio?**”, os alunos só podiam selecionar uma alínea, das quatro disponíveis, como resposta.



**Gráfico 1** - Representação gráfica das respostas à questão 1 do questionário dos alunos

**Figura 4** - Figura ilustrativa da questão 1 do questionário dos alunos

Obtivemos, então, uma maioria de resposta na primeira alínea “Uma frase que rima” (13 alunos). O que revela um conhecimento superficial e literal de um provérbio, considerando-o apenas uma frase com características de rima, quase como uma cantilena. Cinco alunos, ao selecionar a alínea c) (uma frase que conta uma história), demonstram detetar em alguns provérbios uma aplicação real a um contexto e personagens.

Não desconsiderando aqueles três alunos que selecionaram a última alínea que lhe conferem implícita uma mensagem. Pela complexidade do assunto e imaturidade dos alunos,

podemos suscitar alguma dúvida para com estas respostas, podendo de alguma forma o aluno recorrer, interpretar e aplicar o “politicamente correto”.

Na segunda questão “O que nos ensina um provérbio?” os alunos podiam selecionar as alíneas, das três disponíveis, que considerassem mais corretas.

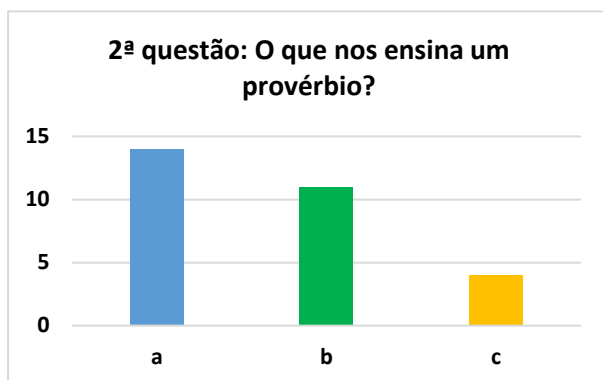


Gráfico 2 - Representação gráfica das respostas à questão 2 do questionário dos alunos

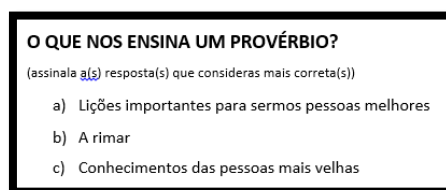


Figura 5 - Figura ilustrativa da questão 2 do questionário dos alunos

Tendo os alunos a possibilidade de selecionar mais do que uma alínea, o total de respostas não corresponde ao número total de alunos. A alínea a) e b) foram as que obtiveram maior número de respostas. Em conformidade com ideias explanadas nas respostas à primeira questão, os alunos apontaram a segunda alínea, b) a rimar, como uma das competências inerentes aos provérbios. No entanto, devemos considerar que a maioria das respostas para a primeira alínea, a) lições importantes para sermos pessoas melhores, é uma evidência de que os alunos possam compreender que os provérbios tem um carácter moralizador.

A terceira, e última, questão “Quem nos transmite/ensina os provérbios?”, na qual os alunos, também, podiam selecionar as alíneas que considerassem mais adequadas, de entre 4 disponíveis.

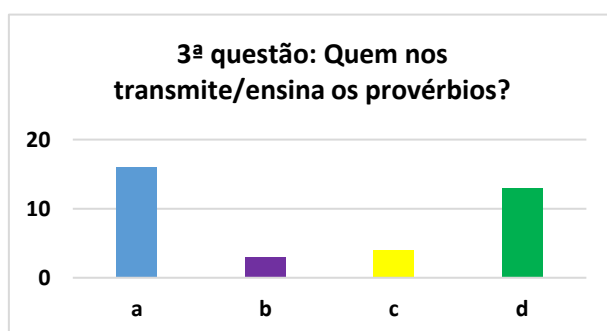


Gráfico 3 - Representação gráfica das respostas à questão 3 do questionário dos alunos

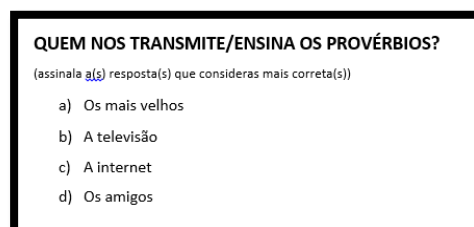


Figura 6 - Figura ilustrativa da questão 3 do questionário dos alunos

Os alunos, com as respostas a esta questão, demonstram reconhecer que os provérbios podem ser transmitidos pelos mais velhos ou pelos amigos. Este pode ser o ponto de partida para compreenderem que estes são conhecimentos e ensinamentos que percorrem gerações. Alguns alunos apontam a televisão e a internet como meios de transmissão de provérbios, o que não deixa de ser verdade, no entanto fazem-no de forma muito mais despersonalizada e descontextualizada.

### **Análise/reflexão total sobre o questionário**

De um modo geral, o questionário permitiu consolidar o esquema interventivo que vinha a ser planeado para a investigação. Com os dados recolhidos neste questionário foi possível estabelecer o ponto de situação dos alunos para com os provérbios: os provérbios são frases que rimam, transmitidas pelos mais velhos/amigos, cujo conteúdo expressa uma mensagem/lição para sermos pessoas melhores.

Este conjunto de ideias prévias aliadas à recolha dos provérbios em casa permitiram avançar para uma tarefa mais concreta, onde se exploram efetivamente o significado de provérbio e significados de alguns provérbios.

## **PARTILHA DE CONHECIMENTOS SOBRE OS PROVÉRBIOS (24.11.2015)**

Esta tarefa consiste num momento de diálogo, que permitiu a introdução oficial ao tema: provérbios. Importava, primeiro, suscitar a curiosidade “O que é isso?” (aluno MS) e desenvolver o pensamento e o raciocínio à volta daquelas frases que foram escritas no quadro.

Acho que devemos sempre privilegiar os momentos de comunicação com os alunos, permitindo-lhes que pensem sobre determinado assunto, dando-lhes liberdade para expressarem as suas ideias. Subdividi esta tarefa em três momentos: Abordagem a três provérbios; Repescagem do questionário; Conclusão/Reflexão final

### **1º Momento – Abordagem a três provérbios**

Foram apresentados os seguintes provérbios:

- Quem feio ama, bonito lhe parece;
- Onde todos ajudam, nada custa;
- Quem tudo quer, tudo perde;

Quando desafiados a perceber o que significavam aquelas frases, o aluno AC responde “É amor!”, referindo-se ao primeiro provérbio escrito no quadro: **Quem feio ama, bonito lhe**



**parece.** O aluno M auxiliou na explicação desse significando arguindo: “Olham para pessoa pensam que ela é bonita mas ela é feia”, visto que as ideias não eram muito esclarecedoras estabeleci a ponte para a família, se achavam alguns elementos da família bonitos, as respostas foram positivas justificando que era porque gostavam deles. Permitindo refletir de forma informal que quando gostamos de alguém não é importante o seu aspeto físico e que devemos avaliar as pessoas pelas suas características de personalidade.

Ao avançar para o segundo provérbio: **onde todos ajudam, nada custa**, estabeleci a ponte questionando “Se à primeira frase podemos chamar de amor, então o que podemos chamar à segunda?” Quando surgiram palavras como amizade e ajuda, o aluno MC enunciou: “É fazer a união”. Estas ideias demonstraram que quando todos se unem, se juntam e cooperam, as situações resolvem-se com maior facilidade. Foi dado o exemplo da atividade de expressão físico-motora e das tarefas domésticas com a família, que por mais difícil que possa parecer, quando nos ouvimos uns aos outros e nos ajudamos podemos sempre encontrar soluções mais fáceis.

“Eu quero aquela coisa, depois perco outra coisa” (aluno RS) esta foi a primeira definição que deram ao último provérbio: **quem tudo quer tudo perde**. O aluno MTS completou, explicando o seu ponto de vista “Se eu quisesse tudo o que tem dentro da sala, ficava sem tudo o que está na sala”, ao que a Professora Cooperante interveio: “Se ficasses com tudo o que há na sala ficavas sem os teus amigos. Ganhavas tudo que era material, mas perdias tudo que é amizade e companhia”. Neste contexto, acérrimo de diálogo concluímos que não devemos ser gananciosos, mas sim ter consciência e dar valor ao trabalho e ao essencial.

## **2º Momento - Repescagem do questionário**

Para desenvolver a questão dos provérbios, repescámos o questionário, mais propriamente a última questão. Quem transmite provérbios? “Os mais velhos porque eles é que sabem!” (aluno AC), os alunos demonstraram dúvidas sobre quem seriam “os mais velhos”, esclarecendo-se que os mais velhos não são só os nossos avós ou os nossos pais, mas sim aquelas pessoas mais próximas de nós mas com mais idade. Elas podem ser capazes de nos ensinar algo importante, assim como as professoras.

Nesse contexto o aluno RS interveio enunciando um provérbio que a mãe lhe dizia várias vezes: “Ovelha que berra, bocada que perde”. Corrigi-o, explicando-lhe que a forma correta de dizer era: “ovelha que berra bocado que perde”. Aproveitou-se essa intervenção para explorar esse provérbio, dando origem a algumas intervenções mais literais. Inesperadamente, o aluno NP responde “Ela perde o tempo de comer a erva”. Essa é explicação correta, atribuída ao universo das ovelhas, o que se pode transportar ao nosso universo para as horas das refeições

dos alunos, na escola e em casa. Refletindo que devemos ser mais práticos e enfrentar as situações, por exemplo: lamentar a comida e não comer, a comida fica fria e já não sabe bem, ou ficamos sem tempo para ir brincar no intervalo.

### **3º Momento - Conclusão/Reflexão final**

Numa dinâmica interativa, dialogámos para encontrar a definição de provérbio. Comecei por questionar sobre o que eram, afinal, os provérbios. Ao que foram surgindo, gradualmente as seguintes enunciações: “É uma frase que diz alguma coisa” (aluno AC), o aluno MB completou “alguma coisa importante”. “Uma mensagem” (aluno F). Recapitulando, obtivemos “uma frase que diz uma mensagem importante” (PEI). Para que serve essa mensagem importante? “É importante para aprender” (aluno C), a ser “uma pessoa melhor” (aluno G).

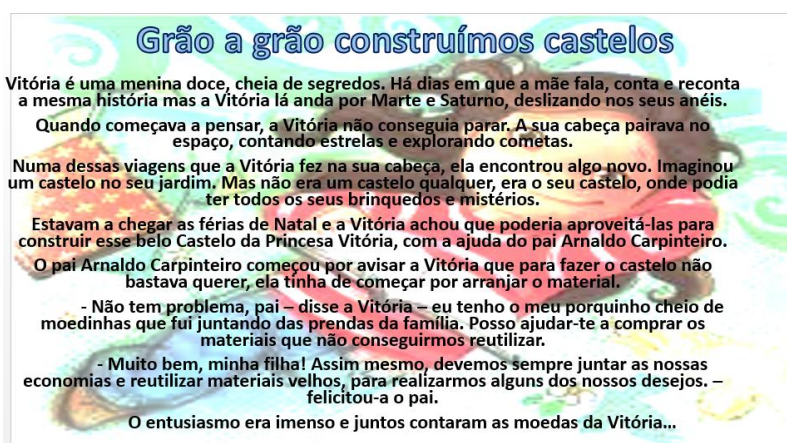
Resumindo, os alunos definiram provérbio como uma frase que diz uma mensagem importante para aprender a ser uma pessoa melhor.

Os alunos, em cooperação, definiram provérbio, por palavras suas. Permitindo uma construção pessoal da definição de provérbio, estabelecendo uma relação mais estreita entre os alunos e os conteúdos.

## GRÃO A GRÃO CONSTRUÍMOS CASTELOS (27.11.2015)

Esta atividade começou com a distribuição das folhas de registo das ideias prévias, onde os alunos poderiam registar a primeira compreensão que fazia do provérbio: grão a grão enche a galinha o papo, que se podem observar no anexo 5.

Os alunos apresentaram definições divertidas como “A galinha para mim dis que gosta de comer” e “ que a barriga da galinha não pode mais com a comida”, mas na generalidade das definições os alunos relacionam a expressão com o ato de comer e ficar cheio, evidenciando uma compreensão literal das palavras, sem conteúdo metafórico.



**Figura 7** - Figura ilustrativa da história da Vitória (autoria de Sara Rodrigues)

**Fonte da imagem:**

<http://admiravelmisteriodeconviver.blogspot.pt/2012/04/menina-sonhadora-parte-02.html>

Tendo por base e apoio uma apresentação de imagens (anexo 6), a primeira fase dessa apresentação é a história da Vitória (escrita pela a PEI), apresentada em anexo (anexo 7), uma menina que queria construir um castelo no jardim de sua casa e para isso conversou com o pai. Disse ao pai que ia arranjar objetos para reutilizar e que se fosse necessário alguma coisa mais recorria ao seu mealheiro. Com esta trama, os alunos visualizam a situação da Vitória que tinha as suas poupanças e que não pretendia gastá-las numa situação qualquer, porque não se pode esbanjar as quantias amealhadas, iludidos com um mealheiro cheio. Durante esta reflexão o aluno MTS enunciou que “quem tudo quer, tudo perde”.

Mas afinal para que é que serve o dinheiro e porque é que ele é tão importante? Como forma de resposta a esta questão foram refletidas as despesas vistas como essenciais à sobrevivência, analisando também a figura. Os alunos acabam por concluir que o dinheiro que

se tem deve ser gerido de forma cuidada, usado preferencialmente no que é mesmo importante, só depois usá-lo naquilo que é mais secundário. Os alunos relataram situações pessoais com a família num supermercado, por exemplo, que a mãe não dava alguma coisa porque o dinheiro não chegava para a comida.



**Figura 8** - Figura da apresentação da tarefa grão a grão construímos castelos  
**Fonte da imagem:**  
<http://www.presenca.pt/livro/manual-da-poupanca/>



**Figura 9** - Figura presente na apresentação do grão a grão construímos castelos  
**Fonte da imagem:**  
<http://www.caoazul.com/loja/special-for-kids-porqu-porqu-porqu-pi-2699.html>

Foram colocadas questões como:

- “Como é faz a Vitória para gastar o menos possível das suas economias?”
  - “Quando a Vitória fosse as compras com o pai ter atenção e ver a tinta mais barata.” (aluno E)
- “Porque é a Vitória poupa?”
  - “Porque lhe deram” (aluno E), - “Para construir o castelo” (aluno F), - “Para comprar outras coisas” (aluno G), - “Para o que ela precisa” (aluno E), - “Para comprar o que ela quer sem pedir aos pais” (aluno B).

Quando se recebe um mealheiro (ou peteiro como dizem os alunos da turma), ele vem vazio, mas “ao longo do tempo foram dando moedas” (aluno MS). No quadro, desenhou-se um esboço que representava um mealheiro vazio e esquematicamente a entrada das moedas. Foi acrescentado que o mealheiro se enche ao longo do tempo “Hoje deram uma moeda, mas só passado um mês recebem outra”. Ou seja, ao longo do tempo o mealheiro “fica cheio” (aluno MB).



**Figura 10** - Figura de apresentação do grão a grão enche a galinha o papo  
**Fonte da imagem:** <http://saborbasico.blogspot.pt/2015/08/o-significado-de-no-frigir-dos-ovos.html>

Em conversa informal os alunos percebem que para encher um mealheiro é preciso ter paciência. “Moeda a moeda enche-se o mealheiro” (PEI), esta frase foi o mote para a comparação com o provérbio pretendido “grão a grão enche a galinha o papo”. É explicado aos alunos a comparação, porque a galinha é paciente ao comer um grão de cada vez até ficar satisfeita.

Para concluir a PEI questiona o que é aquela frase: “É um provérbio” (aluno MR), porque “é uma frase que ensina alguma coisa” (aluno RS). Este provérbio em particular ensinou aos alunos que se deve “ter paciência” (aluno DR), e saber esperar. Conclusivamente, apresenta-se o significado deste provérbio como um ensinamento de que devemos ser pacientes, sendo que essa definição representa a totalidade das respostas dos alunos na segunda ronda dos registos (anexo 8).

A história da Vitória foi apresentada sem final, suscitando o mistério. Como atividade final, os alunos deviam completar a história, decidindo se a menina teria moedas suficientes para comprar o que lhe fizesse falta e se conseguiu construir o castelo, que se podem observar no anexo 9.

Foi possível desenvolver esta atividade apenas com 21 alunos, por motivos de doença um dos alunos ausentou-se. Pode privilegiar-se o trabalho com diferentes áreas de conhecimento: português, educação financeira e estudo do meio social.

## AMIGO VERDADEIRO VALE MAIS DO QUE DINHEIRO (7.12.2015)

A tarefa iniciou com a descoberta do provérbio, através de um código matemático (anexo 10). O processo de resolução desta tarefa passa por 4 passos:

1º Resolver operações matemáticas (identificadas com símbolos);

2º Fazer corresponder o resultado da operação ao valor posicional de uma letra no abecedário, por exemplo:  $28 - 7 = 21$  (letra U)

3º Associar as letras aos símbolos no esquema apresentado;

4º Reescrever a frase escondida no esquema;

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26

☆	•	☁	▲	?		☼	♦	∞	✳	☆	✳	♦	☁	∞	•										
---	---	---	---	---	--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

☼	☆	♪	♦		•	☆	☁	∞		✳	?														
---	---	---	---	--	---	---	---	---	--	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

∩	∩	♦		✳	☁	♪	∩	♦	☁	∞	•														
---	---	---	--	---	---	---	---	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Figura 11 - Esquema do código mistério

A tarefa foi realizada e participada por todos até descobrirem a frase escondida no código: **Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro**. Foi uma atividade extensa e complexa pelos vários passos a dar e pela baixa autonomia dos alunos na resolução deste tipo de tarefa. No entanto, o fator mistério e desafio estiveram na base do seu sucesso.

Os alunos expõem, nos documentos de registo criados para o efeito, as suas ideias prévias (aquilo que lhes parece significar a frase descoberta), apresentadas em anexo (anexo 11). Ao analisar essas ideias é possível depreender que dois alunos entenderam diretamente o significado deste provérbio, como por exemplo o aluno MTS que explica “para mim esta expressão significa que quando nós somos verdade valem mais do que dinheiro” e o aluno ML que diz que o provérbio “significa que o amigo não é mentiroso”.

Noutra análise podemos aferir que a maioria dos alunos não fazem a leitura metafórica do provérbio e limitam-se a reproduzi-lo, como exemplo “isto significa que amigo vale mais do que o dinheiro”. Dois alunos desviaram-se do sentido do provérbio, mas demonstraram esforço

na sua compreensão, apontando significados como “ser amigo de toda a gente” ou “um amigo nunca bate nos outros”.

O provérbio foi revisto e analisado oralmente, de forma muito breve visto que a maior parte dos alunos conseguiram acompanhar o raciocínio dos dois alunos que revelaram nas ideias prévias ter compreendido o sentido do provérbio. Foram abordados aspetos relacionados com a amizade, a importância da palavra dada, a sinceridade e a honestidade. Desconectando estes traços morais do dinheiro e das concepções materialistas.

Estas abordagens foram explanadas nas respostas dos registos pós-abordagem ao provérbio (anexo 12), em que a maioria apresenta a importância da amizade e da verdade para com os outros, acima de qualquer valor material. No entanto as dificuldades de expressão escrita não permitiram uma grande variedade de enunciados, assemelhando-se sempre à linguagem presente no provérbio. Três alunos não foram capazes de apresentar uma ideia clara daquilo que foi refletido.

## **GINCANA DOS PROVÉRBIOS (18 A 31.12.2015)**

A gincana dos provérbios foi uma tarefa pensada, planeada e concebida de raiz com o objetivo de levar os provérbios para o quotidiano dos alunos e das famílias.

Pensada como trabalho de casa inovador para a paragem letiva do Natal, contava com um desafio para cada dia, no seu total oito desafios. Os desafios consistiam na decifração de um provérbio e respetiva atribuição de significado.

A realização dos desafios devia contar com a participação e partilha de conhecimentos entre aluno e família, a fim de fomentar momentos partilha familiar, dando oportunidade aos pais de transmitir conhecimentos/valores importantes para a educação. Suscitando, numa perspetiva mais saudosista, uma recordação de ensinamentos geracionais.

A percentagem de participação nesta tarefa não foi a desejada, apenas 16 alunos realizaram a tarefa. Esta falta de aderência à tarefa pode, especulando, dever-se à falta de colaboração das famílias (os alunos não compreendendo bem os provérbios coíbem-se de



**Figura 12** - Capa da gincana dos provérbios

completar os desafios) e à falta de interesse e empenho dos alunos demonstrada nas outras áreas de conhecimento.

O levantamento e seleção de provérbios, a considerar nesta gincana, teve por base a coletânea de provérbios do autor António Mota (2005) em “O livro dos provérbios 1”.

Os oito desafios são, de seguida, analisados um a um, de acordo com as respostas dadas pelos alunos/famílias. Um aluno apenas completou os provérbios corretamente mas não apresentou o seu significado, podendo evidenciar uma falta de acompanhamento por parte da família.

Podemos, no anexo 13, observar o modelo da gincana.

### 1º Desafio - “A brincadeira tem hora e \_\_\_\_\_”

Neste primeiro desafio, todos os alunos (16) selecionaram a opção c) lugar como opção correta para completar o provérbio, perfazendo: “A brincadeira tem hora e lugar”.

Relativamente à sua significação, a maioria dos alunos fez uma definição linear do conteúdo do provérbio associando-o apenas à brincadeira, outros apresentam uma generalização de que há horas para tudo (seja brincadeira ou brincar). Numa tabela apresento as perspetivas de definição do provérbios e respetivo número de alunos que a apresentou:

**Dia 18 de dezembro de 2015**

Completa, selecionando a opção correta, o seguinte provérbio:

“A brincadeira tem hora e \_\_\_\_\_”

- a) Brinquedos
- b) Amigos
- c) Lugar

Partilha comigo o que significa este provérbio:

\_\_\_\_\_

**Figura 13** - 1º desafio da gincana dos provérbios

**Tabela 7** - Perspetivas de definição do 1º desafio da gincana dos provérbios

Perspetivas de Definição	Número de alunos
- existe uma hora e lugar certos para brincar	6 alunos
- há uma hora para tudo	4 alunos
- nem sempre se pode brincar	3 alunos
- a brincadeira só tem graça em determinados momentos	2 alunos

Pode concluir-se que os alunos e suas famílias se preocuparam em definir o provérbio, tendo em conta as diferentes perspetivas que cada contexto representa.



**2º Desafio - “A cavalo dado não se olha ao \_\_\_\_\_”**

Os alunos deveriam completar este provérbio pintando a palavra correta. Apenas um aluno selecionou a opção “trote” como correta, os restantes (15) pintaram e reescreveram corretamente o provérbio com a palavra “dente”. Dois alunos não apresentaram um significado para o provérbio, no entanto as propostas de significado apresentadas foram na sua maioria muito pertinentes, relacionando-se com a gratidão para com as ofertas dos outros. Referem com frequência que não se devem colocar defeitos como o valor monetário ou a estética da oferta, mas sim que se deve dar valor ao ato de oferecer e agradecer.

Dois alunos apontaram significados mais latos ao provérbio como: “se o animal é dado não se deve criticar” e “que cavalo dado não se mostra o dente”. Estas duas situações podem evidenciar a falta de acompanhamento ou de questionamento aos pais sobre este provérbio.

**3º Desafio – mole / dura / até / dá / pedra / fura / tanto / que / Água / em**

O provérbio “água mole em pedra dura, tanto dá até que fura” foi apresentado de forma desordenada para que os alunos ordenassem as palavras e o reescrevessem de forma correta, todos os alunos o fizeram, à exceção de um aluno que apresentou a palavra “bate” em vez de “dá”.

Relativamente aos significados, 12 alunos apresentam definições que se relacionam com persistência, determinação e luta pelos objetivos, ultrapassando dificuldades, o que se coaduna corretamente com a significação deste provérbio.

Um aluno não apresentou o significado do provérbio. Os restantes três alunos apresentam definições pouco ajustadas como: “uma pessoa que é teimosa”, “uma pessoa diz-te aquilo e tu aprendes” e “tanta água que cai em cima da pedra que até fura”.

**Dia 21 de dezembro de 2015**

Completa, pintando a opção correta, o seguinte provérbio:

“A cavalo dado não se olha ao \_\_\_\_\_”

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

**Figura 14** - 2º desafio da gincana dos provérbios

**Dia 22 de dezembro de 2015**

Constrói o seguinte provérbio, ordenando as palavras fornecidas:

mole / dura / até / dá / pedra / fura / tanto / que / Água / em

---

---

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

**Figura 15** - 3º desafio da gincana dos provérbios

#### 4º Desafio – “Cada um sabe as \_\_\_\_\_ com que se \_\_\_\_\_”

Neste desafio todos os alunos selecionaram a opção correta b), completando e reescrevendo: “Cada um sabe as linhas com que se cose.”

Relativamente aos significados atribuídos, à exceção do aluno que não atribuiu significado a nenhum dos desafios, todos os alunos relacionam o provérbio com a consciência de atitudes e consequência dos atos, ou seja, a consciência de si mesmo. Alguns alunos enunciam: “cada um sabe de si” e cada um sabe o que faz”.

**Dia 23 de dezembro de 2015**

Completa, selecione a opção correta, o seguinte provérbio:

“Cada um sabe as \_\_\_\_\_ com que se \_\_\_\_\_”

- a) Agulhas / faz
- b) Linhas / cose

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

**Figura 16** - 4º desafio da gincana dos provérbios

#### 5º Desafio – “Não deixes para amanhã...”

Para realizar este desafio, os alunos começavam por identificar a forma correta de o enunciar: não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

Apesar de alguns alunos não identificarem claramente a opção correta, ao explicarem o significado demonstram considerar a opção b).

Os significados atribuídos prende-se com o não adiamento de tarefas/situações, ou seja, não devemos adiar tarefas ou situações para mais tarde, porque se corre o risco de não haver tempo depois para a realizar. Pelas dificuldades de escrita, por parte dos alunos, os enunciados assemelham-se muito ao provérbio. Podemos também considerar a clareza do provérbio, ao contrário de outros mais complexos, este é um provérbio mais claro e específico nas suas ideias.

**Dia 28 de dezembro de 2015**

Seleciona a forma correta deste provérbio:

a) “Não deixes para amanhã o que podes fazer para o mês que vem”

b) “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje”

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

**Figura 17** - 5º desafio da gincana dos provérbios

**6º Desafio – quem / teme / deve / não / não**

**Dia 29 de dezembro de 2015**

Organiza as seguintes palavras e apresenta o provérbio que ela representam: *Quem / teme / deve / não / não*

A totalidade dos alunos reescreveu corretamente o provérbio cujas palavras estavam baralhadas, concluindo: quem não deve não teme.

Partilha comigo o que significa este provérbio:

Foram 10 os alunos que relacionaram este provérbio com a sua experiência quotidiana, referindo: quem não faz asneira ou não fez nada de mal, não tem de ter medo que o acuse”. Os cinco alunos restantes apresentaram uma definição diferente embora nos mesmos moldes: “quando cumprimos o nosso dever já não tememos”, “aquele que cumpre as suas obrigações e não deve e nem prejudicou ninguém, não tem que ter medo”, “se as pessoas não fizerem nada de errado está tudo bem na vida delas”, “aquele que não prejudicou ninguém pode viver descansado”. À exceção destas conceções mais generalizadas, um dos alunos diz que este provérbio significa “uma pessoa que não tem medo”.

**Figura 18** - 6º desafio da gincana dos provérbios

**7º Desafio – “Faz o \_\_\_\_\_ sem olhar a \_\_\_\_\_”**

Neste desafio os alunos deviam completar o provérbio corretamente com as palavras “bem” e “quem”. Apenas um aluno dos 16, não colocou corretamente, substituindo a palavra “quem” por “meios”.

**Dia 30 de Dezembro de 2015**

Completa adequadamente o provérbio:

“Faz o \_\_\_\_\_ sem olhares a \_\_\_\_\_”

Partilha comigo o que significa este provérbio:

A forma correta do provérbio é: Faz o bem sem olhares a quem.

**Figura 19** - 7º desafio da gincana dos provérbios

As perspetivas relativamente ao significado do provérbio relacionam-se com os valores da bondade e interajuda. Os alunos enunciam que devemos ajudar toda a gente, sem esperar nada em troca.

### 8º Desafio – Desafio Final (6.1.2016)

Neste desafio os alunos deviam reunir-se com os seus familiares para escolherem um provérbio com o qual se identifiquem ou que gostem mais. Se ele não tivesse sido contemplado na gincana, deviam explorá-lo. Em conjunto, deviam construir um objeto, à sua escolha e imaginação, relacionando-o com o provérbio escolhido.



Figura 20 - Desafios finais da gincana dos provérbios

Apenas 15 alunos completaram o desafio, levando o objeto para a sala de aula, afixando-o num local predefinido para o efeito, apresentados com destaque em anexo (anexo 14). Os alunos que realizaram o desafio receberam um certificado de participação no desafio, por forma a premiar o esforço e dedicação no seu trabalho, sendo que um dos alunos apresentou mais do que um provérbio e respetivo trabalho.



Figura 21 - Certificado de participação no desafio final dos provérbios (modelo)

Mais tarde cada aluno, que realizou o desafio, apresentou o seu trabalho à turma, explicando o provérbio selecionado. De entre os provérbios selecionados pelos alunos, alguns são considerados ditados populares, algo que foi explicado durante a apresentação pela PEI.

Os provérbios selecionados, pelos alunos e suas famílias, para o desafio final foram:

- A mulher e a sardinha querem-se pequenina;
- Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar;
- Em abril, águas mil;
- O dinheiro compra o pão mas não compra gratidão;
- Faz o bem, não olhes a quem;
- Faz o bem sem olhares a quem;
- Não há fumo sem fogo;
- A cavalo dado não se olha ao dente;
- Ovelha que berra bocado que perde (2);
- Quem tem boca vai a roma (2);
- Nem tudo o que reluz é ouro;
- Água mole em pedra dura tanto dá até que fura (2);
- Cavalo que corre não quer esporas;

### **Análise/Reflexão final da tarefa da Gincana dos Provérbios**

De um modo geral, esta atividade permitiu levar os provérbios para dentro de casa dos alunos, fomentando conversas sobre os mesmos. Através da explicação dos seus significados, de forma informal, os alunos aprendiam valores morais importantes para a sua educação. Foram abordados valores relativos ao saber estar, gratidão, caráter, responsabilidade, honestidade, bondosa e persistência.

### **QUESTIONÁRIO À FAMÍLIA (15.1.2016)**

Com o objetivo de recolher informações sobre os conhecimentos dos pais sobre a temática dos provérbios, de que forma estão presentes no seu quotidiano familiar, e qual foi a avaliação que fizeram da atividade proposta para a paragem letiva do Natal (gincana dos provérbios), foi entregue um questionário ao qual responderam 22 encarregados de educação, em anexo (anexo 15) encontra-se o modelo do questionário.

O questionário é formado por 7 questões diferentes, primeiro sobre os conhecimentos sobre provérbios, segundo presença do tema no quotidiano e, por fim, avaliação/opinião da gincana dos provérbios. Compôs das seguintes questões:

- 1) O que é um provérbio?
- 2) O que ensina um provérbio?
- 3) Quem transmite/ensina os provérbios?
- 4) O que pensa sobre os provérbios serem um tema abordado na escola?
- 5) Com que frequência ensina/explica provérbios ao seu educando no contexto familiar?
- 6) Com que frequência o seu educando menciona os provérbios no contexto familiar?
- 7) Relativamente à atividade família (gincana dos provérbios) proposta para a paragem leiva do natal, qual a sua opinião?

As alíneas estipuladas para cada questão foram pensadas para facilitar a análise dos dados, considerando que cada alínea representa um nível de conhecimento/envolvimento com os provérbios, avaliado em 3, 4 e 5 valores, sendo que 3 é o nível mais baixo de conhecimento e 5 o mais alto. Relativamente à última questão, da avaliação/opinião da gincana dos provérbios, também se aplicam os diferentes níveis, neste caso de sucesso, para o qual se aplica a mesma escala de valores.

De seguida, apresentam-se as questões e respetivas alíneas com a atribuição da escala de valores para os níveis de conhecimento:

**1. O QUE É UM PROVÉRBIO?**

Uma frase que rima; - **3 valores**

Uma frase que conta uma história; - **4 valores**

Uma frase que contém uma mensagem de cidadania; - **5 valores**

**2. O QUE ENSINA UM PROVÉRBIO?**

Lições importantes sobre cidadania; - **5 valores**

A rimar; - **3 valores**

Conhecimentos das pessoas mais velhas; - **4 valores**

**3. QUEM TRANSMITE/ENSINA OS PROVÉRBIOS?**

Os mais velhos; - **5 valores**

Os meios de comunicação social; - **3 valores**

Os amigos; - **4 valores**

**4. O QUE PENSA SOBRE OS PROVÉRBIOS SEREM UM TEMA ABORDADO NA ESCOLA?**

É importante porque é património cultural e social; – **4 valores**

Acho desnecessário, não tem importância; – **3 valores**

É importante porque essas transmissões culturais estão a perder-se; – **5 valores**

**5. COM QUE FREQUÊNCIA ENSINA/EXPLICA PROVÉRBIOS AO SEU EDUCANDO NO CONTEXTO FAMILIAR?**

Nunca falamos sobre assunto até aparecer a proposta da Gincana de provérbios, na paragem letiva; – **3 valores**

Esporadicamente se o educando perguntar; - **4 valores**

Sempre que acho pertinente, enuncio o provérbio e explico-lho; - **5 valores**

**6. COM QUE FREQUÊNCIA O SEU EDUCANDO MENCIONA OS PROVÉRBIOS NO CONTEXTO FAMILIAR?**

Desde que iniciou o seu percurso escolar (educação pré-escolar e entrada no 1º ciclo); – **5 valores**

Menciona, com regularidade, desde a sua passagem para o 2º ano de escolaridade;

- **4 valores**

O educando nunca menciona provérbios; - **3 valores**

**7. RELATIVAMENTE À ATIVIDADE FAMILIAR (gincana dos provérbios) PROPOSTA PARA A PARAGEM LETIVA DO NATAL, QUAL A SUA OPINIÃO?**

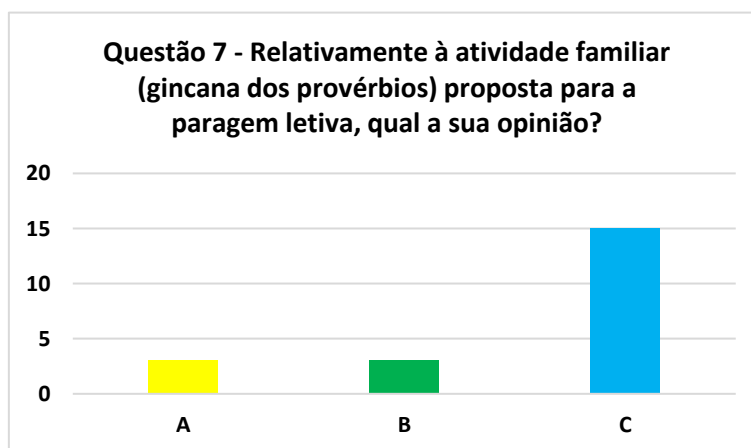
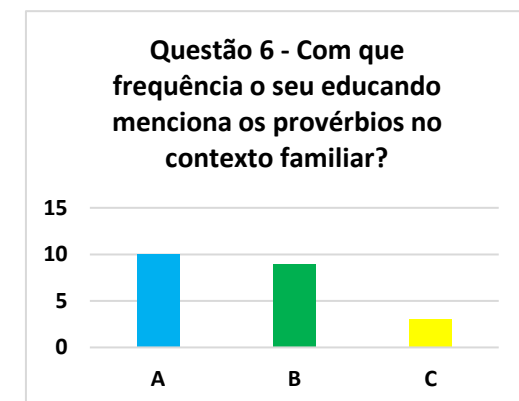
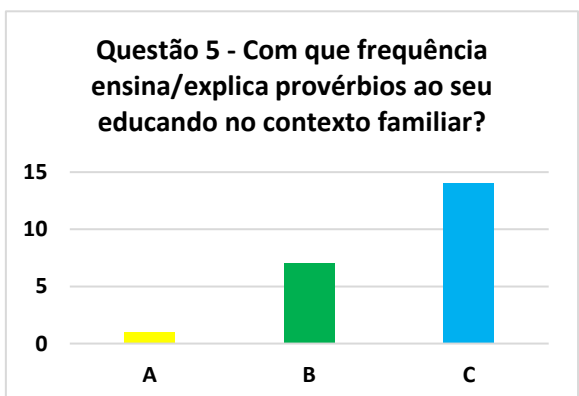
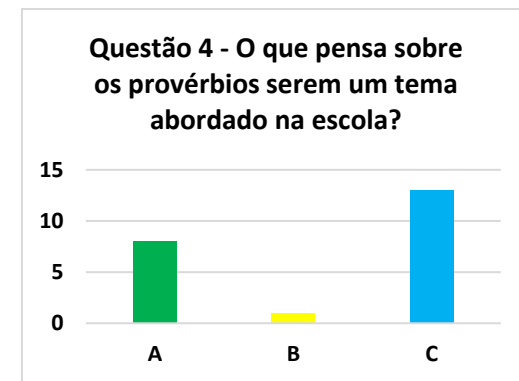
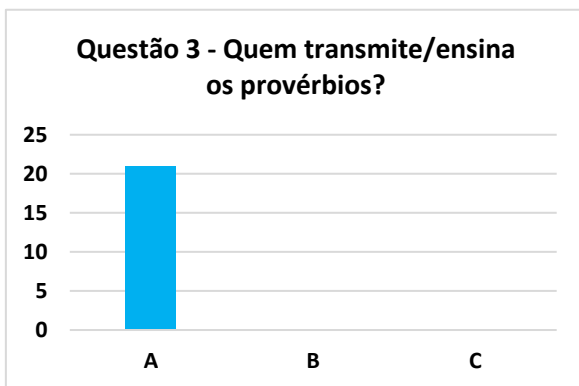
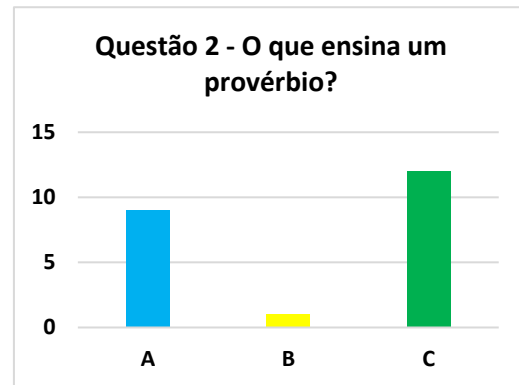
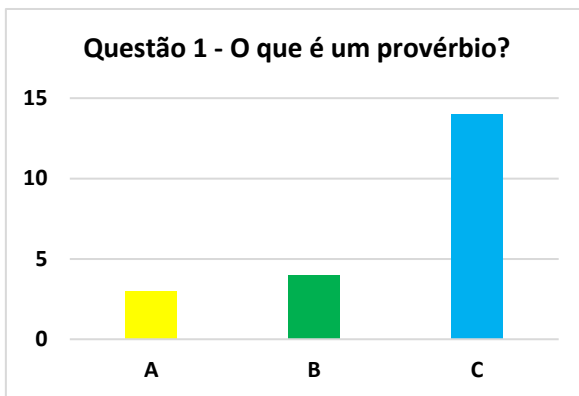
Uma boa forma de passar momentos em família; - **3 valores**

Uma forma de transmitirmos conhecimento aos nossos educandos; - **4 valores**

Um trabalho de casa que proporcionou, de forma interessante e divertida, a transmissão de conhecimentos aos nossos educandos em família; - **5 valores**

Apresenta-se para cada pergunta um gráfico do número de respostas a cada alínea, sendo que a cor das colunas do gráfico se relacionam com os níveis estipulados para o conhecimento e sucesso, a fim de facilitar a sua análise. Considera-se a cor amarela para o nível mais baixo, verde para o nível intermédio e azul para o nível mais alto. Por fim, é feita uma análise dos gráficos e respetivos níveis de conhecimento/envolvimento com os provérbios e a avaliação/opinião da gincana dos provérbios.

**Gráfico 4 - Gráficos das respostas**





### **Análise dos gráficos e níveis de conhecimento e sucesso**

Após uma análise dos gráficos apresentados pode concluir-se que 6 em 7 questões possuem a maioria das respostas para o nível 5 (indicado com a cor azul) do conhecimento/envolvimento com provérbios, assim como atribuição de nível 5 de sucesso para a gincana dos provérbios. A questão 2, para a qual o nível de conhecimento/envolvimento com os provérbios é 4 valores (indicado com a cor verde), reflete a relação estabelecida entre os provérbios como património de transmissão cultural entre gerações.

De um modo generalizado, podemos atribuir um nível 5 de conhecimento/envolvimento com os provérbios por parte dos encarregados de educação e nível 5 de sucesso da gincana dos provérbios.

### **MIMAR PROVÉRBIOS (18.1.2016)**

No decorrer da semana completa de intervenção, na aula de expressão dramática os alunos tiveram oportunidade participar numa sessão de mímica expressiva com provérbios. A PEI anunciava ao grupo o provérbio a expressar e os alunos tinham de mimar uma situação que se relaciona-se com o significado desse provérbio. O grupo reunia, deliberava como mimar e apresentava à restante turma, que tinha de observar a mímica e perceber qual é o provérbio e explicar o seu significado.

Os provérbios propostos foram:

- *Grão a grão enche a galinha o papo;*
- *Ovelha que berra bocado que perde;*
- *Quem tem boca vai a Roma;*
- *A cavalo dado não se olha o dente;*
- *Faz o bem sem olhares a quem;*
- *A brincadeira tem hora e lugar;*

A atividade correu em pleno funcionamento e foi um sucesso explícito, apesar de alguns grupos terem demonstrado dificuldade na mímica, na escolha dos movimentos e expressões que deveriam fazer. Esta atividade permitiu avaliar os conhecimentos dos alunos relativamente aos provérbios e desenvolver competências de expressão facial e corporal.

## AMOR COM AMOR SE PAGA (18.1.2016)

Na semana de intervenção conjunta, foi estipulado o trabalho com a obra “Amor que nojo”, de Michael Catchpool e Victoria Ball, que retrata a história do Samuel, um menino que não gosta do amor e das demonstrações de amor entre os diferentes seres terrestres e até extraterrestres. Até ao dia em que se encontra sozinho numa ilha e conhece Sara, que partilha da mesma opinião relativamente ao amor. Surpreendentemente, criam uma cumplicidade entre os dois e rendem-se ao amor.

No enquadramento desta história, os alunos foram desafiados a escrever nos seus cadernos (anexo 16) aquilo que consideravam ser o significado do provérbio “Amor com amor se paga”. Surgiram ideias prévias relacionadas com a amizade - “quando temos amor somos amigos”; “sermos todos amigos”; relacionadas com o valor e o dinheiro - “o amor não se paga”; “o amor paga mais do que o dinheiro”; “não tens de pagar quando amas alguém”; “o amor é dinheiro”; relacionadas com a retribuição de carinho - “se dermos amor a outra pessoa também dá amor”; “quando alguém nos faz algo nós também temos de lhe fazer”. Outras ideias apresentadas são mais abstratas como “temos que enfrentar as provas”; “o amor é nojento”.

No desenvolvimento daquilo que o provérbio pretende transmitir/ensinar foram abordadas questões como o relacionamento com os outros, a reciprocidade, o respeito, a gratidão. Estes aspetos foram convertidos em situações reais do quotidiano.

Por fim, a maioria dos alunos escreveu que este provérbio significa que se queremos que os outros sejam bons connosco, temos de ser bons para com os outros (anexo 16).

## OS NOSSOS PROVÉRBIOS (LENÇOS DOS PROVÉRBIOS) (20.1.2016)

Ainda no contexto do amor e da história do Samuel e da Sara, a PEI explicou aos alunos a origem e utilidade do lenço dos namorados, elemento cultural e tradicional do Minho. Foram mostradas imagens esclarecedoras do objeto, sendo que alguns alunos achavam que os tinham em casa.

Os alunos foram desafiados a recordar e enunciar os provérbios abordados nas aulas, completando e acrescentando o seu significado. A PEI limitou-se a dinamizar e escrever algumas ideias no quadro, enquanto os alunos apontavam e explicavam os

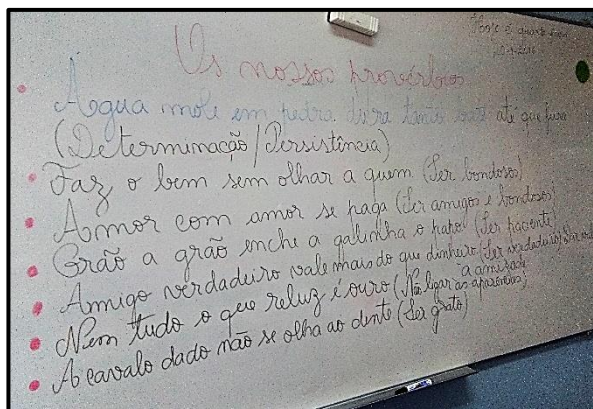


Figura 22 - Evidência (Os nossos provérbios)

provérbios. A recolha dos provérbios, onde se falou de todos os provérbios abordados, mas apenas 7 constaram no quadro, pois foram eleitos os preferidos dos alunos, foi sem dúvida muito esclarecedora do interesse dos alunos pelo tema.

Os alunos foram convidados a construir os seus lenços, não dos namorados, mas dos provérbios, o seu próprio Lenço dos Provérbios, sendo que cada aluno seleccionaria um provérbio à sua escolha. O Lenço dos Provérbios deveria conter o provérbio escolhido e associadas palavras ou frases relativas ao seu significado.

A PEI propôs que realizassem um protótipo em folha de papel e só depois o convertessem no tecido do Lenço. Depois de terminados, os lenços dos provérbios foram colocados em exposição na escola, para que a comunidade escolar pudesse tomar conhecimento do trabalho desenvolvido pelos alunos no âmbito desta temática.



Figura 23 - Exemplo de um protótipo de um lenço dos provérbios

Todos os alunos realizaram a sua tarefa de forma ordeira, dedicada e empenhada, originando um produto final rico e belíssimo, do qual se orgulharam. No anexo 17 podemos ver o resultado final.



Figura 24 - Confeção dos Lenços dos Provérbios



## CONCLUSÕES

Neste ponto do trabalho investigativo é tempo de fazer um balanço da totalidade do projeto. Opto por regressar, no final de todo o percurso do projeto, às questões de investigação e, a partir delas, retirar ilações educativas e culturais das atividades desenvolvidas e propostas.

No contexto onde decorreu o trabalho de investigação, uma turma de 2º ano de escolaridade, foram realizadas tarefas com o objetivo de recolher dados para dar resposta ao problema levantado “qual o papel dos provérbios na aprendizagem de conteúdos educativos”. Os provérbios podem ser vistos como uma ferramenta cultural que se presta a uma abordagem interdisciplinar e social das competências. Definiram-se, para o desenho da investigação, duas questões orientadoras:

1. Serão os provérbios um bom meio de transmissão de competências transversais às diversas áreas de aprendizagem?

1.1 Podemos considerar o provérbio um bom recurso de apoio à aprendizagem de competências sociais?

2. Qual o papel da família na aprendizagem e compreensão de provérbios?

Considera-se igualmente relevante a consideração daquilo que foram as limitações do estudo e acrescentam-se recomendações para futuras investigações. Por fim, mas não menos importante, uma consideração final para todo o trabalho de investigação.

### **1. SERÃO OS PROVÉRBIOS UM BOM MEIO DE TRANSMISSÃO DE COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS ÀS DIVERSAS ÁREAS DE APRENDIZAGEM?**

#### **1.1 Podemos considerar o provérbio um bom recurso de apoio à aprendizagem de competências sociais?**

Para responder a esta questão foram planeadas e implementadas tarefas, enquadradas no plano de intervenção da PES II, sendo que o provérbio serviu sempre de apoio à exploração de valores morais e sociais.

A escolha dos provérbios teve por base a recolha por parte dos alunos e outros de índole pessoal, tendo em vista a exploração pedagógica que procurou ser a mais abrangente e diversificada possível. Tendo em conta que os provérbios por si só albergam a transmissão de valores morais, ao tentar compreendê-los e aplicá-los ao real, os alunos aprofundam as suas competências sociais transversais a todas as áreas do saber.

Numa tabela, sintetizada, procuro apresentar as tarefas, os provérbios explorados, as áreas desenvolvidas e as competências sociais e transversais pressupostas.

**Tabela 8 - Tabela de conclusões**

<b>TAREFAS</b>	<b>PROVÉRBIOS</b>	<b>ÁREAS DE APRENDIZAGEM</b>	<b>COMPETÊNCIAS SOCIAIS E TRANSVERSAIS</b>
<b>EXPLORAÇÃO</b>	Grão a grão enche a galinha o papo	Educação Financeira Português Estudo do Meio Físico e Social	Ser paciente Poupança
<b>EXPLORAÇÃO</b>	Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro	Matemática Estudo do Meio Social Português	Honestidade Amizade
<b>GINCANA DOS PROVÉRBIOS</b>	A brincadeira tem hora e lugar	Português Estudo do Meio Social	Saber estar (comportamento de acordo com os contextos)
	A cavalo dado não se olha ao dente		Gratidão
	Água mole em pedra dura, tanto dá até que fura		Persistência (luta pelos objetivos)
	Cada um sabe as linhas com que se cose		Personalidade/Caráter – Saber ser
	Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje		Responsabilidade para com os compromissos
	Quem não deve não teme		Honestidade Verdade
	Faz o bem sem olhares a quem		Bondade

			Solidariedade
<b>DESAFIO FINAL DA GINCANA</b>	Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar;	Português Estudo do Meio Social Expressão Plástica	Saber aceitar o que temos/ganhámos
	O dinheiro compra o pão mas não compra gratidão;		Gratidão
	Ovelha que berra bocado que perde		Ser autónomo, encontrarmos os nossos modos de alcançar os objetivos
	Quem tem boca vai a roma		Não dar importância às aparências
	Nem tudo o que reluz é ouro		Liberdade
	Cavalo que corre não quer esporas		
<b>MÍMICA</b>	Alguns dos abordados anteriormente	Português Estudo do Meio Social Expressão Dramática	Alguns dos abordados anteriormente
<b>EXPLORAÇÃO</b>	Amor com amor se paga	Português Estudo do Meio Físico e Social	Relacionamento com os outros Respeito Reciprocidade
<b>LENÇOS DOS PROVÉRBIOS</b>	Os preferidos dos alunos	Português Estudo do Meio Social Expressão Plástica	Alguns dos abordados anteriormente

Fonte: Elaboração Própria



Podemos concluir que com os provérbios é possível abordar qualquer área do conhecimento, sendo que aquelas que mais estão presentes são o Português e o Estudo do Meio Social, por se tratar de um património linguístico e social, ou seja, são necessárias competências leitoras para os compreender ao nível da língua e competências morais para os compreender socialmente.

Na faixa etária em que foi aplicado este estudo são consideradas relevantes as competências relacionadas com o saber estar e o saber ser, tais como a amizade, gratidão, persistência, respeito, honestidade, solidariedade, autonomia e relacionamento interpessoal.

Com a colaboração dos alunos deste contexto educativo, foram trabalhadas e refletidas cerca de 19 competências transversais e sociais, cuja sua compreensão foi evidenciada na última tarefa, os lenços dos provérbios, conferindo aos provérbios a competência e utilidade didática para as lecionar.

## **2. QUAL O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM E COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS?**

O facto do grupo de participantes do estudo ser de uma idade tão tenra, despertou curiosidade pela forma como os provérbios fariam parte do seu quotidiano, visto também que é um património em vias de esquecimento, como tantos outros.

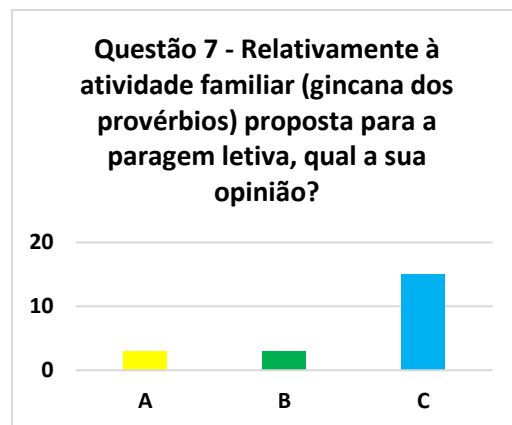
A família teve relevância em alguns momentos de intervenção neste estudo:

- Na recolha dos provérbios (primeira tarefa);
- Na gincana de provérbios;
- No desafio final da gincana dos provérbios;
- No questionário à família.

De todas as tarefas em que foi necessária a colaboração da família, apenas no questionário à família houve uma total aderência de 22 participantes, sendo que os pais que participaram foram na generalidade os mesmos.

Na primeira tarefa é evidente a participação da família na recolha, porque os alunos demonstraram à primeira abordagem que não faziam qualquer ideia do que se tratava um provérbio, quanto mais escrevê-los autonomamente. Não querendo tirar conclusões infundadas diria que falta algum interesse e apoio por parte dos pais para com as tarefas escolares, visto que a aderência a esta atividade foi apenas de 13 alunos, embora não tenha conhecimento até que ponto a informação chegou até aos pais.

Na gincana dos provérbios, apesar de 16 alunos terem entregado a gincana preenchida, as respostas são evidentemente sem apoio dos pais, pois respondem à questão do significado transcrevendo o provérbio. Na realização dos desafios finais podemos considerar a participação dos pais nos 15 trabalhos apresentados, em alguns pela confecção do trabalho em si, outros pelo provérbio escolhido ser diferente daqueles que eram apresentados na gincana dos provérbios.



No questionário à família, os pais puderam avaliar esta tarefa, sendo que mais de 50% considerou: um trabalho de casa que proporcionou, de forma interessante e divertida, a transmissão de conhecimentos aos nossos educandos em família.

No mesmo questionário, os pais demonstraram ter conhecimentos bem consolidados sobre o que é um provérbio, o que ele ensina e como ele se pode transmitir. No que toca ao papel dos provérbios na educação dos filhos, mais de 50% dos encarregados de educação consideram que é importante fazer dos provérbios um tema a abordar nas escolas porque essas transmissões culturais estão a perder-se (questão 4).

Relativamente à frequência com que os provérbios são tema de conversa em contexto familiar, os números também foram surpreendentes, 64% dos pais indicam que sempre que acham pertinente, enunciam e explicam provérbios aos seus filhos (questão 5). Apenas 4% nunca falou sobre assunto até aparecer a proposta da Gincana de provérbios, na paragem letiva.

Surpreendentemente, os pais indicam que os alunos falam sobre os provérbios em contexto familiar, cerca de 45% desde o início do seu percurso escolar, 41% desde que o assunto foi abordado no decorrer do 2º ano de escolaridade. Apenas 14% nunca mencionou provérbios (questão 6).

É relevante referir que os alunos revelavam um entusiasmo diferente quando eram desafiados a explicar os provérbios que outrora foram esclarecidos e ensinados pelos pais. Isso foi evidente em diferentes momentos na tarefa partilha de conhecimentos, na correção dos desafios da gincana dos provérbios, na apresentação dos desafios finais da gincana dos provérbios e numa das explorações de provérbios.

Conclusivamente se atribui um papel fundamental à família em qualquer tipo de aprendizagem tendo em conta que a família é o primeiro meio envolvente e o meio envolvente ao qual a criança atribui mais importância e significado. Sobrepondo o que aprende em seio

familiar a tudo o que aprende fora dele, principalmente nestas idades mais tenras. No caso dos provérbios este papel não se desmembra mas adensa-se, sendo que a aprendizagem deles esta envolta de mistério e curiosidade que predispõe a criança a querer saber mais.

## **LIMITAÇÕES DO ESTUDO**

Numa análise global ao trabalho de investigação podemos encontrar algumas limitações, uma delas o intervalo de tempo destinado à sua implementação. É expectável que uma investigação decorra num intervalo de tempo fluído e flexível tanto quanto possível, no caso não se confere, pois o intervalo de tempo está determinado para o calendarizado na PES II. Esta exigência temporal condiciona o desenho da investigação e determina uma agilidade diferente na recolha de dados.

Outro aspeto que possa ter limitado significativamente o estudo foi a própria dinâmica intercalar das intervenções na PES II. Cada semana era orientada e dirigida por cada elemento do par de estágio, que também se encontra em trabalho investigativo e recolha de dados, o que fragmenta a intervenção educativa do trabalho de investigação.

Podemos também considerar que a faixa etária dos alunos e o seu nível de desenvolvimento global condicionou a sua adesão e compreensão dos provérbios, visto que estes estão envoltos de metáforas relacionadas com valores e ideologias que os alunos ainda não tem sensibilidade para compreender à primeira vista.

## **RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES**

Seria interessante perceber de que forma esta temática pode ser abordada e aprofundada com alunos de outras faixas etárias, mais baixas e mais altas. Criar uma primeira e superficial abordagem aos provérbios em idade pré escolar bem como levá-los até aos alunos do 4º ano de escolaridade, avaliando as diferentes interpretações dadas aos mesmos provérbios.

Recomenda-se que em futuras intervenções, hipoteticamente, uma turma que possua vários alunos de diferentes nacionalidades estudar as diferentes enunciações dos diferentes provérbios, visto que os provérbios não são de uma só nacionalidade, embora a forma de se expressarem diferencie de nação para nação.



### **CAPÍTULO III – REFLEXÃO FINAL**

Neste capítulo apresento uma reflexão pessoal e final, contemplando todas as aprendizagens e experiências do percurso pedagógico na unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada I e II. Na PES I a experiência foi na educação pré-escolar e a PES II no 1º ciclo do ensino básico, mais propriamente, o 2º ano de escolaridade no qual se desenrolou o trabalho de investigação.



## REFLEXÃO GLOBAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA I e II

Não poderia eu imaginar há 5 anos atrás, hoje, estar a escrever esta análise reflexiva de um percurso académico numa área que não sonhava ser a minha.

É certo que em criança a brincadeira de eleição era o quadro de giz e os manuais escolares velhos. Colocava todos os bonecos lá de casa em plateia e lá estava eu a ensiná-los. Mas com o passar dos anos, outros interesses e paixões se apoderaram de mim e me fazia sonhar outros mundos. Aquando dos resultados de acesso ao ensino superior, chorava! Chorava de medo, por estar longe de saber o segredo que este destino guardava para mim.

Como disse, outrora, António Machado “o caminho faz-se caminhando”. E é essa premissa que move a minha vida. O primeiro segredo guardado para mim foi a cidade maravilhosa que me acolheu mística e simbolicamente. O segundo segredo foram as pessoas, o ambiente familiar que se cria numa escola, onde professores e alunos convivem harmoniosamente durante um percurso académico exigente e consistente.

Não posso deixar de referir que essa exigência, incompreendida em certos momentos de cansaço, foram a base para que cada vez mais me apaixonava-se por esta área fulcral na vida da sociedade. E esse foi o maior segredo, a paixão pela educação e pela profissão de professor.

A estrutura e organização da licenciatura em Educação Básica e dos Mestrados em Educação, no geral, são fatores de qualidade nesta instituição. Estes dois cursos contemplam uma unidade curricular que atravessa todo o percurso académico, a Iniciação à Prática Profissional (IPP) e a PES (Prática de Ensino Supervisionada). Estas unidades curriculares permitiram-me, durante 5 anos, conhecer cerca de 8 contextos de ensino diferentes, desde a creche ao 2º ciclo do ensino básico. Por conseguinte, fez com que as minhas escolhas e orientações se tornassem mais fundamentadas e ponderadas.

Relativamente à PES, é importante referir que o seu processo é de grande responsabilidade e seriedade. Somos colocadas num contexto escolar com um grupo/turma, responsáveis pelas suas aprendizagens naquele curto espaço de tempo. Tempo esse que deve ser bem-sucedido. Passamos por todas as etapas de intervenção do Educador, como apresentado, no documento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), observar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular. A fase da observação, na qual foi necessário colocar em prática competências observadoras, e acima de tudo começar a criar elos de ligação e comunicação. Esta é a fase em que se conhecem os alunos, a professora cooperante, o plano curricular da escola e do grupo/turma para determinar as áreas que se pretende intervir.

Ela é “a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo.” (Ministério da educação, 1997, p.25)

Após a realização de todas as observações, entramos na etapa de planeamento. É nesta etapa que o educador reflete sobre as suas observações, o que implica refletir também sobre as “intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.” (Ministério da educação, 1997, p.25). Uma aula não acontece simplesmente, ela é pensada, construída e moldada face ao grupo e face às aprendizagens a atingir. Este é um trabalho colaborativo entre par de estágio e professora cooperante. É este grupo que faz a magia acontecer.

A gestão do planeamento é uma dinâmica difícil de encontrar e que deve contemplar vários fatores importantes: o grupo (os níveis de aprendizagem), os conteúdos a lecionar, a forma de avaliar o processo de ensino aprendizagem, os recursos a utilizar, o tempo a despender, a pertinência das atividades que se propõe, as situações que podem ocorrer, a relação escola-família e, por fim, a investigação em curso.

Concluído o planeamento, passasse ao processo de construção de materiais e estudo aprofundado dos conteúdos a lecionar. Só quando temos tudo preparado e orientado podemos entrar na etapa agir. Mas nunca esquecendo de avaliar. Porque curiosamente a etapa de agir e de avaliar completam-se e processam-se de forma cíclica. É preciso avaliar sequencialmente a nossa ação para colmatar falhas que possam estar a surgir. E este ciclo é representado na PES pelas planificações, regências e reflexões semanais.

As regências foram a prova de fogo. Aqueles primeiros segundos, em que nos colocámos em frente de um grupo de mentes brilhantemente espontâneas, são congelantes e fascinantes. Mas a partir do momento em que se dá o primeiro passo já não há nada que nos pare. É uma dinâmica, uma movimentação interior que faz esquecer qualquer outro tipo de problema exterior.

Falemos agora daquelas que foram as experiências na PES I e II.

Começo por dizer, o que tantas vezes já foi dito por mim noutras ocasiões acerca deste mesmo assunto, foi uma experiência inesquecível. Os contextos nos quais fomos integradas foram passíveis de uma aprendizagem muito especial.

Consegui pela primeira vez observar as realidades que envolvem as crianças, a forma como o meio as influencia, as molda e, acima de tudo, o papel que a escola pode ter na amenização destas influências. É isso que torna a escola uma instituição relevante e fundamental na sociedade. Ela, ao contrário do que se diz e se supõe, tem no centro da sua



atividade, a criança. O acontece na escola é sempre em prol de dar respostas às suas necessidades, sejam elas cognitivas, físicas, sociais ou afetivas.

Planificar é o primeiro passo para o sucesso, mas avaliar e refletir faz-nos dar passos em frente. Torna-se tudo num ciclo de trabalho. Ao planificar, ponderasse o processo de ensino aprendizagem de determinados conteúdos. Após a implementação desse plano, é preciso avaliar e refletir sobre o que se fez, o que não se fez e o que se podia ter feito mais. E essa reflexão que se faz não fica fechada numa gaveta à parte. Ela irá servir para tornar cada planificação melhor que a outra.

Mas não é planificar, é preciso fazer diferente. A inovação na educação é muito importante, a educação mudou ao longo dos anos (para bem e para o mal) porque alguém quis inovar. Embora na minha opinião se inove muito para mal, porque se inova por motivos errados.

Quando se inova em prol da economia ou da política, dá sempre asneira (perdoem-me a expressão). Não se deve mudar se não for para o superior interesse da criança e daquele que orienta a sua formação – o professor.

Fiquei a conhecer a triste e bruta realidade vivida nas escolas deste país. A palavra felicidade e brincadeira foi trocada pela pressão e a exigência. Os alunos e os professores já não olham a escola como um local de eleição. Na escola há pouco tempo para descontrair e ser criança, há horas para tudo, há exames, há burocracias, há avaliações infundadas. Já não há tempo para crescer de forma saudável.

Não se pode ser fatalista neste assunto, porque ainda há muito amor e sinceridade nas escolas. O professor ainda pode ser apaixonado pelo seu trabalho e pelos seus alunos, mas terá de ter uma força de espírito muito maior. As crianças essas precisam de ser mais e mais estimuladas, para combater o cansaço de estarem fechados tantas horas numa sala, sentados em cadeiras e mesas desajustadas aos seus corpos.

É preciso que a sociedade se preocupe mais com as nossas crianças. Não podemos olhar para elas como crianças mas como pessoas. Porque é isso que elas serão: adultos e membros da sociedade. Então, a longo prazo, deve educar-se as crianças com valores necessários à vida em comunidade. “Obrigado, por favor, com licença e desculpa” parecem expressões alienadas da realidade para as nossas crianças. É emergente incutir nos nossos alunos, falando como professores, que no nosso ambiente controlado da escola, essas sejam expressões marcantes das relações interpessoais. O respeito pelo outro fica desvanecido pelo pouco tempo que passam em família. As famílias não tem tempo para as suas crianças, e como perspectiva de remediação dessa falta de tempo, fazem uma educação remediativa e com muitas falhas. Falha a educação, falha a regra, falha o respeito, falha o afeto. Na escola tudo isso vai faltar numa escala maior.

A família deve ser chamada à escola e o professor tem de deixar de ser o mau da fita. A relação escola-família deve ser estreita e colaborativa, o professor e a família devem estar numa linha de comunicação onde prima a compreensão e o saber ouvir. Nós, professores, deparamo-nos cada vez mais com a dificuldade em comunicar com os pais das nossas crianças. Porque os pais das nossas crianças tem pavor de falhar mas só falham quando não se colocam em posição de observar o comportamento dos seus próprios filhos.

É a crescer que me encontro, como qualquer outro bom profissional. Sim, porque um bom profissional é aquele que não se satisfaz com o que já sabe, mas entusiasma-se com o que ainda pode vir a descobrir. É nessa perspetiva que repito a frase de António Machado de que o caminho se faz a caminhar.

Comecei com medo. O medo da descoberta, aquele que não castra mas nos empurra. Aquele medo que desperta, não congela. Sou uma curiosa por natureza e essa curiosidade emociona-me na fase do conhecimento do grupo. Gosto de saber rapidamente os nomes das crianças, descobrir melhor as suas formas de ser e de estar.

São um mundo a descobrir, cada uma delas. E é tão bom quando elas se sentem bem em dar-se a conhecer, deixando que entremos no mundo delas para lhes dar o que elas mais querem, aprender. Porque é possível ser feliz a aprender e ser feliz a ensinar.

O processo da prática de ensino supervisionada foi para mim o melhor para eu saber o que eu quero para a minha vida profissional. Ensinou me a parte burocrática, profissional, emocional. Há uma série de situações que não se aprendem nas aulas, não se aprende a enfrentar, a gerir e a vencer.

Ser professor é ser multifacetado. E só se compreende isso quando se vai para o campo, quando se enfrenta o desafio de pôr em prática um processo de ensino aprendizagem com um grupo de pré-escolar e um grupo de 2º ano do 1º ciclo do ensino básico.

O maior desafio e aquele pelo qual eu tenho um carinho especial é a investigação realizada em concílio com as aulas a implementar. Ter vários papéis dentro da sala de aula não é algo desconhecido no mundo do trabalho do professor. Mas o papel de investigador é algo muito específico e de muita responsabilidade.

Não é fácil liderar um processo de investigação ao mesmo tempo que se gerem as aprendizagens dos nossos alunos. Acima de tudo o meu projeto de investigação tinha como objetivo transmitir valores através de provérbios. O que possibilitou dois objetivos em um. Investigar e ensinar.

É muito gratificante quando chegamos à reta final e percebemos que nada foi em vão. Observar nos nossos alunos que eles efetivamente aprenderam algo marcante para as suas vidas. A certa altura, estávamos a ter uma conversa informal em sala de aula sobre uma

atividade de expressão físico-motora e um aluno interveio enunciando um provérbio, que se adequava perfeitamente na situação que se estava a discutir. Esta foi uma situação que se repetiu e que implacavelmente nos enche de orgulho.

São inúmeras as aprendizagens neste processo. Uma rampa de lançamento sem dúvida. Tudo o que nos é transmitido e ensinado. Tudo o que é de bom e de mau, tudo o que fez chorar e fez sorrir. Não há nada que venha por acaso na nossa vida, temos de ter visão.

O mais importante, e para finalizar esta minha reflexão, aprendi que ser generoso é uma capacidade típica de um professor, porque foi essa a capacidade mais reconhecida nos cooperantes e orientadores que encontramos. A dádiva de ensinar foi demonstrada por todos aqueles que orientaram o nosso trabalho. Os conselhos, os alertas, as ajudas e a motivação na hora certa e na medida certa. Estou certa que a medida em que se dá é aquela em que se recebe, sempre que pude fiz questão de dar aos meus alunos aquilo que na mesma medida recebia dos meus professores. Assim acredito que a professora que sou hoje pode sempre refletir-se na qualidade dos que me orientaram o caminho.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (2001). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Albuquerque, M. H. (1989). *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Almeida, M. J. (s/d). *A tradução e interpretação de provérbios e expressões idiomáticas em língua de sinais - equivalentes linguísticos e culturais*. Setúbal: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.
- Amaral, A. (1976). *Tradições Populares*. São Paulo: Hucitec.
- Amorim, A. S. (s/d). *A contribuição dos provérbios na formação do "bom entendedor": sugestões de atividades. II CONEDU - Congresso Nacional de Educação*. Universidade Federal da Paraíba.
- Barca, I. (2004). *Aula-oficina: do projeto à avaliação*. Em *Para uma educação histórica de qualidade* (pp. 131-144). Braga: CIEd - Universidade do Minho.
- Becker, F. (1992). *O que é o construtivismo?* v. 21, n. 83, p. 7-15. Brasília. Obtido de [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_20\\_p087-093\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf). Acesso em 08/03/2016.
- Bittencourt, V. O. (2005). *O provérbio é a voz do povo, e o povo, a voz de Deus*. *Revista Scripta*, v. 8, p. 148-164. Belo Horizonte.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P. (1992). *A reprodução*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- Castells, M., & Cardoso, G. (2005). *A sociedade em rede: do conhecimento à acção política*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Chacoto, L. (1999). *Estudo e Formalização das Propriedades Léxico-Sintáticas das Expressões Fixas Proverbiais*. Lisboa: FLUL.
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática* (2ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.

Delors, J., Al-Mufti, I., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., . . . Nanzhao, Z. (1996). Educação: um tesouro a descobrir. *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Cortez.

Editora, P. (s.d.). *provérbio* in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Obtido de <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/provérbio>

Educação, I. G. (2008). *Avaliação Externa das Escolas*. Região Norte: Ministério da Educação.

Educação, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: ME.

Estatística, I. N. (2011). *Censos 2011 – Resultados Provisórios*. Lisboa: INE.

Fernandes, A. (2007). Sociedade, família e escola. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, p. 253-266.

Ferreira, A. O., & Souza, M. J. (2010). A redefinição do papel da escola e do professor na sociedade atual. *VÉRTICES*, v. 12, p. 165-175. Rio de Janeiro: IFF.

Funk, G., & Funk, M. (2006). Mudam-se os tempos mudam-se os pensamentos.. e os provérbios? *Estudos sobre Cultura Popular*. Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Gómez, A. P. (2001). *A cultura escola na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed.

Gouveia. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: evidencias acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, p. 431-443.

Houaiss, A. (2001). *Dicionário eletrónico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Lima, M. H. (s.d.). O professor, o pesquisador e o professor-pesquisador. Obtido de [http://www.amigosdolivro.com.br/lermais\\_materias.php?cd\\_materias=3754](http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3754). Acesso em 08/03/2016.

Lopes, A. C. (1992). *O texto proverbial português: Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Coimbra: UC.

Marinovic, A. (2012). Usos e funções dos provérbios inseridos na poesia popular portuguesa e brasileira. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v. 9, p. 7-19. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Marques, R. (1997). *Escola Social na Escola Básica: modelos e métodos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, R. (1998). *Ensinar valores: teorias e modelos*. Porto: Porto Editora.

Martins, P. (2010). Do provérbio em contexto didático: proposta de trabalho. *Paremia*, v. 19, p. 93-102. Siena: Universidade de Siena.

Mateus, M. E. (2001). O Estudo do meio como recurso e como conteúdo curricular: formas de abordagem e estratégias para a prática docente do 1º ciclo do ensino básico. *Actas do II Colóquio de Geografia de Coimbra, Número Especial*, p. 71-75. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Mateus, M. E. (2008). O estudo do Meio Social como processo educativo de desenvolvimento local. Bragança: IPB.

Meira, A. C. (2011). A articulação de orações em provérbios do português em uso: uma análise das relações retóricas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Univ. Federal de Minas Gerais. Obtido de <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/DAJR-8GLRRW/1389m.pdf?sequence=1>. Acesso em 13/02/2016

Menin, M. S. (2002). Valores na Escola. *Educação e Pesquisa*, v. 28, p. 91-100. São Paulo: Faculdade de Ciências e Tecnologias. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11657.pdf>. Acesso em 13/02/2016

Mimoso, A. B. (2008). Provérbios: uma fonte para a história da Educação. *Revista Lusófona de Educação*, pp. 155-163.

Mota, A. (2005). *O livro dos provérbios 1 (nº10)*. Porto: Gailivro.

Mota, L. (1991). *Adagiário Brasileiro*. Fortaleza: BNB.

Paim, V. C., & Nodari, P. C. (2012). A missão da escola no contexto social atual. *Seminário de pesquisa em educação na região sul*. Caxias do Sul: ANPED .

Pais, J. M. (1999). Geração e Valores. *Na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa: ULHT.

Pereira, M. E. (2000). O papel dos adágios na vida e na língua de uma comunidade linguística. Vila Real: UTAD.

Pozo, J. I. (2002). Aprendizizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). Manual de Investigação em Ciências Sociais. (M. Marques, & M. A. Mendes, Trads.) Lisboa: Gradiva.

Reis, S. M. (2014). A correspondência entre provérbios e expressões fixas no português Europeu - Dissertação de mestrado. Faro: Universidade do Algarve.

Roldão, M. C. (1994). O pensamento concreto da criança. Uma perspetiva a questionar no currículo. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Roldão, M. C. (1995). O estudo do meio no 1º ciclo. Fundamentos e estratégias. Lisboa: Texto Editora.

Roldão, M. d., Alonso, L., & Paixão, F. (2004). Competências na Cultura de Escolas do 1º Ciclo. *Saberes Básicos de Todos os Cidadãos no século XXI*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Santos, C. S., & Geremias, L. d. (2001). Um olhar sobre escola e sociedade: com que óculos? *Revista Linhas*, v. 2. Florianópolis: FAED.

Santos, C. S., & Geremias, L. d. (s/d). Um olhar sobre a escola e sociedade: com que óculos? UDESC.

Santos, L. C. (2004). Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papyrus.

Silva, A. M., & Rosas, M. (2013). *Diagnóstico Social de Viana do Castelo 2013*. Viana do Castelo: Conselho Local de Ação Social.

Sol, H. (2009). "Em meses de inverneira, histórias à lareira" Provérbios e dizeres enquanto transmissores de valores culturais e de identidade. *Carnets*, p.105-113. Universidade de Aveiro. Obtido de <http://revistas.ua.pt/index.php/Carnets/article/view/431>. Acesso em 13/02/2016

Tedesco, J. C. (1998). O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática.



Thomazi, Á. R. (2009). Palestra: A relação escola/sociedade/cultura e o papel do educador. Secretaria de Educação e Cultura.

Virões, M. B. (2013). O papel da escola na educação de valores. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Weitzel, A. H. (1995). Folclore literário e linguístico. Juiz de Fora: Editora UFJF.

Xatara, C. M., & Oliveira, W. L. (2002). Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português/português-francês. São Paulo: Cultura.

Xatara, C. M., & Succi, T. M. (2008). Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas online - atemática*. PPG Linguística / UFJF.



## **ANEXOS**

Nesta secção apresentam-se todos os dados fotográficos e registos escritos digitalizados.



## ANEXO 1 – PLANIFICAÇÃO DE REFERÊNCIA

Temas/Blocos/ Conteúdos	Competências/Objetivos específicos/Objetivos gerais/Descritores	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/R ecursos/Esp aços físicos	Tempo (min)	Avaliação
<b>Segunda-feira, 26 de outubro de 2015</b>					
<b>PORTUGUÊS</b>					
<b>Oralidade</b>	<b>Entrar, ordeiramente, na sala de aula</b>	<p>A manhã inicia-se com a entrada dos alunos, na sala de aula, ordeiramente.</p> <p>Semanalmente é eleito um aluno para distribuir os cadernos diários e outro para distribuir o leite nos intervalos.</p> <p>Os alunos organizam o seu material e escrevem a data (escrita no quadro pela professora-estagiária), o nome e o abecedário no caderno diário, dando início à aula.</p>	Sala de Aula	<b>15</b>	<p><b>O aluno:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Entra na sala de forma ordeira;</li> <li>- Organiza o seu material</li> <li>- Escreve corretamente o nome, a data e o abecedário</li> </ul>
	<b>Organizar o material</b>		Quadro Marcador		
	<b>Escrever o nome, a data e o abecedário</b>		Fábula	<b>20</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fala de forma audível, com correção linguística</li> <li>- Responde adequadamente às questões levantadas</li> </ul>
	<b>3. Produzir um discurso oral com correção.</b> 1- Falar de forma audível;				
	<b>4. Produzir discursos com diferentes finalidades;</b>				

<p><b>Iniciação à Educação Literária</b></p>	<p>1 - Responder adequadamente às questões levantadas;</p> <p><b>19. Ouvir textos literários;</b> 1 – Ouvir ler textos da tradição popular (fábula);</p> <p><b>20. Compreender o essencial dos textos escutados;</b> 1 - Antecipar conteúdos com base no título;</p> <p><b>Assumir compromissos de mudança;</b></p> <p><b>Incentivar hábitos de leitura</b></p> <p><b>Desenvolver raciocínio e comunicação matemática</b></p> <p><b>Criar hábitos de bom comportamento</b></p>	<p>aglomeradas no quadro. – Esta partilha deve ser realizada de forma ordeira e calma para que todos possam participar.</p> <p>É realizada a leitura da fábula por parte da professora-estagiária.</p> <p><b>Questões de exploração:</b> - Quem são as personagens do texto?; -Como caracterizamos cada uma delas?; - O que vão fazer os animais quando o Sr. Mocho assobia?; - Onde se reúnem os animais com o Sr. Mocho?; -Quem é o Sr. Mocho?; -Quem são as personagens em conflito?; -Qual a consequência dos conflitos?; -Quem quer resolver o conflito?; - Como resolve?; -Qual a moral da história?</p> <p>As questões de exploração devem encaminhar a uma reflexão sobre os comportamentos da turma para com os docentes, funcionários da escola e até mesmo entre colegas de turma.</p> <p>Assim, é apresentado o contrato (anexo) cujo objetivo é propor aos alunos que assumam o compromisso de mudança. O contrato engloba uma mudança de comportamento para com os colegas, os docentes e os funcionários da escola.</p> <p>Após a assinatura do contrato, as professoras-estagiárias comunicam que no final de cada semana (relativa à regência das mesmas) os alunos serão presenteados consoante o seu comportamento. Serão informados que existem 5 categorias diferentes, mas que só as conhecerão na quarta-feira, na sua entrega. Só receberá medalha quem realmente a merecer o que não invalida a sua retirada a quando de um comportamento desviante nos restantes dias da semana.</p>	<p>Contrato</p>	<p><b>30</b></p> <p><b>15</b></p> <p><b>120</b></p>	<p>- Ouve ler textos de tradição popular</p> <p>- Antecipa conteúdos do título</p> <p>- Assume um compromisso de mudança</p>
----------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------	-----------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p><b>Estimular à conservação do material escolar</b></p> <p><b>Sensibilizar para harmonia da turma</b></p>	<p>As categorias são as seguintes: leitura, matemática, comportamento, organização e amizade. Leitura, porque queremos criar um incentivo aos momentos de leitura, que é uma área fragilizada na aprendizagem; Matemática, porque nos apercebemos que o raciocínio matemático e a comunicação matemática estão pouco desenvolvidos; Comportamento, porque são uma turma com bastantes casos de mau comportamento em sala de aula e nos outros espaços da escola; Organização, porque queremos que preservem o bom estado do seu material, atribuindo-lhes valor pelo esforço que os encarregados de educação despendem para os adquirir.</p> <p>Amizade, porque queremos premiar aqueles que não criam conflito e se dão bem uns com os outros, mostrando aos mais conflituosos que podemos dar-nos todos bem e ser amigos.</p> <p style="text-align: center;"><b><u>INTERVALO DA MANHÃ (10h30 – 11h)</u></b></p>			
<b>MATEMÁTICA</b>					
<p><b>Números e Operações</b></p>	<p><b>Números Naturais</b></p> <p>1- Utilizar corretamente os números ordinais até ao vigésimo;</p> <p>- Nomear os números até 1000;</p> <p>- Contar de 10 em 10 e de 100 em 100;</p>	<p>Entrada para a sala, idas à casa de banho.</p> <p><u>O quem é quem na tabela do 1000</u>: Este jogo consiste na localização de números na tabela do 1000, através de instruções dadas a cada aluno num cartão (anexo). Cada aluno possui uma tabela do 1000 (fornecida pela pasta do Alfa – manual) e um cartão com as instruções. As instruções são, por exemplo: o número que procuras encontra-se no cruzamento da 3ª linha e da 5ª coluna, quem é? A resposta deve começar por identificar o número em algarismos e por extenso entre parênteses. Devem representá-lo (por desenho) em material multibase (MAB), descrevê-lo por ordens decimais (centena, dezena e unidade).</p> <p>A professora-estagiária projeta no quadro a tabela do 1000 para futuramente indicar regularidades e posições de números.</p>	<p>Cartões com instruções</p> <p>Tabela 1000</p> <p>Projektor/PC</p>	<p><b>10</b></p> <p><b>35</b></p>	<p>- Utiliza corretamente os números ordinais até ao vigésimo;</p> <p>- Nomeia os números até 1000;</p> <p>- Conta de 10 em 10 e de 100 em 100;</p>

	<p><b>Sistema de Numeração decimal:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer a equivalência entre centena-unidade e dezena-unidade;</li> <li>- Identificar o valor posicional dos algarismos;</li> </ul> <p><b>Sequência e Regularidades</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Descobrir o padrão de número existente numa sequência;</li> </ul>	<p>Após todos realizarem esta tarefa, a professora-estagiária localiza um número seguindo as instruções de um cartão e realiza a tarefa, cometendo um erro propositadamente. O objetivo é que os alunos identifiquem o erro e o justifiquem.</p> <p>Na tabela do 1000 é possível encontrar algumas regularidades, tais como: - leitura de 100 em 100 por coluna; - leitura de 10 em 10 por linha; - leitura na diagonal (superior esquerdo – inferior direito) efetuando a operação (+100+10); - leitura na diagonal (inferior esquerdo – superior direito) efetuando a operação (-100+10). São precisamente as últimas duas que pretendo que os alunos descubram. Para finalizar a parte da manhã, a professora estagiária apresenta a seguinte <b>sequência</b>: 104 105 107 110 114</p> <p>Os alunos devem descobrir a regularidade existente entre os termos da sequência, que é de termo para termo a soma é de 1 em 1 (+1; +2; +3; +4). Para consolidar, completamos a sequência até ao décimo termo.</p> <p style="text-align: center;"><b>ALMOÇO (12h30 – 14h)</b></p>	Quadro	<p><b>25</b></p> <p><b>20</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhece a equivalência entre a centena-unidade e a dezena-unidade;</li> <li>- Identifica o valor posicional dos algarismos;</li> <li>- Descobre padrões de número numa sequência</li> </ul>
<b>ESTUDO DO MEIO</b>					
<b>O passado mais longínquo da criança</b>	<p><b>Reconhecer datas e factos da família</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Localizar, numa linha de tempo, datas e factos significativos da família;</li> </ul>	<p><i>A minha vida em fotos</i></p> <p>(Na semana anterior a de regência a professora-estagiária envia aos enc. de educação um pedido de fotografias e datas de acontecimentos marcantes da vida do aluno – casamento dos pais, nascimento de irmãos, batizado...)</p> <p>Os alunos começam por apresentar à turma as fotografias que trouxeram.</p> <p>Com base nos dados recolhidos com os pais em casa, os alunos vão construir o seu próprio friso cronológico, marcando o momento com uma data e uma descrição, bem como um desenho retratando o acontecimento. O friso cronológico será construído em folhas separadas e coloridas, unidas umas às outras, dando um efeito de desdobrável (anexo).</p>	Fotografias Folhas coloridas Cola Lápis de cor	<b>120</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhece factos importantes da família</li> <li>- Localiza no tempo factos importantes da família</li> </ul>



		<p><i>TPC (anexo): Recolher e trazer para a aula convites de aniversários, casamentos, batizados ou outros.</i></p> <p><i>A professora estagiária distribui a fábula lida na manhã do mesmo dia e pede aos alunos que a leiam em casa, de preferência para alguém.</i></p> <p><i>Pedir ao encarregado de educação que assine o contrato.</i></p> <p><i>Página 24 do Manual de Estudo do Meio + Pág 34 manual Matemática</i></p>			
<b><u>Terça-feira, 27 de outubro de 2015</u></b>					
<b>MATEMÁTICA</b>					
<b>Números e Operações</b>	<p><b>Entrar, ordeiramente, na sala de aula</b></p> <p><b>Organizar o material</b></p> <p><b>Escrever o nome, a data e o abecedário</b></p>	<p>A manhã inicia-se com a entrada dos alunos, na sala de aula, ordeiramente.</p> <p>Semanalmente é eleito um aluno para distribuir os cadernos diários e outro para distribuir o leite nos intervalos.</p> <p>Os alunos organizam o seu material e escrevem a data (escrita no quadro pela professora-estagiária), o nome e o abecedário no caderno diário, dando início à aula.</p> <p style="text-align: center;"><i>Correção do TPC</i></p>	<p>Sala de Aula</p> <p>Quadro Marcador</p>	<p><b>15</b></p> <p><b>15</b></p>	<p>- Entra na sala de forma ordeira;</p> <p>- Organiza o seu material</p> <p>- Escreve corretamente o nome, a data e o abecedário</p>
	<p><b>Sequência e Regularidades</b></p> <p>- Descobrir o padrão de número existente numa sequência;</p> <p><b>Estimular o raciocínio matemático;</b></p>	<p><i>À descoberta do Triângulo Pascal - Regularidades</i></p> <p>A professora-estagiária projeta no quadro uma sequência em Triângulo Pascal (anexo) e distribui pelas crianças a mesma sequência para colarem no caderno.</p> <p>Os alunos devem descobrir qual a relação que existe entre os números para depois apresentarem a sua conceção. É esperado que alguns alunos se sintam mais perdidos e não entendam bem o que é para descobrir, pelo que se torna necessário dar algumas indicações tais como: tentem perceber como aparecem os números de cima para</p>	<p>Projector/PC</p>	<p><b>35</b></p>	<p>- Descobre padrões de número numa sequência</p>

<p><b>Organização e Tratamento de Dados</b></p> <p><b>Números e Operações</b></p>	<p><b>Desenvolver competências de comunicação matemática;</b></p> <p><b>Representação de dados: Recolher e representar conjuntos de dados</b></p> <p>- Representar gráficos de pontos;</p> <p>- Operar a adição de números naturais até 20;</p>	<p>baixo, descubram a relação que há, se é adição, subtração, se é de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10...</p> <p>A professora-estagiária deve recolher as impressões dos alunos, permitindo a sua exploração e aperfeiçoamento de ideias, bem como concluir com uma explicação clara da sequência padrão do triângulo pascal apresentado, nomeando como tal. Registrar no caderno diário.</p> <p><i>Sr. Macaco quantas bananas tem?</i></p> <p>A professora estagiária apresenta o seguinte problema em Powerpoint (anexo com resolução):</p> <p>A família Macaco andou na floresta a apanhar bananas para o jantar. O Sr. Macaco apanhou 8 bananas. O filhote Macaco apanhou mais duas que o seu pai e a Mãe Macaca apanhou mais duas que o seu filho.</p> <p>a. Quantas bananas apanhou cada um?</p> <p>Filhote de Macaco: _____</p> <p>Mãe Macaca: _____</p> <p>Representa num gráfico de pontos, quantas bananas apanhou cada elemento da família.</p> <p><b><u>Realizar os exercícios da página 35 do manual de Matemática</u></b></p> <p><b><u>INTERVALO DA MANHÃ (10h30 – 11h)</u></b></p>	<p>Projedor/PC</p>	<p><b>25</b></p>	<p>- Representa gráficos de pontos;</p> <p>- Opera a adição de dois números naturais até 20;</p>
<b>PORTUGUÊS</b>					
<p><b>Leitura e Escrita</b></p>	<p><b>Ler em voz alta palavras de um texto</b></p> <p>- Ler com entoação, articulação e correção</p>	<p><u>A aula inicia-se com uma pequena leitura realizada em turma, aleatoriamente são chamados a ler para acompanharem.</u></p> <p><i>Laboratório Gramatical</i></p>	<p>Fábula</p>	<p><b>40</b></p>	<p>- Lê com entoação, articulação e correção;</p>

Gramática	<b>24. Explicitar regularidades no funcionamento da língua</b> - Identificar nomes (comuns e próprios); - Identificar o determinante artigo (definido e indefinido); - Identificar verbos;	Os alunos vão procurar na fábula as seguintes classes e subclasses de palavras: nomes (comuns, próprios e coletivos), determinantes artigos definidos e indefinidos, verbos; - esta procura será faseada. O conjunto das palavras será colocado em árvores distintas (num powerpoint). Em fase mais avançada, será pedido que encontrem palavras flexionadas em género e número. (anexo)	Projetor/PC	40	- Identifica nomes (comuns e próprios); - Identifica o determinante artigo (definido e indefinido); - Identifica verbos;
Leitura e Escrita	<b>8. Ler textos diversos</b> - Ler convites  <b>10. Organizar informação de um texto lido</b> - Indicar os aspetos nucleares do texto;	<p style="text-align: center;"><i>Convites</i></p> Os alunos apresentam a sua recolha de convites. Com base nos convites que tem em seu poder, os alunos devem descobrir o que é comum no seu texto: o nome de quem convida ou organizador; o tipo de evento; o corpo do convite (informação); o local do evento; a data e a hora.  É importante que seja efetuado o registo no caderno diário deste tipo de texto: [Com base na escola virtual] Um convite é uma carta que comunica um evento (casamento, aniversário, festa...) e convida os seus recetores a participar nele. O convite deve incluir as seguintes informações: o nome de quem convida ou organizador; o tipo de evento; o corpo do convite (informação); o local do evento; a data e a hora.	Convites  Caderno Diário	20	- Lê convites - Indica os aspetos nucleares do texto;
		<u><b>- conclusão da aula da manhã, bem como os registos no caderno diário;</b></u>		30	
<b>EXPRESSÃO FÍSICO-MOTORA</b>					
	<b>Participar em atividades de expressão motora</b>	Os alunos chegam ao ginásio e dirigem-se para o balneário para calçar as sapatilhas.  A aula inicia-se pelo aquecimento com o jogo da <u>Corrente Humana</u> : Neste jogo é selecionado um dos alunos para ser o “perseguidor”, a fim de caçar os outros, que fogem. Ele tenta tocar qualquer um dos outros	Ginásio Polivalente	15	- Participa em atividades de expressão motora

<b>Deslocamentos e Equilíbrios</b>	<b>Predispor o corpo para atividade física</b>	alunos. Quem for tocado deve juntar-se à corrente de mãos dadas e tornar-se caçador. Ganha quem não for caço no tempo de jogo que são 2 minutos.			- Predispõe o corpo para atividade física
	<b>Saltar a pés juntos por cima de uma corda</b>	A aula desenrola com um circuito intitulado como <b>Passoio na floresta</b> : O circuito tem 4 estações, por isso a turma é dividida em 4 grupos. As estações são: Recreio dos Macacos (Saltar à corda); Brincando com as cobras (Rastejar); Salto para a cascata (Saltar por dentro do arco); Atravessar o pântano de crocodilos (equilíbrio). Mais especificamente no <i>Recreio dos Macacos</i> o grupo deve saltar 10 vezes a pés juntos, 10 vezes ao pé-coxinho (5 com cada pé); <i>Brincando com as cobras</i> o grupo forma uma fila indiana, pernas afastadas e o primeiro da fila rasteja por baixo, assim sucessivamente; O <i>Salto para a Cascata</i> consistem em saltar por dentro de um arco para um colchão de ginásio; Para <i>Atravessar o pântano dos crocodilos</i> os alunos devem se equilibrar num banco sueco e atravessá-lo de um lado para o outro, de preferência com o banco virado ao contrário, onde a superfície é mais estreita.			Equipament o adequado à prática de atividade física
	<b>Saltar ao pé-coxinho por cima de uma corda</b>				- Rasteja com auxílio dos membros superiores e inferiores
	<b>Rastejar com auxílio dos membros superiores e inferiores</b>		Apito Cordas Arco Colchão Banco Sueco		- Salta à “coelho” no solo
	<b>Saltar à “coelho” no solo</b>			<b>15</b>	- Anda em cima de um banco sueco, para a frente e para trás
	<b>Andar em cima de um banco sueco, para a frente e para trás</b>	Para relaxamento os alunos devem colocar-se à vontade pelo chão do ginásio e efetuar os movimentos que a professora-estagiária vai fazendo para relaxar o corpo e a respiração, e vai mandando alguns dos alunos para o balneário, onde devem manter a ordem.  No final da aula de EFM, os alunos regressam à sala ordeiramente para registarem o que estiver em falta e concluir a aula.  <b>TPC: Manual de Português – Página 37 e 38</b> <b>Manual de Matemática – página 35</b>			

**Quarta-feira, 28 de outubro de 2015**

**PORTUGUÊS**

Leitura e Escrita	<p><b>Entrar, ordeiramente, na sala de aula</b></p> <p><b>Organizar o material</b></p> <p><b>Escrever o nome, a data e o abecedário</b></p>	<p>A manhã inicia-se com a entrada dos alunos, na sala de aula, ordeiramente.</p> <p>Semanalmente é eleito um aluno para distribuir os cadernos diários e outro para distribuir o leite nos intervalos.</p> <p>Os alunos organizam o seu material e escrevem a data (escrita no quadro pela professora-estagiária), o nome e o abecedário no caderno diário, dando início à aula.</p>	Sala de Aula	15	<p>- Entra na sala de forma ordeira;</p> <p>- Organiza o seu material</p>
			Quadro/marcador		30
		<p><b>16. Escrever textos</b></p> <p>- Escrever textos, com um mínimo de 50 palavras informando ou explicando;</p> <p><b>17. Planificar a escrita de textos</b></p> <p>- Relacionar as ideias chave a incluir no convite</p> <p><b>18. Redigir corretamente</b></p> <p>- Respeitar as regras de concordância entre sujeito e forma verbal;</p> <p>- Utilizar, com coerência, os tempos verbais;</p> <p>- Cuidar da apresentação final do texto;</p>	<p><i>Correção do TPC</i></p> <p><u>Estás convidado?</u></p> <p>A professora estagiária recorda com os alunos as características e a função do convite. Para consolidar distribui por cada aluno, um cartão com indicações (anexo) que devem escrever no convite que vão construir.</p> <p>Cada cartão contém: data e hora, local, tipo de evento, entre outras informações.</p> <p>O aluno deve construir o seu convite com aquelas instruções.</p>	Cartões	45

**INTERVALO DA MANHÃ (10h30 – 11h)**

					- Cuida da apresentação final do texto;
<b>MATEMÁTICA</b>					
<b>Números e operações</b>	Operacionalizar cálculos aditivos de duas parcelas até 100;  Reconhecer o valor do sistema de numeração decimal;	<u>Jogo da Glória</u> A professora-estagiária projeta no quadro o tabuleiro (anexo) e apresenta as regras do jogo. Escolhe um aluno para movimentar o peão (íman), enquanto a outra professora-estagiária fica encarregue de lançar o dado. Cada casa do tabuleiro corresponde uma pergunta (anexo), a cada paragem a professora-estagiária seleciona um aluno para responder. As escadas permitem avançar no tabuleiro; a cobra faz recuar no tabuleiro.  <b>ALMOÇO (12h30 – 14h)</b>	Projedor/PC Dado Íman	<b>120</b>	- Opera cálculos aditivos de duas parcelas até 100;  - Reconhece o valor do sistema de numeração decimal;
<b>ESTUDO DO MEIO</b>					
<b>Os seres vivos do seu ambiente</b>	<b>Observar e identificar alguns animais mais comuns</b> - Reconhecer características externas e modos de vida de alguns animais	<u>À descoberta dos animais</u> A turma é dividida em grupos (4 grupos de 5 alunos e 2 grupos de 6 alunos), cada grupo tem uma folha onde vai registar as suas respostas relativas às questões presentes no powerpoint apresentado (anexo). As questões são sobre as características de alguns animais., intercalando com curiosidades/conhecimentos sobre alguns animais, fora do quotidiano dos alunos. Os alunos devem responder consoante o seu conhecimento e no final vamos explorar as respostas, a fim de esclarecer dúvidas e curiosidades sobre os animais.  <b>TPC:</b> Preencher a ficha “Ser Amigo é...” fornecida pela professora; Ficha 11 – caderno de atividades de Português <b>Distribuição das medalhas</b>	Projedor/PC	<b>120</b>	-Reconhece características externas e modos de vida de alguns animais

## ANEXO 2 – CONSENTIMENTO INFORMADO



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



Caro Encarregado de Educação,

Vimos por este meio informar que nos encontramos a estagiar na turma do seu educando, no âmbito do plano curricular do curso de Mestrado em Educação pré-escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico.

Para a realização de um relatório final do curso e com o objetivo de efetuar um estudo de caráter **investigativo e confidencial**, pedimos que nos concedam autorização para fazer registos áudio e vídeo das aulas. Esta recolha de imagens tem como único objetivo uma melhor análise dos processos da investigação, **não podendo nunca ser tornadas públicas**.

Toda e qualquer informação recolhida no âmbito deste estudo, contendo dados identitários do seu educando, **não será divulgada**.

Agradecemos desde já a sua compreensão,

Diana Torres e Sara Rodrigues

\_\_\_\_\_  
(Diana Torres)

\_\_\_\_\_  
(Sara Rodrigues)

Viana do Castelo, 20 de outubro de 2015

-----  
**AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a  
participação do meu educando,  
\_\_\_\_\_ no estudo realizado  
pelas professoras-estagiárias em contexto de sala de aula.

\_\_\_\_\_  
(Encarregado de Educação)





### ANEXO 3 – EVIDÊNCIAS (RECOLHA DE PROVÉRBIOS)

A loba boca uma sopa  
A loba morreu roteiro  
A loba faz o lobo sair do mato  
Na hora chis de prama se faz o lobo

Não dá quem tem, dá quem quer bem.  
Casa de ferro e espeto de pau.  
Quem tem boca vai a Roma.  
Mais depressa se afanha um mentiroso do que um cozo.  
galinha de campo não quer capoeira.  
Ninguém se levanta sem primeiro cair  
Cada malaco no seu galho  
Devagar se vai ao longe.  
Para ensinar é preciso aprender  
Parar é morrer  
Quem casa quer casa.

11-11-2015

Provérbios

Quando há fumo há fogo.  
Quem tudo quer tudo perde.  
Belo São martinho abate a pipa e prova o seu vinho.  
Em abril águas mil.

Quem vai à guerra, dá a terra,  
Quem vai ao selo, perde o assento.  
Filhos criados trabalhos dobrados  
Um mal nunca vem de.

De Lourenço, de machão e Vasco, de tarde e Sorato, e à noite,  
a morte.

Até hoje, o leão está cheio a corral.

Até hoje, o leão está cheio.

Leão a leão enche a galinha o papo.

Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

Mais os amigos mas ficam os dedos.

Mais frio e quente bom pão, vinho valente.

Mais vale tarde do que nunca.

Santos da Terceira mão fazem milagres.

Quando falo, cresce uma besta.

De fome é o melhor tempero.

De noite é boa conselheira.

De união faz a força.

Mais vale ir, do que mandar.

Mais vale prevenir, que remediar.

Mais vale só, que mal acompanhado.

Longe da vista, longe do coração.

O gosto que lhe dá no rosto.

Para ensinar, é preciso aprender.

Doar e morrer.

Amigo verdadeiro vale  
mais do que dinheiro.

Tempo é dinheiro

Bom papas e bolos se  
enganam os tolos

Deitar cedo e cedo erguer  
dá saúde e faz crescer.

---

Amigos, amigos, negócios à parte.

---

Quem parte e reparte a fila com a pior  
parte, ou é tolo ou não tem arte.

---

Quem te aviza teu amigo é.

---

Quem conta seus males espanta.

---

Quem teu amigo é meu amigo é.

Amuso de rigoto, primeiro  
de inverno

Onde todos ajudam, nada custa

Aprender até morrer

Aprende e saberes

Quem arrata bem almofa

após a grão enche a galinha o  
papo

Quem semeia colhe

Nunca é tarde para aprender

Quem vai à greve dá e leva.

Olho por olho, dente por dente.

Quem vai ao mar perde o lugar.

Quem vai ao vento perde o assento.

Quem vai ao rio perde o rio.

Caralho dado não olha ao dente.

A chuva de S. João, bebe o vinho e come o pão.

A culpa morreu solteira.

A orelha faz o lastrão

Cada terra com seu uso cada roca com seu fuso.

Dá Deus nozes, a quem não tem dentes.

Em abril águas mil.

Há mar e mar, há ir e voltar. Há males que vêm por bem.

Quais são? A cada lacorinho vem o S. Bartinho

Em dia de S. Bartinho atesta e abata o teu vinho

Em abril águas mil.

Quem cedo madruga,  
Deus ajuda.  
Quem o feio ama bonito lhe  
parece.  
Grão a grão a galinha enche  
o papo.  
Quem ri por último ri melhor.

Ovelha que berne brada que perde.  
Em abril águas mil.  
No dia de São Martinho vai à adega e prova o vinho.  
Amor com amor se paga.  
Quem não forna mais uma botia.  
Quem tudo quer, tudo perde.  
Quem vai ao ar perde o lugar.  
Grão a grão enche a galinha o papo.  
Ferverão quente traze o diabo no ventre.  
A lã nunca pesa na ovelha.

Devagar se vai ao longe.  
Quem não tem cão caça com gato.  
Quem tem medo compra um cão.  
O cavalo dado não se olha o dente.  
Cada macaco no seu galho.  
Quem canta seus males espanta.  
Quem vai ao vento perde o assento.

## ANEXO 4 – MODELO DO QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

### PROVÉRBIOS

#### O QUE É UM PROVÉRBIO?

(assinala a resposta que consideras mais correta)

- a) Uma frase que rima;
- b) Uma adivinha;
- c) Uma frase que conta uma história;
- d) Uma frase que contém uma mensagem;

#### O QUE NOS ENSINA UM PROVÉRBIO?

(assinala a(s) resposta(s) que consideras mais correta(s))

- a) Lições importantes para sermos pessoas melhores
- b) A rimar
- c) Conhecimentos das pessoas mais velhas

#### QUEM NOS TRANSMITE/ENSINA OS PROVÉRBIOS?

(assinala a(s) resposta(s) que consideras mais correta(s))

- a) Os mais velhos
- b) A televisão
- c) A internet



**ANEXO 5 – EVIDÊNCIAS (IDEIAS PRÉVIAS - GRÃO A GRÃO ENCHE A GALINHA O PAPO)**

"GRÃO A GRÃO, ENCHE A GALINHA O PAPO"	
	<p>O que significa para ti esta expressão?</p> <p>Eu acho que isto é uma galinha a comer.</p>
△	<p>O que significa para ti esta expressão?</p> <p>Esta expressão quer dizer que come-se come-se e faz-se o jardim ou jardins.</p>
	<p>O que significa para ti esta expressão?</p> <p>Para mim eu acho que significa que cada vez que a galinha come mais faz mais jardim.</p>
	<p>O que significa para ti esta expressão?</p> <p>Significa que a galinha come o grão a grão e ao mesmo tempo enche a barriga.</p>
△	<p>O que significa para ti esta expressão?</p> <p>Está a galinha a encher a barriga com milho.</p>
	<p>O que significa para ti esta expressão?</p> <p>Para mim esta expressão significa que a galinha enche a barriga.</p>
△	<p>O que significa para ti esta expressão?</p> <p>porque a barriga fica cheia de grão.</p>

"GRÃO A GRÃO, ENCHE A GALINHA O PAPO"

O que significa para ti esta expressão?

Para mim a expressão significa que a galinha come grão e enche a barriga.

△

O que significa para ti esta expressão?

Para mim o significado desta frase é que a galinha grão a grão enche a barriga.

O que significa para ti esta expressão?

Isto significa que uma galinha come grão e enche o papo.

△

O que significa para ti esta expressão?

Significa que a galinha come grão e ficou com o papo cheio.

△

O que significa para ti esta expressão?

Para mim significa que a galinha enche o papo a comer grão.

△

O que significa para ti esta expressão?

Significa que a galinha come muito.

△

"GRÃO A GRÃO, ENCHE A GALINHA O PAPO"

O que significa para ti esta expressão?

Esta expressão quer dizer que a galinha come grão e enche o papo.

△



"GRÃO A GRÃO, ENCHE A GALINHA O PAPO"

O que significa para ti esta expressão?

A

É um galinha galinha e papo

O que significa para ti esta expressão?

É o papo direita que é a viriga.

A

O que significa para ti esta expressão?

A

Ento significa a galinha ater o papo cheio.

Antes (A)

O que significa para ti esta expressão?

A galinha para mim dis que gosta de comer.

O que significa para ti esta expressão?

A

Que a viriga da galinha não pode mais com a comida.

O que significa para ti esta expressão?

De galinha que coml comida para o papo.

A

O que significa para ti esta expressão?

A

A mejer a bariga.



## ANEXO 6 – POWERPOINT DE APRESENTAÇÃO

**Grão a grão construímos castelos**

Vitória é uma menina doce, cheia de segredos. Há dias em que a mãe fala, conta e reconta a mesma história mas a Vitória lá anda por Marte e Saturno, deslizando nos seus anéis. Quando começava a pensar, a Vitória não conseguia parar. A sua cabeça pairava no espaço, contando estrelas e explorando cometas.

Numa dessas viagens que a Vitória fez na sua cabeça, ela encontrou algo novo. Imaginou um castelo no seu jardim. Mas não era um castelo qualquer, era o seu castelo, onde podia ter todos os seus brinquedos e mistérios.

Estavam a chegar as férias de Natal e a Vitória achou que poderia aproveitá-las para construir esse belo Castelo da Princesa Vitória, com a ajuda do pai Arnaldo Carpinteiro. O pai Arnaldo Carpinteiro começou por avisar a Vitória que para fazer o castelo não bastava querer, ela tinha de começar por arranjar o material.

- Não tem problema, pai – disse a Vitória – eu tenho o meu porquinho cheio de moedinhas que fui juntando das prendas da família. Posso ajudar-te a comprar os materiais que não conseguirmos reutilizar.
- Muito bem, minha filha! Assim mesmo, devemos sempre juntar as nossas economias e reutilizar materiais velhos, para realizarmos alguns dos nossos desejos. – felicitou-a o pai.

O entusiasmo era imenso e juntos contaram as moedas da Vitória...



## ANEXO 7 – GRÃO A GRÃO CONSTRUÍMOS CASTELOS (HISTÓRIA DA VITÓRIA)

Vitória é uma menina doce, cheia de segredos. Há dias em que a mãe fala, conta e reconta a mesma história mas a Vitória lá anda por Marte e Saturno, deslizando nos seus anéis. Quando começava a pensar, a Vitória não conseguia parar. A sua cabeça pairava no espaço, contando estrelas e explorando cometas.

Numa dessas viagens que a Vitória fez na sua cabeça, ela encontrou algo novo. Imaginou um castelo no seu jardim. Mas não era um castelo qualquer, era o seu castelo, onde podia ter todos os seus brinquedos e mistérios.

Estavam a chegar as férias de Natal e a Vitória achou que poderia aproveitá-las para construir esse belo Castelo da Princesa Vitória, com a ajuda do pai Arnaldo Carpinteiro.

O pai Arnaldo Carpinteiro começou por avisar a Vitória que para fazer o castelo não bastava querer, ela tinha de começar por arranjar o material.

- Não tem problema, pai – disse a Vitória – eu tenho o meu porquinho cheio de moedinhas que fui juntando das prendas da família. Posso ajudar-te a comprar os materiais que não conseguirmos reutilizar.

- Muito bem, minha filha! Assim mesmo, devemos sempre juntar as nossas economias e reutilizar materiais velhos, para realizarmos alguns dos nossos desejos. – Felicitou-a o pai.

O entusiasmo era imenso e juntos contaram as moedas da Vitória...

Sara Rodrigues

## ANEXO 8 – EVIDÊNCIAS (CONCLUSÕES - GRÃO A GRÃO ENCHE A GALINHA O PAPO)

"GRÃO A GRÃO, ENCHE A GALINHA O PAPO"	
Depois (D)	O que significa para ti esta expressão? <u>Depois de alguma coisa</u>
	O que significa para ti esta expressão? <u>É esperar e aguardar, se tem alguma expressão, que seja que... muito</u>
	O que significa para ti esta expressão? <u>É saber os passos que se vão fazer</u>
A	O que significa para ti esta expressão? <u>Esta expressão ensina-nos a esperar.</u>
A	O que significa para ti esta expressão? <u>Que se tem de esperar</u>
	O que significa para ti esta expressão? <u>Fazer calma pelos outros.</u>
	O que significa para ti esta expressão? <u>Significa que temos de ter paciência e a esperar.</u>

"GRÃO A GRÃO, ENCHE A GALINHA O PAPO"

O que significa para ti esta expressão?

O burriceio <sup>que</sup> ~~imminente~~ <sup>que</sup> ~~temos~~ de ~~esperar~~.

(-)

O que significa para ti esta expressão?

Para mim esta expressão significa que ~~temos~~ que ser pacientes.

O que significa para ti esta expressão?

Para mim esta expressão significa que a galinha tem paciência para comer o grão.

D

O que significa para ti esta expressão?

Significa a poupar a ter paciência e a esperar.

D

O que significa para ti esta expressão?

Explicamos para esperar e aguardar a chegada.

U

O que significa para ti esta expressão?

É sobre esperar e poupar.

O que significa para ti esta expressão?

Significa a ter paciência.

O

"GRÃO A GRÃO, ENCHE A GALINHA O PAPO"

O que significa para ti esta expressão?

O poderang enorme que é esperar.

O que significa para ti esta expressão?

O significa é ter paciência e a perder.

O que significa para ti esta expressão?

Esta expressão significa a esperar tempo e a ter paciência.

O que significa para ti esta expressão?

Significa esperar.

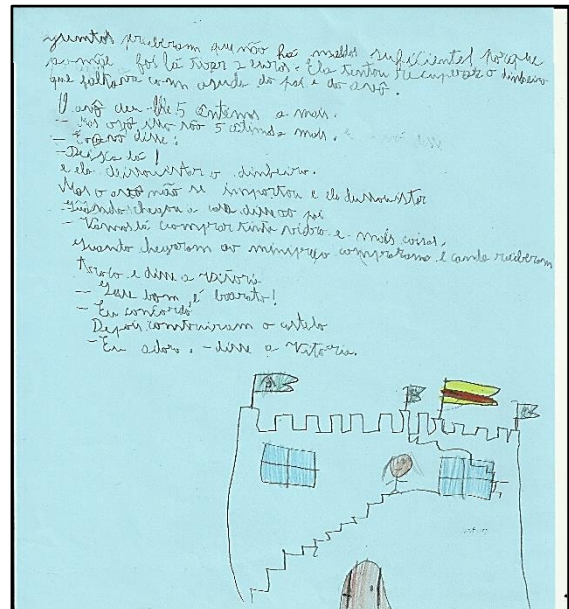
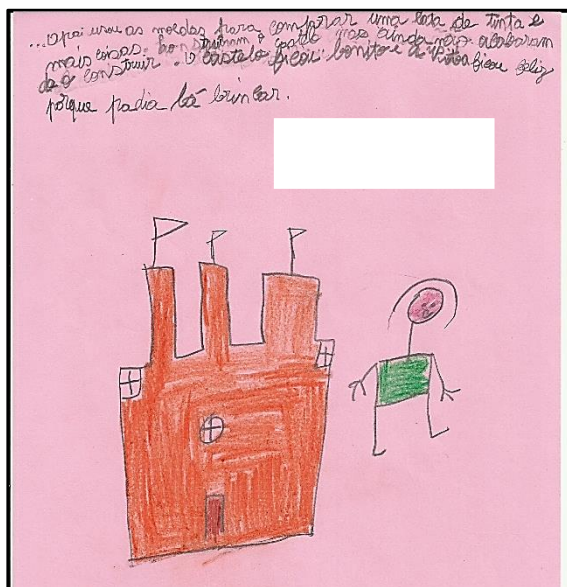
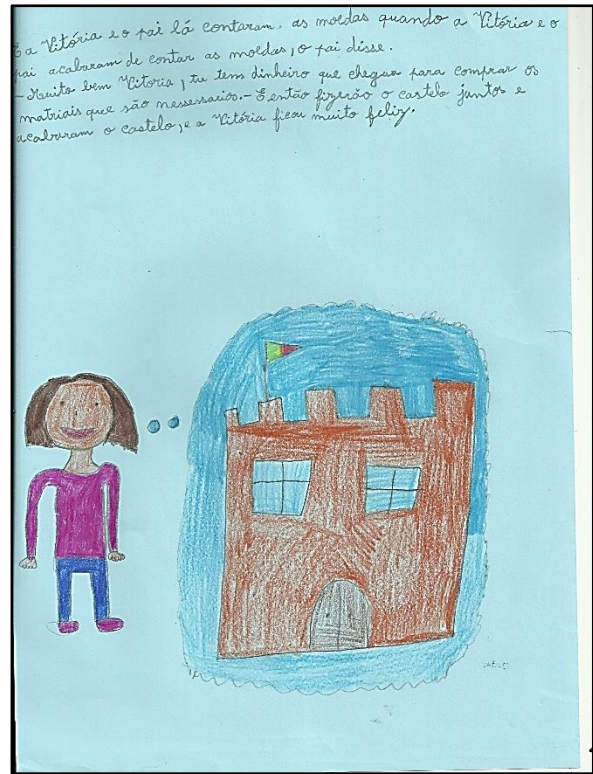
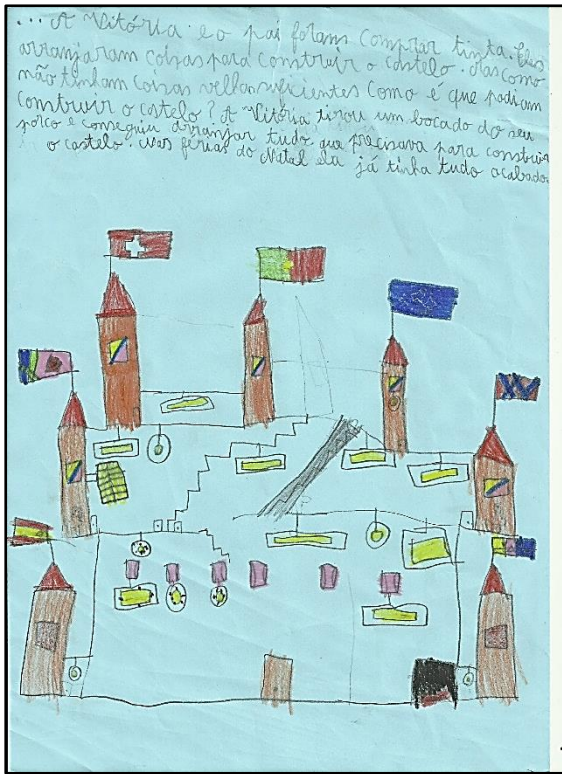
O que significa para ti esta expressão?

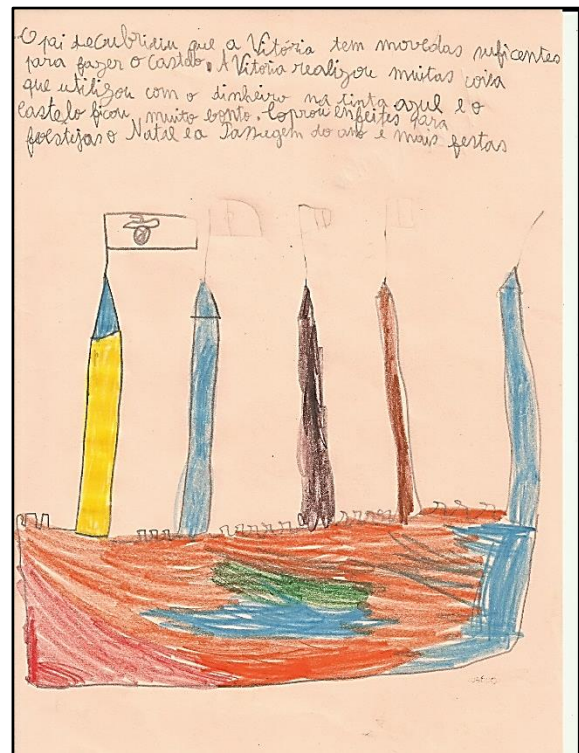
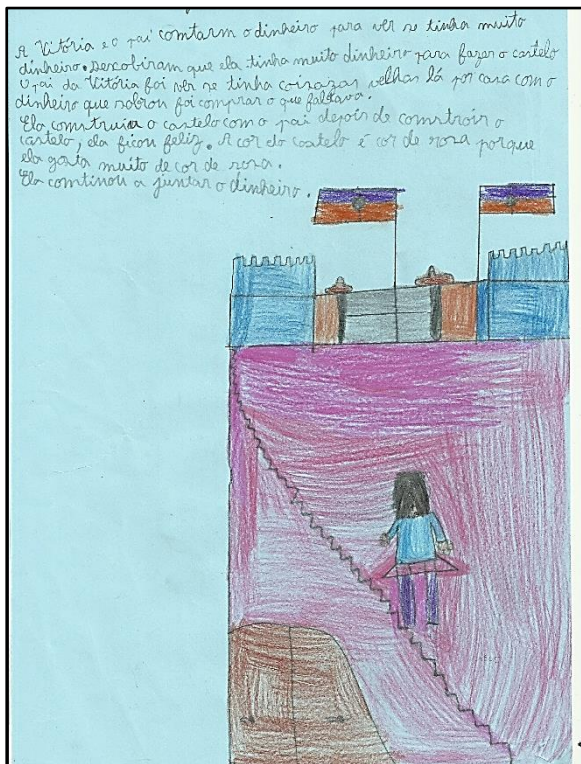
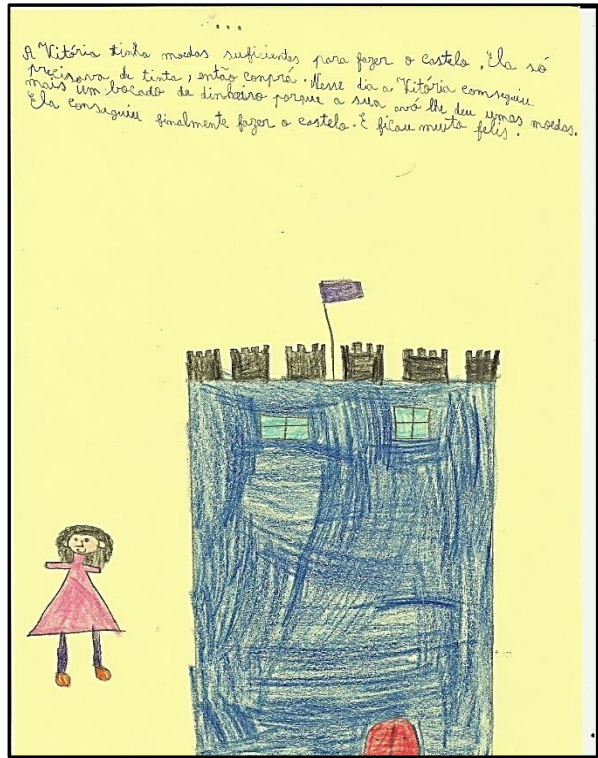
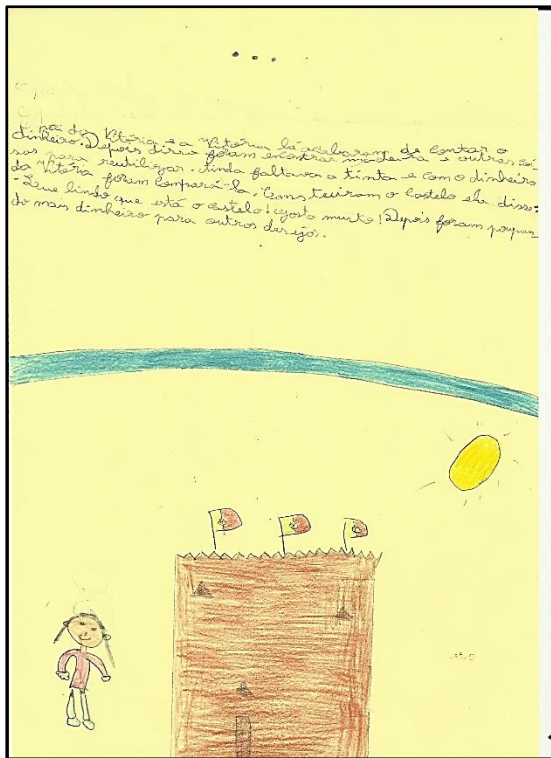
Esta expressão significa saber esperar.

O que significa para ti esta expressão?

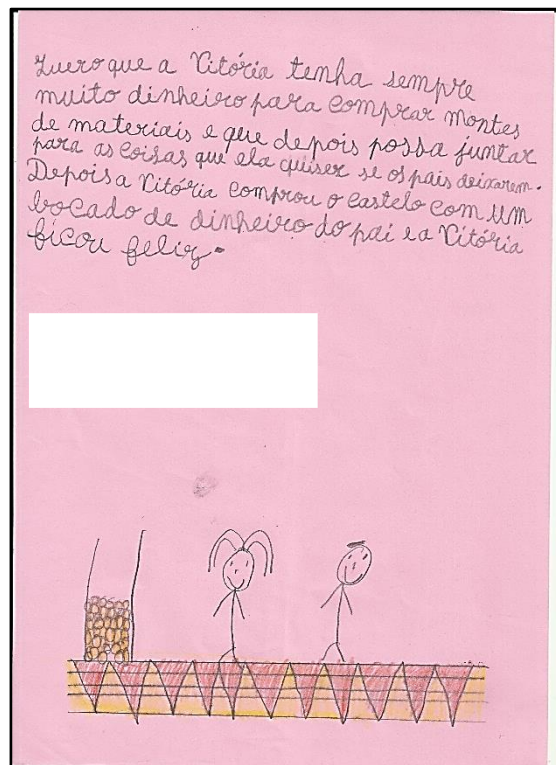
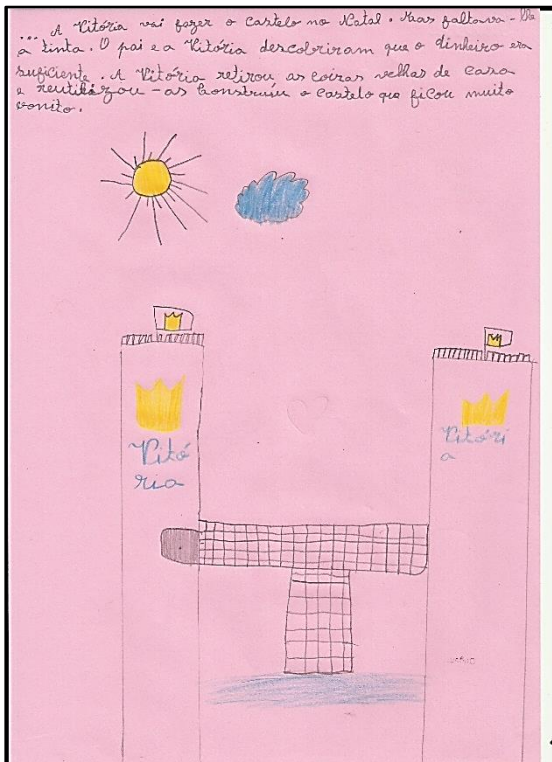
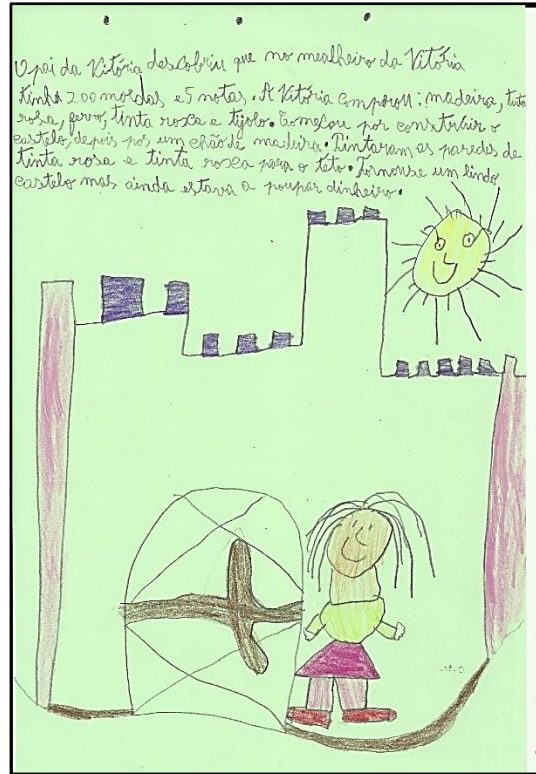
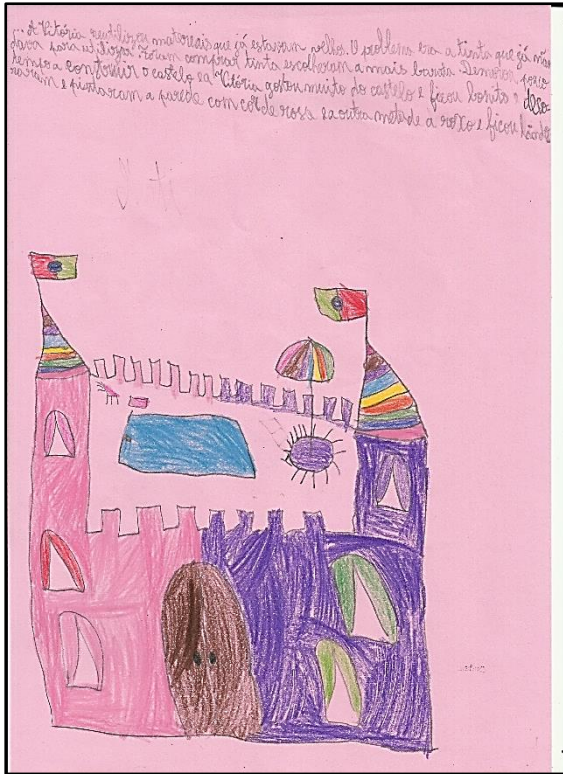
Bocadinho a bocadinho enchemos o que queremos.

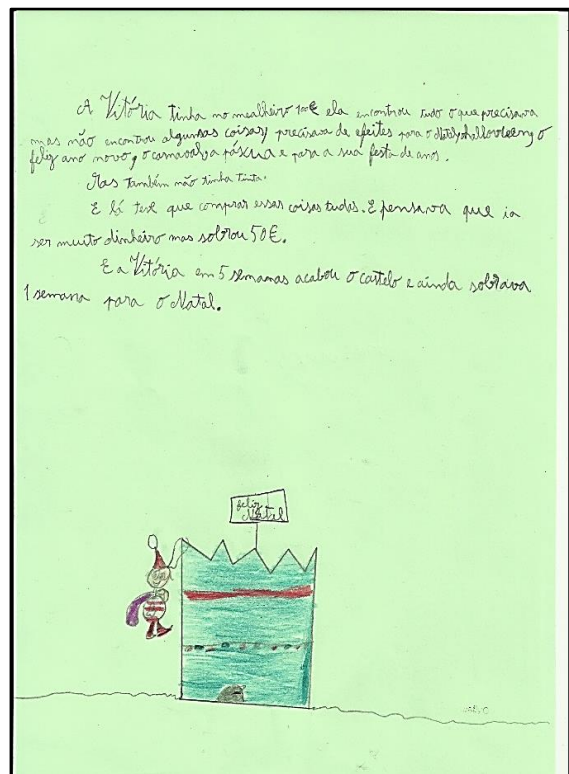
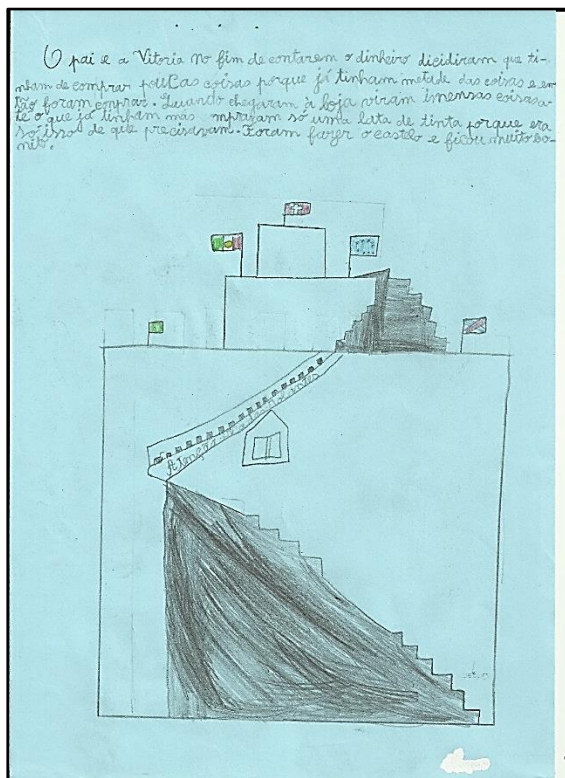
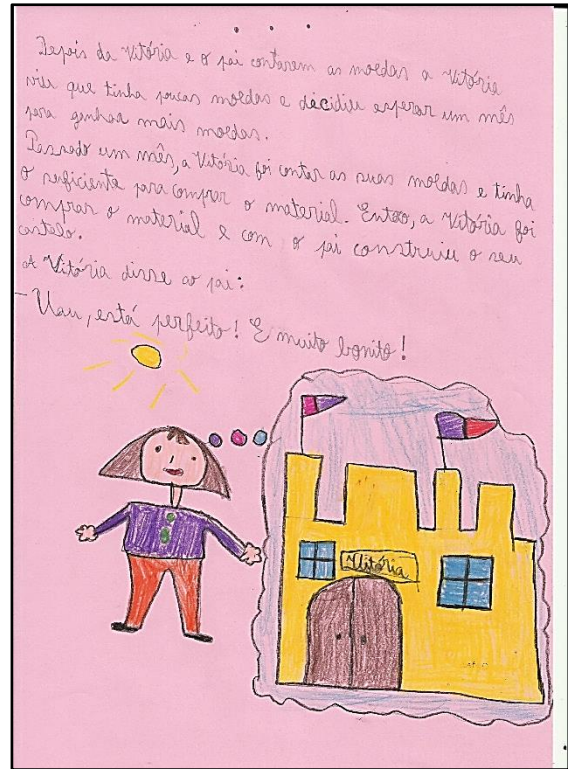
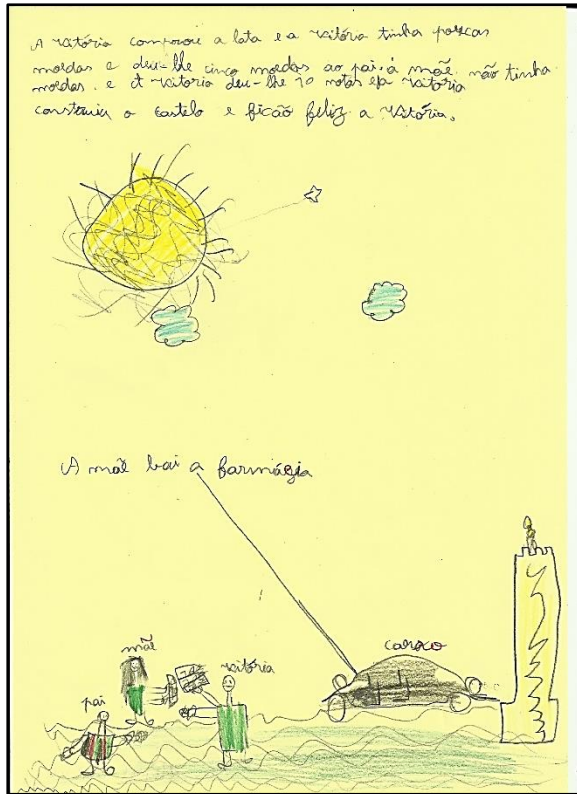
## ANEXO 9 – EVIDÊNCIAS (DESENHOS FINAIS - GRÃO A GRÃO ENCHE A GALINHA O PAPO)

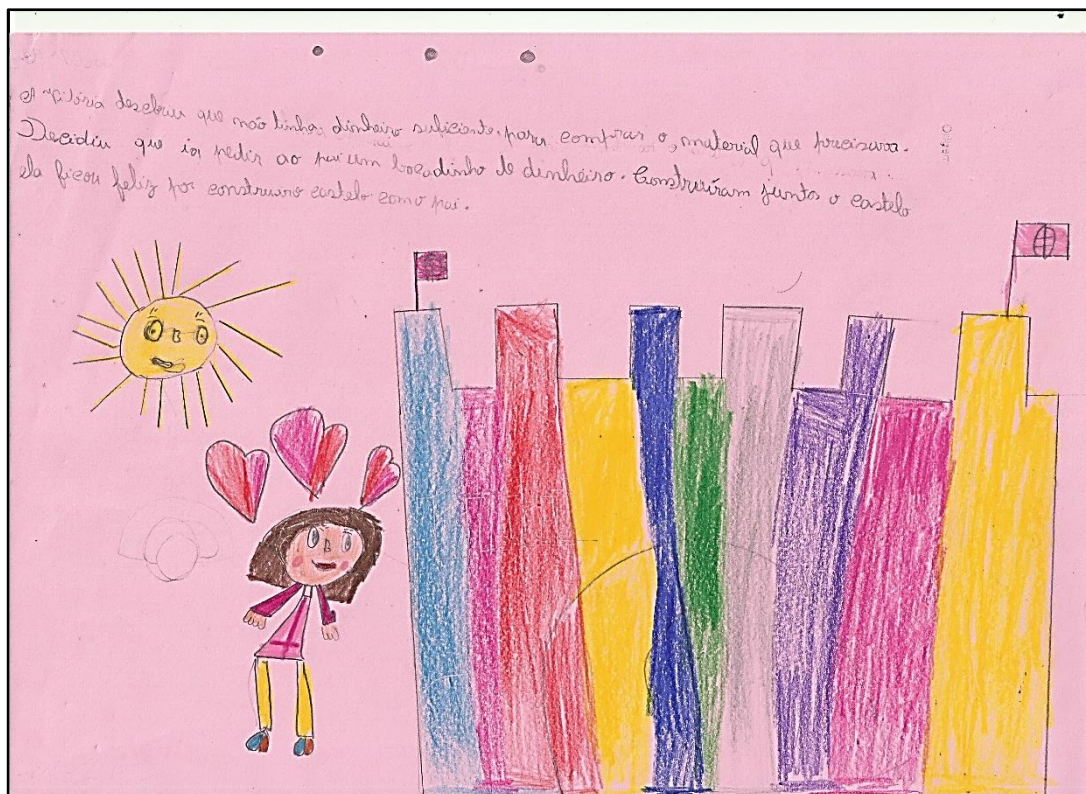
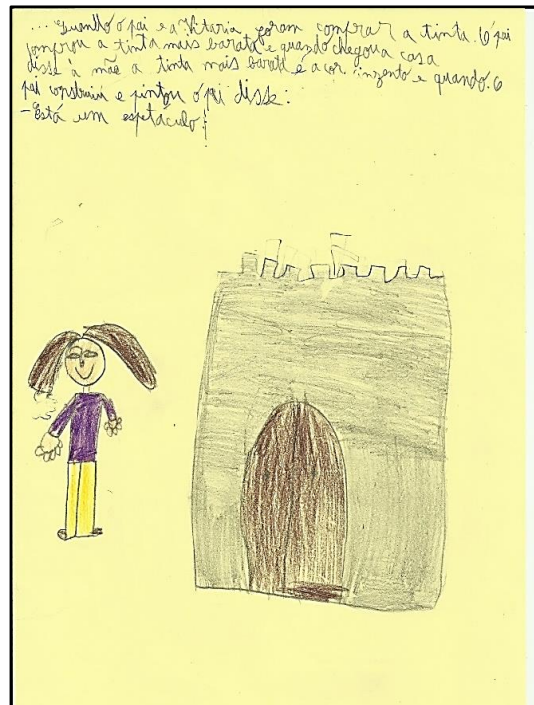
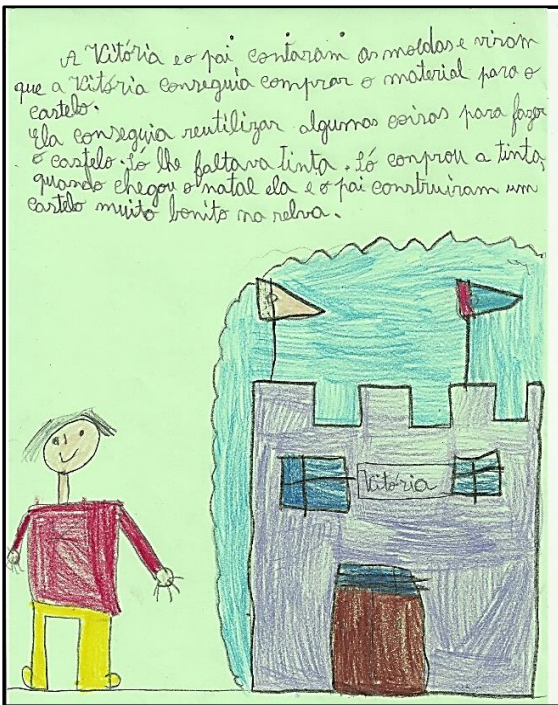














# ANEXO 10 – CÓDIGO MISTÉRIO (MODELO)

## CÓDIGO MISTÉRIO

Origem:

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26

☆	●	☁	▲	?		✿	◆	∞	✳	☆	✳	◆	☁	∞	?

✿	☆	♪	◆		●	☆	☁	3		✳	?	

⌚	∩	◆		✳	☁	♪	II	◆	☁	∞	?

Descobre o valor de cada símbolo, através de **cálculo mental**, o resultado das subtrações apresentadas.

$\text{✿} 48 - 26 =$        $\infty 29 - 11 =$        $\text{☆} 100 - 99 =$        $\text{II} 29 - 21 =$

$\text{✳} 16 - 12 =$        $\cap 41 - 20 =$        $\bullet 26 - 13 =$        $\frac{3}{3} 21 - 2 =$   
 =

$\text{☁} 15 - 5 - 1 =$        $\text{⌚} 30 - 13 =$        $\text{♪} 18 - 2 - 2 =$        $\text{?} 30 - 15 =$   
 =

$\text{♪} 24 - 12 =$        $\text{◆} 50 - 45 =$        $\text{▲} 14 - 7 =$

O resultado de cada subtração corresponde a uma letra do abecedário.

Faz corresponder no esquema os símbolos às respectivas letras e reescreve a frase.

\_\_\_\_\_



**ANEXO 11 – EVIDÊNCIAS (IDEIAS PRÉVIAS: AMIGO VERDADEIRO VALE MAIS DO QUE DINHEIRO)**

"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"	
O que significa para ti esta expressão?	Ser amigo de toda a gente.
O que significa para ti esta expressão?	Esta expressão quer dizer que um amigo nunca bate nos outros!
O que significa para ti esta expressão?	isto significa que o amigo vale mais do que o dinheiro
O que significa para ti esta expressão?	Para mim significa que um amigo é muito importante para a minha vida.
O que significa para ti esta expressão?	o que significa esta expressão é que o amigo vale muito mais do que o dinheiro.
O que significa para ti esta expressão?	Significa que amigo verdadeiro tem mais dinheiro.
O que significa para ti esta expressão?	o amigo vai dinheiro.
O que significa para ti esta expressão?	que um amigo é mais que dinheiro
O que significa para ti esta expressão?	significa que o amigo não é mentiroso.

"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"

O que significa para ti esta expressão?

A expressão significa que o amigo vale mais que dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Significa que um amigo vale mais do que dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Para mim significa que os amigos são mais importantes do que o dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

O amigo vale mais do que o dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Para mim esta expressão significa que quando nós somos verdadeiros, valemos mais do que o dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Isso significa que o amigo vale mais do que o dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Significa que ter amigos é melhor do que ter dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

É que um amigo verdadeiro vale mais do que o dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Isso para mim quer dizer que os amigos valem mais do que o dinheiro.



**"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"**

O que significa para ti esta expressão?

*porque o amigo vale mais do que dinheiro*

---

O que significa para ti esta expressão?

*Ele vale mais do que ter dinheiro*

---

O que significa para ti esta expressão?

*É um amigo que vale mais do que dinheiro*

---

O que significa para ti esta expressão?

*Significa que um melhor amigo vale mais do que dinheiro*

**ANEXO 12 – EVIDÊNCIAS (CONCLUSÕES: AMIGO VERDADEIRO VALE MAIS DO QUE DINHEIRO)**

**"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"**

O que significa para ti esta expressão?

---

**"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"**

O que significa para ti esta expressão?

*Porque é ter um amigo que vale mais do que dinheiro*

---

**"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"**

O que significa para ti esta expressão?

*Quando se tem um amigo que vale mais do que dinheiro*

---

**"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"**

O que significa para ti esta expressão?

*Para mim significa que quando se tem um amigo que vale mais do que dinheiro*

**"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"**

O que significa para ti esta expressão?

Esta significa amizade.

O que significa para ti esta expressão?

Significa amizade. mais

O que significa para ti esta expressão?

Um amigo verdadeiro nunca mente e ajuda quando precisa de ajuda mesmo que não goste dele.

O que significa para ti esta expressão?

É ser amigo e dizer sempre a verdade.

O que significa para ti esta expressão?

O amigo verdadeiro é que não mente.

O que significa para ti esta expressão?

Significa que quando nós somos bons para os outros valemos mais do que dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Que os amigos são importantes

O que significa para ti esta expressão?

Para mim esta expressão significa que quando nós somos verdadeiros valemos mais do que dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

O amigo tem dinheiro.

**"AMIGO VERDADEIRO, VALE MAIS DO QUE DINHEIRO"**

O que significa para ti esta expressão?

É ser amigo verdadeiro e ajudar quem precisa.  
que se quiserem de mais tem que sair para ajudar.

O que significa para ti esta expressão?

Ter amigos verdadeiros vale mais do  
que dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Esta significa que uma amizade e o amigo  
valem mais do que dinheiro e dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Porque amizade vale mais do que dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

A amizade é mais importante do que o dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

A amizade e amigos que valem  
mais do que o dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

Significa que os amigos são mais importantes  
do que o dinheiro.

O que significa para ti esta expressão?

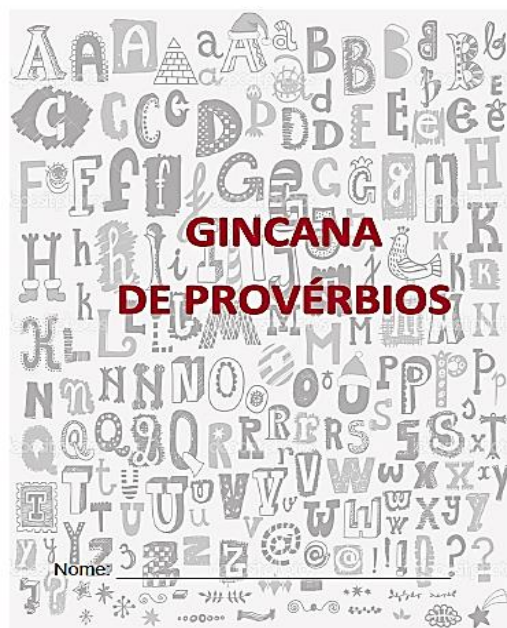
Esta expressão quer dizer que nós temos que ter amigos  
de verdade.

O que significa para ti esta expressão?

Esta expressão significa amizade.



## ANEXO 13 – GINCANA DOS PROVÉRBIOS (MODELO)



Olá!

Venho trazer-te um desafio para ti e para a tua família. Durante as tuas férias de Natal deves completar esta gincana, partilhando com os teus pais estas tarefas que te proponho.

Em cada um dos dias indicados deves reunir-te com a tua família e realizar uma tarefa relacionada com os PROVÉRBIOS.

**DIVIRTAM-SE EM FAMÍLIA!**

### **Dia 18 de dezembro de 2015**

Completa, seleccionando a opção correta, o seguinte provérbio:

"A brincadeira tem hora e \_\_\_\_\_"

- a) Brinquedos
- b) Amigos
- c) Lugar

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

**Dia 21 de dezembro de 2015**

Completa, pintando a opção correta, o seguinte provérbio:

“A cavalo dado não se olha ao \_\_\_\_\_”

Pelo	Trote	Dente
------	-------	-------

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

**Dia 22 de dezembro de 2015**

Constrói o seguinte provérbio, ordenando as palavras fornecidas:

mole / dura / até / dá / pedra / fura / tanto / que / Água / em

---

---

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

**Dia 23 de dezembro de 2015**

Completa, seleccionando a opção correta, o seguinte provérbio:

“Cada um sabe as \_\_\_\_\_ com que se \_\_\_\_\_”

- a) Agulhas / faz
- b) Linhas / cose

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

**Dia 28 de dezembro de 2015**

Seleciona a forma correta deste provérbio:

a) “Não deixes para amanhã o que podes fazer para o mês que vem”

b) “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje”

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

### **Dia 29 de dezembro de 2015**

Organiza as seguintes palavras e apresenta o provérbio que ela representam: *Quem / teme / deve / não / não*

---

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

### **Dia 30 de Dezembro de 2015**

Completa adequadamente o provérbio:

*"Faz o \_\_\_\_\_ sem olhares a \_\_\_\_\_"*

Partilha comigo o que significa este provérbio:

---

---

## **DESAFIO FINAL**

Deves, agora, eleger junto da tua família **um provérbio**.

Juntos devem **construir um objeto** que identifique esse mesmo provérbio e o que ele significa (pode ser um cartaz, uma bandeira, ou outros).

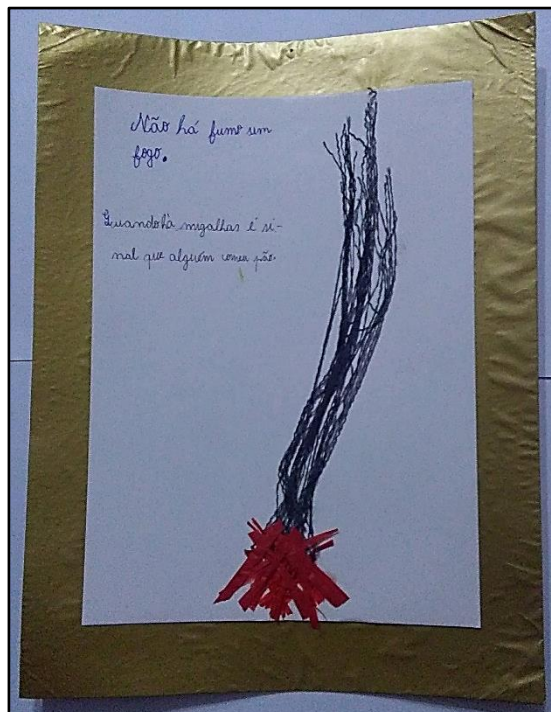
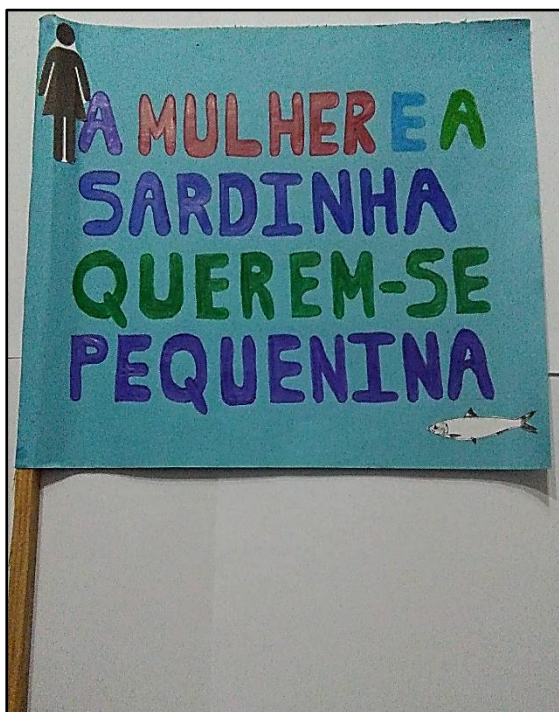
Deves levar para a escola esse objeto no **primeiro dia do 2º período** e apresenta-lo à tua turma no momento mais oportuno.

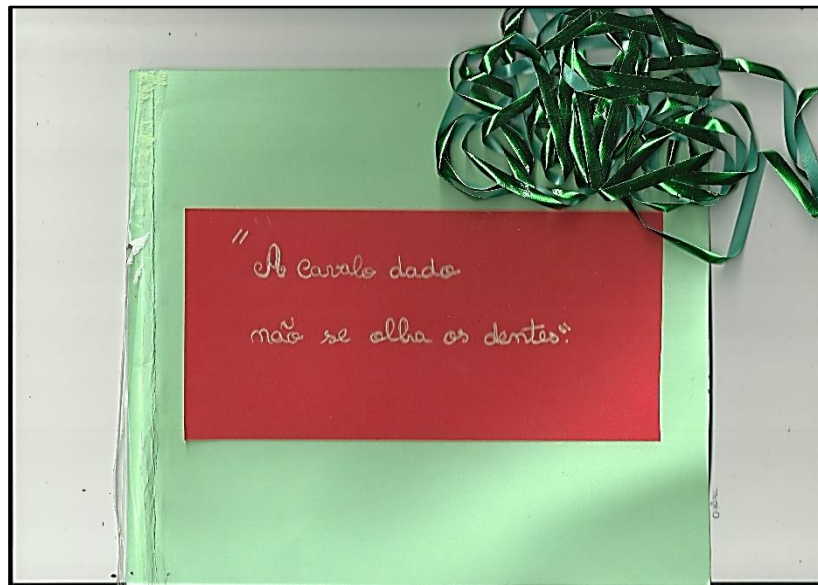
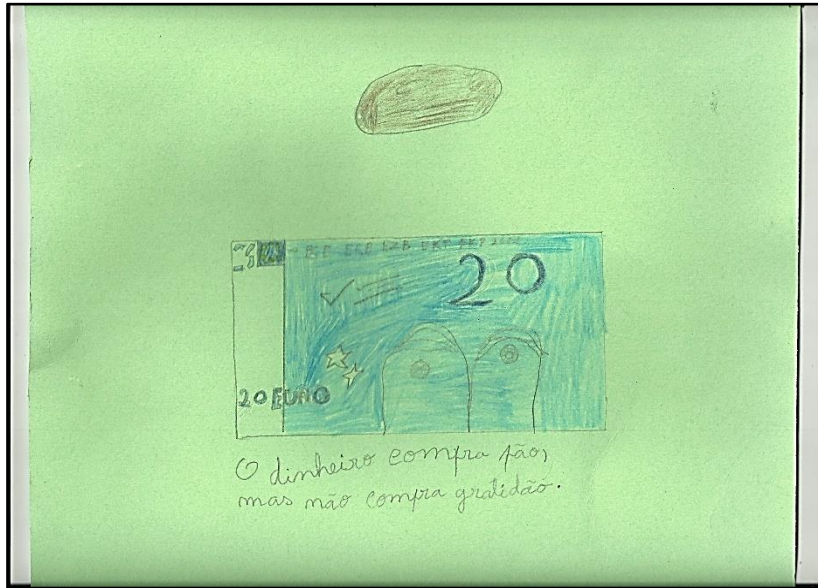
Usem a vossa **imaginação e criatividade**. Mas, acima de tudo, **DIVIRTAM-SE EM FAMÍLIA**.





## ANEXO 14 – EVIDÊNCIAS (DESAFIO FINAL DA GINCANA DOS PROVÉRBIOS)





FAZO BEM SEM OLHARES A QUEM.

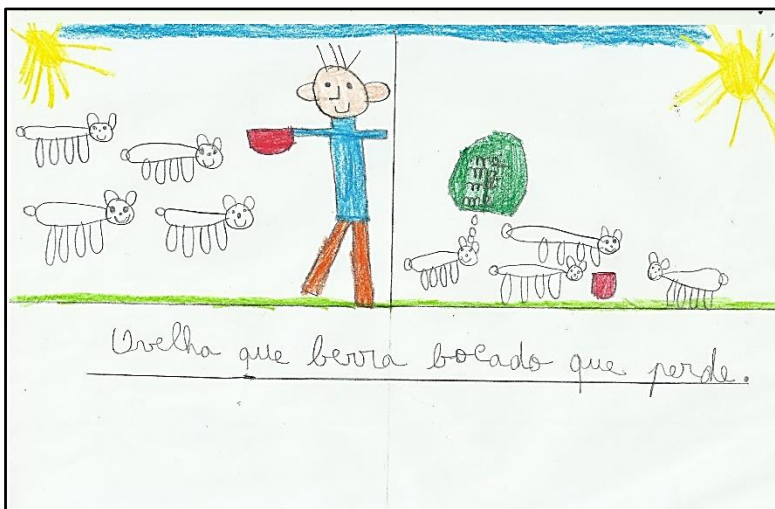
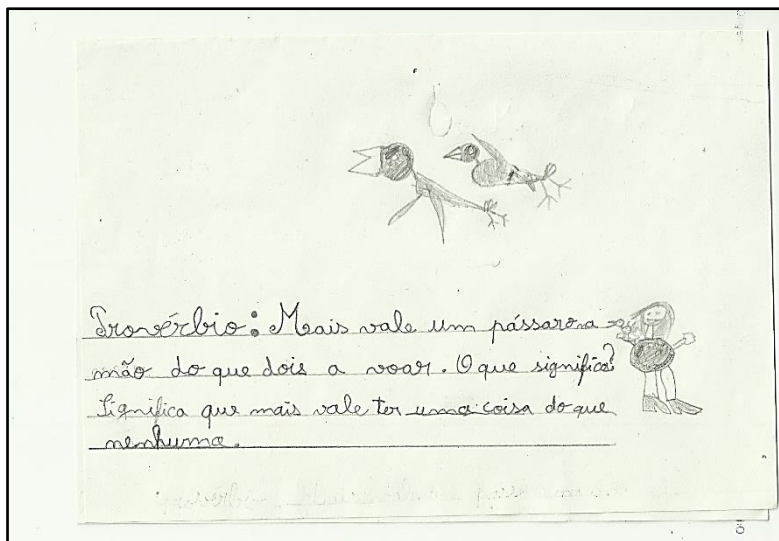


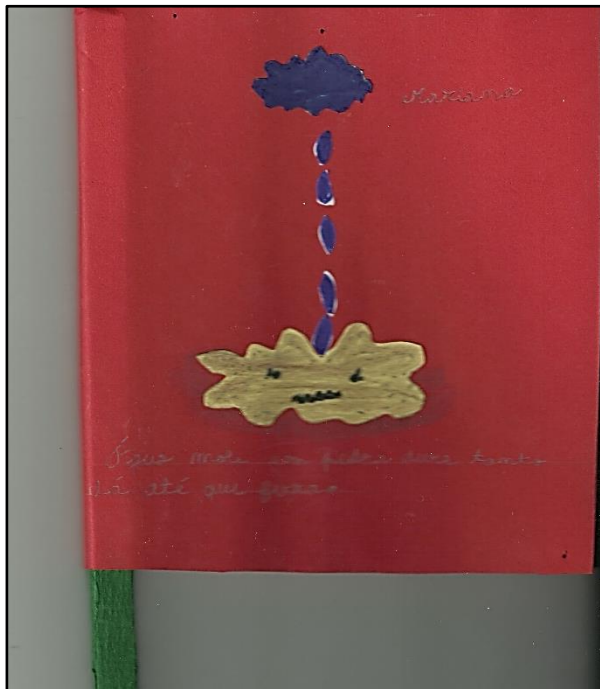
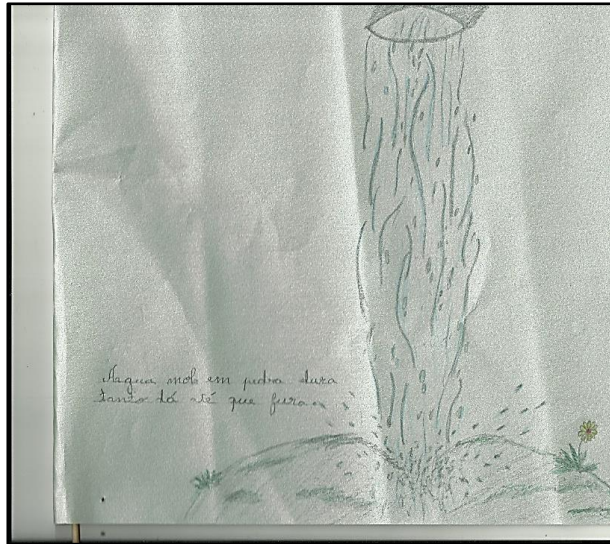
Quem tem boca vai a Roma.  
 Significa: Quem pergunta chega ao seu destino.



Não tudo o que reluz é ouro.  
 Significa: Não devemos prestar atenção só nas aparências.









## ANEXO 15 – QUESTIONÁRIO À FAMÍLIA (MODELO)



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



Agrupamento de Escolas de Barroselas

### Questionário sobre os provérbios

Venho por este meio solicitar aos encarregados de educação do aluno a sua participação neste questionário.

A informação recolhida neste questionário será absolutamente confidencial, por esse motivo peço que as respostas sejam dadas da forma mais sincera possível.

Obrigado pela sua colaboração.

A professora-estagiária Sara Rodrigues

**Assinale com uma cruz,☒, a resposta pretendida:**

**1. O QUE É UM PROVÉRBIO?**

- \* Uma frase que rima;
- \* Uma frase que conta uma história;
- \* Uma frase que contém uma mensagem de cidadania;

**2. O QUE ENSINA UM PROVÉRBIO?**

- \* Lições importantes sobre cidadania;
- \* A rimar;
- \* Conhecimentos das pessoas mais velhas;

**3. QUEM TRANSMITE/ENSINA OS PROVÉRBIOS?**

- \* Os mais velhos;
- \* Os meios de comunicação social;
- \* Os amigos;

4. O QUE PENSA SOBRE OS PROVÉRBIOS SEREM UM TEMA ABORDADO NA **ESCOLA?**

- \* É importante porque é património cultural e social.
- \* Acho desnecessário, não tem importância.
- \* É importante porque essas transmissões culturais estão a perder-se.

5. COM QUE **FREQUÊNCIA** ENSINA/EXPLICA PROVÉRBIOS AO SEU EDUCANDO NO CONTEXTO FAMILIAR?

- \* Nunca falamos sobre assunto até aparecer a proposta da Gincana de provérbios, na paragem letiva.
- \* Esporadicamente se o educando perguntar.
- \* Sempre que acho pertinente, enuncio o provérbio e explico-lho.

6. COM QUE **FREQUÊNCIA** O SEU EDUCANDO MENCIONA OS PROVÉRBIOS NO CONTEXTO FAMILIAR?

- \* Desde que iniciou o seu percurso escolar (educação pré-escolar e entrada no 1º ciclo)
- \* Menciona, com regularidade, desde a sua passagem para o 2º ano de escolaridade.
- \* O educando nunca menciona provérbios.

7. RELATIVAMENTE À **ATIVIDADE FAMILIAR** (gincana dos provérbios) PROPOSTA PARA A PARAGEM LETIVA DO NATAL, QUAL A SUA OPINIÃO?

- \* Uma boa forma de passar momentos em família.
- \* Uma forma de transmitirmos conhecimento aos nossos educandos.
- \* Um trabalho de casa que proporcionou, de forma interessante e divertida, a transmissão de conhecimentos aos nossos educandos em família.



ANEXO 16 – EVIDÊNCIAS (AMOR COM AMOR SE PAGA)

Amor com amor se paga significa que que quando nós temos amor somos amigos.  
Amor com amor se paga significa que nós devemos dar aos outros o que nos dá de bom.

Amor com amor se paga.  
Amor não significa que temos de ser todos amigos.  
Amor não significa que quando uma pessoa nos faz uma coisa temos de fazer outra coisa.

Amor com amor se paga  
significa que o amor não se paga  
nem de alguém nos dá alguma coisa os sentimentos  
motivação.

Amor com amor se paga.  
Significa que o amor não se paga.  
significa que quando alguém faz o que nós cremos nós também fazemos.

Amor com amor se paga.  
Que o amor paga mais do que o dinheiro.  
Quando nos dão amor nós devemos dar amor.

amor com amor se paga  
Significa que se damos amor a outra pessoa  
também dá amor.  
Se nós quisermos que nos tratem bem também  
temos de tratar bem os outros

amor com amor se paga.  
Significa que não temos que pagar se ~~tem~~ amamos alguém.  
Significa que se alguém te dá amor tu também dás amor

Amor com amor se paga.  
significa que quando nos alguém faz algo nós também temos de  
lhe fazer  
o provérbio significa que quando alguém nos faz o bem, nós tam-  
bém temos de lhe fazer o bem

Amor com amor se paga.  
O amor é dinheiro.  
Quando fazemos uma coisa boa também de  
fazer a mesma.

Amor com amor se paga  
significa que temos que enfrentar os perigos.  
significa que se uma pessoa fizer uma coisa boa, nós  
nós também devemos fazer uma coisa boa.

Amor com amor se paga.  
Significa que é preciso saber gostar muito de uma coisa.

Significa tratar os outros bem para eles também nos tratem bem.

Amor com amor se paga.  
Significa que quando nos tratam bem, nós também devemos tratar bem a eles.

Amor com amor se paga.  
Quando o amor é dado, os outros também darão a mesma coisa.  
Quando os outros nos tratam bem, nós também devemos tratar bem a eles.

Amor com amor se paga.  
Significa que o amor paga.  
Significa que quando fazemos uma coisa aos outros, eles também que fazer a nós.

Amor com amor se paga.

O porvir se significa que quer dizer que amor  
com amor se paga se nós fizermos uma  
coisa de não pagar.

Quando nós fazemos uma coisa boa e o outro  
também tem de fazer uma coisa boa.

Amor com amor se paga

É porque o amor não se paga.

Quando nós damos bem ao outro tem de dar bem  
bem

Amor com amor se paga  
O porvir se amor com amor se paga  
Significa se nós fizermos uma coisa  
de não pagar.

Nós damos amor e o outro pessoa que  
nos agradece e damos amor.

Amor com amor se paga.

Quando  
quando temos amor temos que pagar.  
pagar

Quando damos uma coisa essa pessoa tem também tem  
que dar.

Amor com amor se paga.  
Quis dizer se alguém gostar muito de nós depois pode deixar.  

---

De alguma pessoa fizemos o bem nós também temos que ser bem.

Amor com amor se paga.  
Significa que o amor é infinito.  
Significa que fazer o bem aos outros para que façam o bem com você.

Amor com amor se paga.  
Para mim significa que é pagar dinheiro.  

---

Amor com amor se paga significa fazer o bem para os outros também nós também bem.  
Educação Especial











